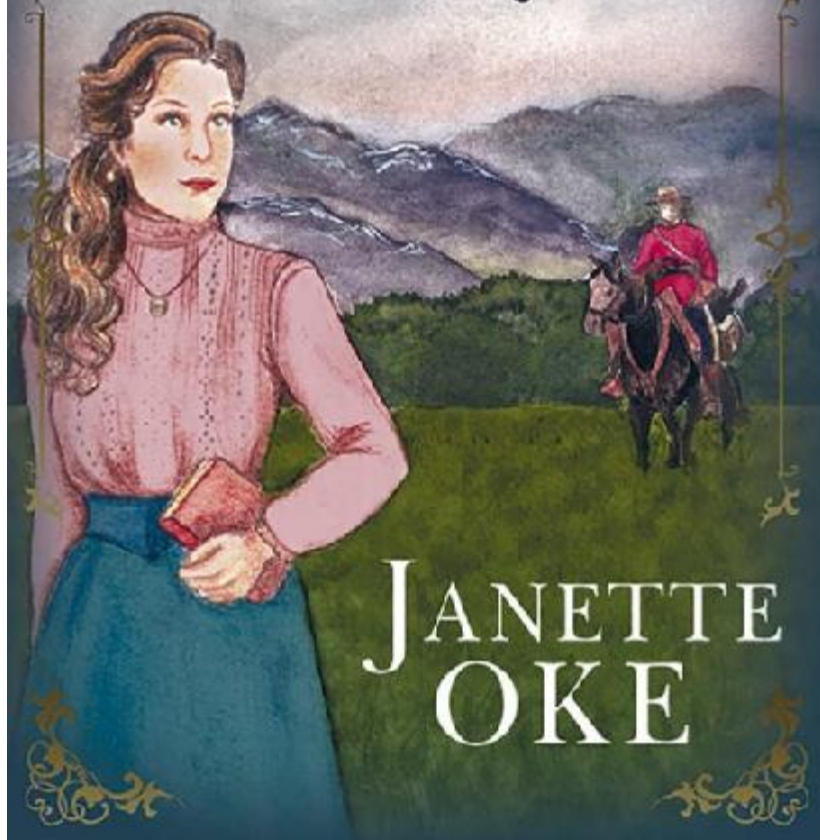


QUANDO *chama o* ORAÇÃO



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

QUANDO *chama o* ORAÇÃO



JANETTE
OKE

Copyright 1983 by Janette Oke Originally published in English under the title *When Calls the Heart* by Bethany House Publishers, a division of Baker Publishing Group, Grand Rapids, Michigan, 49516, U.S.A. All rights reserved.

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA UPBOOKS

Rua Francisco Otaviano Queluz, 103
Braz Cavenaghi, Itapira, SP - 13976-508
email: contato@upbooks.net.br
www.upbooks.com.br

Direção e tradução **Eneas Francisco**
Edição e copidesque **Carla Montebeler**
Ilustração da capa **Dyene Corrêa Nogueira**
Revisão **Thaís Santos**

Prefácio

1. Elizabeth

2. O primeiro passo

3. A caminho

4. Calgary

5. Família

6. Apresentações

7. O Plano do Sr. Higgins

8. A nova escola

9. O deserto

10. Lars

11. Os Petersons

12. Indo à cidade

13. Sábado

14. Domingo

15. As Aulas Começam

16. Inquilinos Indesejados

17. Culto de Domingo

18. Cartas

19. A Caçadora de Ratos

20. Um Visitante

21. Alunos

22. O Fogão da Escola

23. Planos

24. Napoleão

25. A Festa Beneficente

26. Andy

27. As Férias Escolares

28. Dee

29. Volta às Aulas

30. O Programa de Natal

31. A Véspera de Natal

32. O Dia de Natal

33. A Confissão

34. De Volta à Pine Springs

35. A Primavera

36. As Aulas Terminam

A autora

Prefácio

Gostaria de fornecer a meus leitores alguns fatos sobre a Polícia Montada do Noroeste. A Força foi fundada em 1873, como resposta aos problemas do comércio de bebidas ilícitas e da desordem no Oeste. Soubemos que o Montado se vestia com um casaco vermelho para distingui-lo da Cavalaria dos EUA. O trabalho do Montado era fazer as pazes com os índios, não derrotá-los; e muitas das tribos indígenas com as quais ele tinha que lidar já haviam entrado em conflito com as tropas da fronteira do Sul. Seja qual for o motivo, o casaco escarlate logo se tornou um diferenciador e destacava o homem que o usava.

O uniforme e o nome evoluíram. O título de Real Polícia Montada do Noroeste foi concedido pelo rei Edward VII em 1904, em reconhecimento à contribuição da Força para o Canadá. Em 1920, o nome foi alterado para Real Polícia Montada Canadense. Eventualmente, o casaco vermelho foi adotado como o uniforme da Força, e um casaco marrom mais prático foi escolhido para o serviço regular, porque, disse o superintendente Steele, era “quase impossível para um homem limpo e arrumado manter o casaco vermelho limpo por três meses na trilha”. O chapéu também mudou do original pill-box, com suas várias formas e desenhos, para o Stetson, que foi aprovado em 1901.

Foi a Corrida do Ouro Yukon^[1] de 1895 que trouxe os Montados para o Extremo Norte. Em 1898, havia doze oficiais e 254 sargentos e policiais em Yukon. A Polícia Montada então usava uma nova forma de transporte – trenós puxados por cães. Com a ajuda seus huskies, eles policiavam centenas de quilômetros quadrados de território coberto de neve. Caçadores, comerciantes e povoados indígenas estavam espalhados por suas áreas de patrulha.

Embora eu tente não ser muito sentimental ao pensar nos Montados e em sua contribuição para o desenvolvimento do Oeste canadense, para mim eles são um símbolo vivo da minha terra natal no Canadá. Ao povo da região de Lacombe, posso garantir que, entre os nomes de Spruceville, Blackfalds, Brookfield, Turville e Iowalta; Woody Nook, Jones Valley, Canyon e Eclipse; Eureka, Spring Valley, Arbor Dale e Blindman; Central, West Branch, Birch Lake e Lincoln; Milton, MT. Grove, Sunny Crest e Morningside; Gull Lake, Lake Side e Fairview; você não encontrará Pine Springs. Você também não encontrará um personagem histórico que combine com o pai de Pearlíe na cidade de Lacombe. Todos os personagens desta história são fictícios, sem nenhuma semelhança intencional com pessoa viva ou in memoriam.

Posso assegurar-lhe também que, tendo crescido na região de Hoadley e tendo passado meus primeiros anos de aprendizado na escolinha com uma única sala em Harmonien, tenho muito amor e muitas boas lembranças da vida na comunidade rural de Alberta.

Capítulo 1

Elizabeth

Foi uma grande surpresa para mim. Oh, não a carta em si. Estávamos todos acostumados à chegada de cartas do meu meio irmão, Jonathan. Elas vinham com bastante regularidade e sempre causavam um pequeno rebuliço em nossa casa. Não, não foi a carta, mas o conteúdo que me pegou completamente desprevenida. E a reação da mamãe foi ainda mais surpreendente.

O dia, 12 de abril de 1910, começara como todos os outros. Levantei-me cedo, tive um momento de oração tranquilo no meu quarto, cuidei da minha higiene pessoal, tomei café da manhã com a família e saí às 8h para caminhar os onze quarteirões até a escola onde ensinava. Eu tinha o hábito de chegar cedo, para ter tempo de sobra para fazer os preparativos da manhã antes da chegada dos alunos. Normalmente eu era a primeira professora a chegar, porque gostava de desfrutar da quietude matinal do edifício, que logo ficaria barulhento.

Enquanto caminhava naquela deliciosa manhã de primavera, o mundo parecia especialmente bonito e vivo. Por alguma razão, o ar perfumado de flores e o canto dos pássaros me fizeram dar uma olhada rara no meu interior.

“E como você está nesta agradável manhã de primavera?”, eu me perguntei.

“Estou bem, obrigada”, respondi silenciosamente, e quase corei quando olhei em volta rapidamente, com medo de que alguém pudesse ler meus pensamentos. Não era comum eu falar sozinha, mesmo silenciosamente, especialmente quando caminhava por uma rua pública e coberta por bordos. Mas ninguém dividia a calçada comigo no momento, então o diálogo interno continuou.

“Você está bem? E o que torna seu dia tão glorioso, seu passo tão leve?”

“A manhã; a própria vida; a própria fragrância do ar que respiro.”

“É legal – mas você sempre foi uma alma que teve prazer em apenas estar viva. Declaro que você ficaria feliz e contente em qualquer lugar da terra verde de Deus.”

“Não, na verdade, não. Na verdade, não.”

A mudança repentina da conversa e de minha emoção me surpreendeu. Havia uma agitação estranha e desconhecida dentro de

mim. Uma inquietação estava lá, me implorando pela devida atenção. Tentei empurrá-la de volta para um canto oculto do meu ser, mas ela avançou.

“Você sempre faz isso!”, declarou calorosamente. “Sempre que tento levantar a cabeça, você me empurra para baixo, me empurra de volta. Por que você está com tanto medo de me confrontar?”

“Medo?”

“Sim, com medo.”

“Eu não estou com medo. É que eu acredito – aprendi – que uma pessoa deve se contentar com o que tem, especialmente sendo tão abençoada quanto eu. É uma pena – não, um pecado – sentir-se descontente enquanto desfruta de todas as coisas boas que a vida – e Papai – me oferecem.”

“Sim, seria um pecado desconsiderar tais bênçãos. Eu não quero que você faça isso. Mas talvez, apenas talvez, acalmaria sua alma se você analisasse justa e diretamente esse pequeno anseio que a puxa para baixo de vez em quando.”

Foi um desafio; e embora eu ainda estivesse com medo, e talvez não pouco culpada, decidi que deveria dar uma olhada nesse anseio interior para que a voz se acalmasse.

Nasci Elizabeth Marie Thatcher, em 3 de junho de 1891, a terceira filha de Ephraim e Elizabeth Thatcher. Meu pai era um comerciante na cidade de Toronto e as coisas iam muito bem para ele e sua família. De fato, éramos parte da classe alta, e eu estava acostumada a todos os benefícios materiais que vinham com esse status. Aquele era o segundo casamento de mamãe. Ela havia sido casada com um capitão a serviço do rei, e da união nasceu um filho, meu meio-irmão, Jonathan. O primeiro marido dela foi morto quando Jonathan tinha apenas três anos; mamãe, portanto, voltou para a casa de seu pai, trazendo consigo seu filho pequeno.

Meu pai conheceu minha mãe em um jantar de Natal oferecido por amigos em comum. Ela acabara de sair oficialmente do luto, embora achasse difícil guardar sua dor como fez com suas roupas. Muitas vezes me perguntei o que mais atraía meu pai, se a beleza da jovem viúva ou sua óbvia necessidade de alguém para amá-la e cuidar dela. De qualquer forma, ele a cortejou e a conquistou, e eles se casaram no novembro seguinte.

No ano seguinte, minha irmã mais velha, Margaret, nasceu. Ruthie veio dois anos depois. Mamãe perdeu um bebê entre Ruthie e eu, o que quase partiu seu coração. Acho que agora ela se decepcionou por eu não ser um menino, mas, por alguma razão, fui eu quem ela escolheu para dar seu nome. Julie chegou dois anos depois de mim. Então, dois anos e meio mais tarde, para o deleite da mamãe, nasceu

outro filho, nosso irmão mais novo, Matthew. Não posso culpá-la por estragar o Matthew, pois sei muito bem que todos fizemos isso. Desde o momento em que ele chegou, todos nós o mimamos e nos preocupamos com ele.

Não nos faltava nada em casa. Papai nos proveu de todo o bem, e mamãe passou horas se certificando de que suas filhas se tornassem damas. Juntos, meus pais assumiram a responsabilidade por nossa educação espiritual e, dentro dos limites adequados, fomos encorajados a ser nós mesmos.

Margaret era a maternal da família. Ela se casou aos dezoito anos e estava perfeitamente satisfeita em se dedicar completamente a fazer um lar feliz para o marido e sua pequena família. Ruth era a musical, e foi incentivada a desenvolver seu talento como pianista sob a tutela dos melhores professores disponíveis. Quando conheceu um violinista jovem e promissor em Nova York, ela decidiu que preferia acompanhá-lo em vez de se tornar uma solista; meus pais lhe deram a sua bênção.

Eu era conhecida como a prática, aquela com quem sempre se podia contar. Era eu quem mamãe chamava se houvesse um problema ou calamidade quando papai não estava em casa, contando com o que chamava de minha “cabeça fria” e “pensamento rápido”. Mesmo em tenra idade, eu sabia que ela muitas vezes dependia de mim.

Acho que foi o meu lado prático que me preparou para a independência e, com isso em mente, estudei para ser professora. Eu sabia que mamãe pensava que uma dama atraente e agradável, como ela me criou para ser, não precisava de uma carreira; afinal, um casamento adequado estava disponível bastando acenar um rosto bonito para algum pretendente. Mas ela segurou a língua e até me encorajou em minha busca.

Eu adorava crianças e entrei na sala de aula com confiança e prazer. Gostei imensamente dos alunos da terceira série.

Minha irmã, Julie: a voadora, a caçadora de aventuras, a romântica. Eu a amava muito, mas muitas vezes me desesperava com sua tolice. Ela era delicada e bonita, por isso não teve dificuldade em receber muita atenção masculina; mas, de alguma forma, isso não era suficiente para ela. Orava diariamente por Julie.

Mathew! Suponho que fui a única na família a sentir, pelo menos com muita frequência, preocupação por Matthew. Eu podia ver o que todos nós tínhamos feito ao mimá-lo tanto, e me perguntava se tínhamos ido longe demais. Agora adolescente, ele era querido demais para sofrer por causa da atenção excessiva de uma família descuidada. Ele e eu geralmente tínhamos pouco tempo juntos quando tentava explicar para ele as responsabilidades do mundo adulto. No começo,

senti que minha abordagem sutil estava além do que ele podia compreender, mas então comecei a ver uma consciência do significado das minhas palavras. Ele se tornou menos exigente e começou a se afirmar, no sentido apropriado, para se manter independente. Alimentei a esperança de que não o tivéssemos arruinado. Ele estava mostrando uma força de caráter que se manifestava no amor e preocupação pelos outros. Nosso Matt se tornaria alguém, apesar de nós.

Meu devaneio matinal foi interrompido pela música particularmente doce de um Ronin[2]. Ele parecia tão feliz quando se empoleirou em um galho acima da minha cabeça, e meu coração parou de analisar minha família para cantar com ele sua canção.

Bem, pensei quando nossa música terminou, certamente a inquietação não vem porque eu não aprecio os benefícios que Deus me deu, nem porque eu não amo minha família. Um pouco do sentimento de culpa começou a sumir de mim. Eu me senti muito melhor por ter descoberto honestamente esses fatos.

“Assim...”, eu continuei: “*Por que estou me sentindo inquieta? O que há de errado comigo?*”

“*Não há nada de errado*”, disse o eu interior. “*Como você disse, você não é insensível nem indiferente. No entanto, é verdade que você está inquieta. Isso não prova que algo está faltando, mas que é hora de seguir em frente. Só isso.*”

“*Seguir em frente?*”. Fiquei tão incrédula, como se a resposta tivesse vindo de um total estranho.

“*Certamente. O que você acha que traz o pássaro de volta a cada primavera? Não é que ele não tenha mais seu ninho, nem sua comida. Ele apenas sabe que é hora de seguir em frente.*”

“*Mas para ONDE? Quando?*”

“*Você saberá quando chegar a hora.*”

“*Mas não tenho certeza se quero*” – silêncio.

Eu jamais havia considerado “seguir em frente” antes. Eu era muito caseira. Não estava nem um pouco empolgada com a ideia de casamento. Ah, eu supunha que em algum lugar, algum dia, haveria alguém, mas certamente não tinha intenção de sair procurando por ele, nem fiquei muito impressionada com nenhum dos jovens que haviam se interessado por mim. Em mais de uma ocasião, desculpei-me e entreguei-os alegremente a Julie. Ela também parecia satisfeita com o arranjo; mas os sentimentos dos jovens envolvidos, devo confessar vergonhosamente, me preocupavam muito pouco.

E agora eu deveria “seguir em frente”?

A inquietação dentro de mim mudou para um novo sentimento: medo. Sendo uma pessoa prática e sabendo muito bem que não estava preparada para lidar com essas novas atitudes no momento, tirei-as da cabeça. Entrei no prédio da escola e na sala da terceira série, e deliberadamente decidi me concentrar no exercício de ortografia para a primeira aula da manhã. Robert Ackley ainda estava tendo problemas. Eu tinha tentado tudo o que sabia para ajudá-lo. O que mais eu poderia fazer?

Passei o dia inteiro tão séria que foi estranho até para mim. Nunca antes eu havia me concentrado tanto em minhas lições para torná-las interessantes e compreensíveis. No final do dia, estava exausta; então decidi limpar a lousa e voltar para casa. Normalmente, passava cerca de uma hora em preparação para as lições do dia seguinte, mas dessa vez não me senti bem. Limpei apressadamente os apagadores, enfiei alguns livros na minha bolsa, fechei a porta da sala de aula com segurança e saí do prédio de três andares.

A caminhada para casa me refrescou um pouco; até vi o pássaro com quem eu havia feito um dueto naquela manhã! Senti-me mais como eu mesma quando subi os degraus da frente e entrei. Mamãe estava na pequena varanda servindo o chá que Martha, nossa empregada, havia trazido. Ela nem pareceu surpresa ao me ver em casa mais cedo.

— Deixe seu chapéu de lado e junte-se a mim — ela chamou. Detectei empolgação na voz dela.

Coloquei meu xale e chapéu na mesa do corredor e tomei uma cadeira à sua frente. Achei que me faria bem uma xícara de chá quente e forte.

— Recebi uma carta de Jonathan — mamãe anunciou enquanto me entregava a xícara. Presumi então que sua empolgação se devia à carta de Jonathan ou às notícias que ela continha.

Jonathan ainda era especial para mamãe. Sendo seu primogênito e único filho desde seu primeiro casamento, ele também foi seu primeiro amor, de várias maneiras. Julie havia sugerido que mamãe amava Jonathan mais do que todos nós. Tentei convencer Julie de que mamãe não o amava mais, apenas de maneira diferente.

Muitas vezes pensei o quão difícil deve ter sido para ela liberá-lo, deixá-lo ir. Jonathan tinha apenas dezenove anos quando decidiu ir para o Oeste. Eu tinha apenas quatro anos na época e era jovem demais para entender, mas, depois que ele partiu, percebi que havia algo diferente em nossa casa, na mamãe, embora ela se esforçasse ao máximo para não deixar que isso afetasse toda a família. Três meses após a partida de Jonathan, o bebê Matthew chegou e o mundo de mamãe ganhou novo significado. No entanto, nem mesmo Matt havia

tomado o lugar de Jonathan em seu coração.

E agora mamãe estava sentada à minha frente, servindo calmamente chá, embora eu pudesse dizer que ela estava tudo, menos calma. Quaisquer que fossem as notícias da carta de Jonathan, senti que minha mãe estava mais empolgada do que preocupada, para que sua tensão não me assustasse.

— Como ele está? — perguntei, escolhendo deixar mamãe escolher seu próprio tempo e palavras para revelar sua excitação.

— Oh, tudo bem. A família está bem. Mary está se sentindo bem. A hora do parto se aproxima. Os negócios de Jonathan com a madeireira estão crescendo. Ele teve que contratar outro funcionário no mês passado.

Tudo ia bem. Fiquei feliz pelo irmão mais velho de quem mal me lembrava, mas, de alguma forma, senti que o estado de espírito da minha mãe não se originava de nenhum dos fatos que ela havia compartilhado tão rapidamente. Murmurei uma resposta educada sobre estar feliz pela boa sorte de Jonathan e tomei meu chá. Eu queria que minha mãe chegasse ao ponto.

Mamãe nem levantou a xícara; em vez disso, ela enfiou a mão no peito do vestido e removeu a carta recente de Jonathan. Estávamos acostumados a vê-la fazer isso. Sempre que uma carta de Jonathan chegava, ela lia várias vezes e depois a colocava na frente do vestido. Ela carregava consigo por dias e a pegava e relia sempre que o tempo permitia.

Ela a abriu cuidadosamente. Mas em vez de passar para mim, como normalmente fazia, começou a ler apressadamente em voz alta. Ela passou rapidamente pelos cumprimentos de Jonathan, como se estivesse ansiosa para chegar ao coração da carta. Enquanto eu continuava a beber meu chá, podia ouvir a emoção crescente em sua voz. De repente, ela diminuiu a velocidade, e eu sabia que ela pretendia que eu ouvisse e entendesse cada palavra.

— “Existem inúmeras oportunidades aqui no Oeste. Conheço muitos homens que vieram sem nada e que agora têm ótimas casas e negócios promissores. Tudo o que se precisa é determinação, resistência e um que saiba ao menos montar num cavalo”.

Certamente mamãe não está pensando em pedir ao papai que se mude para o Oeste, foi o pensamento tolo que me veio à mente. Mamãe continuou lendo.

— “Ultimamente, tenho pensado muito em minha família. Seria tão bom ter um dos meus aqui. Eu sinto muito a falta de todos vocês. Especialmente a sua, mãe, e você sabe disso”.

“É fácil pensar no Oeste como lugar de homem, e é; mas há muitas

oportunidades aqui também para as mulheres. E devo acrescentar que no Oeste percebemos que, para crescermos, precisamos de belas moças para formar lares para os homens e garantir famílias saudáveis para o nosso futuro”.

Devo ter feito uma careta quando pensei: *que maneira fria e calculista de encarar o casamento*. Mas a mamãe continuou sem interrupção – eu tinha perdido algumas palavras.

“... então pensei em Elizabeth”.

Pensamentos confusos explodiram em minha mente. Elizabeth? Eu? Eu o quê? Ele está sugerindo que eu faça barganha com um lojista ou fazendeiro no Oeste para ter um marido? Eu não! Nunca! Nunca! Eu preferia morrer.

Empalideci ao me levantar da cadeira.

Nunca, eu sussurrei para mim mesma. Mas mamãe não prestou atenção ao meu suspiro suave e se apressou.

— “Os professores são extremamente necessários aqui. Muitas mães nas áreas rurais ainda precisam ensinar seus filhos. Mas essas mulheres têm pouco tempo e nenhum treinamento. Estamos ansiosos para mudar tudo isso. Queremos que nossas próximas gerações sejam bem educadas, porque, no futuro, esperamos escolher os líderes de nossa nova província dentre os nossos”.

“Você diz que Elizabeth é uma excelente professora e uma jovem sensata – e tenho certeza que ela é. Conversei hoje com um superintendente escolar. Ele está sem professores, e alguns dos que tem, se pudesse, substituiria. Ele diz que, se Elizabeth estiver disposta a vir para o Oeste, ofereceria uma posição, e como eu disse antes, seria muito bom ter alguém da minha família aqui”.

Atordoada, vi os olhos de mamãe continuarem na página, mas ela estava lendo em silêncio agora. Tive a impressão de que fui temporariamente esquecida e que seus pensamentos estavam com seu amado filho, Jonathan, em algum lugar no Oeste.

Fiquei feliz pelos poucos momentos que tive para me recompor antes de ter que encará-la novamente. Jonathan estava propondo que eu fosse para o Oeste. Para quê? Antes de sugerir as oportunidades de ensino, ele havia escrito que eles precisavam de mulheres jovens para “garantir famílias saudáveis”. Bem, eu não pretendia ajudá-los a fazer isso. Definitivamente não!

Eu esperava que minha mãe não fosse muito dura com Jonathan ao responder a carta. Eu sabia que ele teve boa intenção, embora devesse saber que nossa mãe nunca concordaria que uma filha sua, com o pretexto de ensinar, fosse para a selva para encontrar um homem. *Mesmo que essa não seja a intenção de Jonathan*, eu raciocinei, *e ele está*

simplesmente procurando por mais professores, eu tenho uma posição de ensino perfeitamente boa exatamente onde estou.

Mamãe terminou de ler a longa carta de Jonathan e novamente a colocou no peito. Seu chá esfriou, mas ela distraidamente pegou sua xícara e tomou um gole com um olhar distante.

Eu estava quase dizendo: “Olha, mãe, não deixe que isso te chateie. Jonathan teve boa intenção, mas você não precisa ter medo. Não tenho intenção de levar a sério...”, quando ela levantou os olhos da xícara e olhou diretamente para mim. Eu esperava uma leve repreensão a Jonathan, mas ela disse simplesmente:

— Bem? — Ela sorriu para mim e pude detectar facilmente a ansiedade.

Fiquei assustada e confusa.

— Bem? — rebati, me perguntando o que ela queria dizer. Eu não conseguia entender a reação extraordinária da mamãe à proposta absurda de Jonathan. *Ela está realmente pensando que eu consideraria o assunto? Como pode? Certamente ela deve ver que isso é totalmente...* E então, num instante, entendi. Eu deveria ser a oferta de um amor maternal para Jonathan, seu “pedaço da família” oferecido a ele de longa distância. De alguma forma, ir para o Oeste para estar com ele traria conforto ao coração da minha mãe.

Eu a amava. Ela era uma mãe querida. Não gostaria de magoá-la. Não me atrevi a dizer diretamente que a ideia era completamente estranha e que Jonathan havia sido tolo ao sugeri-la. Com a mamãe sentada diante de mim e a indagação ainda persistindo em seu olhar, eu não poderia dizer não. Mas poderia dizer que sim? Definitivamente não. Mas eu poderia dizer talvez, até que tivesse tempo para refletir a respeito do assunto, resolvê-lo em minha mente e encontrar um meio de sair dessa sem magoar minha mãe.

— Bem... é... é uma surpresa. Eu jamais pensei na possibilidade de ir embora... — Minha mente procurava palavras, mas não encontrei nenhuma que tirasse a expressão de preocupação dos olhos da minha mãe. Eu controlei minha mente confusa e segui em frente. — Parece interessante, muito interessante.

Eu tentei colocar um pouco de brilho na minha voz, mas era difícil quando mal conseguia passar as palavras pela minha garganta apertada.

Mamãe relaxou um pouco e seus olhos começaram a brilhar novamente. Foi um momento antes de eu perceber que eles estavam brilhando com lágrimas não derramadas.

Quase entrei em pânico. Eu não poderia decepcioná-la, pelo menos não no momento. Tentei engolir o nó na garganta e forcei um sorriso

enquanto colocava a frágil xícara de porcelana na mesa.

— É... bem... eu vou... vou pensar um pouco sobre isso e vamos... bem, vamos ver.

Mamãe estendeu sua mão e tocou a minha. As lágrimas rolaram de seus olhos, molhando seus cílios escuros e caindo em suas bochechas.

— Beth — disse ela. — Não há ninguém que eu prefira enviar a Jonathan do que você.

Fiquei emocionada, mas assustada. Engoli em seco novamente, tentei outro sorriso e me levantei da minha cadeira. Depois de um leve beijo em sua testa, pedi licença e me retirei. Eu tive que fugir, sozinha, para onde pudesse pensar. Meu mundo inteiro estava girando, e eu senti que, se logo não tivesse controle das coisas, acabaria indo para algum lugar no espaço.

Eu estava disposta a *considerar* ser a *oferta de amor de casa* para Jonathan, por amor à mamãe. Sim, eu estava disposta a considerar ensinar no Oeste. Mas quanto a casar com um homem grosseiro e desleixado da fronteira, tracei uma linha firme e definitiva: Nunca!

Mais tarde naquela noite, papai bateu à minha porta. Eu estava tentando ler na cama, um luxo que eu normalmente apreciava, mas de alguma forma as jovens de Jane Austen não conseguiram me intrigar.

Ele caminhou até minha janela e ficou olhando a quietude da cidade. As luzes da rua tremeluziam suavemente contra a escuridão que se aproximava. Esperei ele falar; mas quando não disse nada, deixei meu livro de lado, assentei-me e perguntei baixinho:

— Você falou com a mamãe?

Ele limpou a garganta e se virou da janela. Ele ainda não falou, apenas acenou com a cabeça.

— E o que você acha? — perguntei, secretamente esperando que ele exclamasse que a ideia toda era escandalosa e impensável. Ele não o fez.

— Bem... — ele disse, puxando uma cadeira ao lado da minha cama. — No começo foi um choque. Mas depois de pensar um pouco, comecei a entender por que sua mãe está bastante animada com a coisa toda. Acho que pode ser uma aventura para você, Elizabeth, e, ao que parece, não é muito arriscado.

— Então você acha que eu deveria...?

— Considerar? Sim, considere. Ir? Não necessariamente. Só você pode decidir. Você sabe que é amada e querida aqui, mas, se desejar esta nova experiência, não a impediremos.

— Eu não sei, papai. É tudo tão novo. Não sei o que pensar sobre isso.

— Elizabeth, confiamos em você para tomar a decisão certa, por você. Sua mãe e eu concordamos em aceitá-la. O que você decidir, queremos que seja o que você acha que deve ser feito. Por mais que sua mãe deseje que você vá, ela não quer que se sinta pressionada a ir se não for o que deseja. Ela me pediu para te dizer isso, Elizabeth. Ela tem medo de que sua lealdade e desejo de agradá-la possam levá-la a agir por ela. Isso não é motivo suficiente para tomar uma decisão tão decisiva, Elizabeth.

— Oh, papai! Agora eu estou com um frio na barriga. Eu nunca sonhei...

— Não se apresse, minha querida. Essa decisão precisa de muito cuidado e oração. Sua mãe e eu estaremos em sua retaguarda.

— Obrigada, papai.

Ele beijou minha testa e apertou minha mão.

— O que você decidir... — ele sussurrou ao sair do meu quarto.

Não peguei o livro de Jane Austen novamente. Eu sabia que agora, com certeza, não conseguiria me concentrar nas palavras. Então puxei a corrente para apagar a lâmpada e afofei os travesseiros, esperando que o sono chegasse logo. Com as cobertas confortavelmente sobre mim, me acomodei. Não deu certo. Demorou muito tempo até conseguir adormecer.

Capítulo 2

O Primeiro Passo

Os próximos dias foram cheios de introspecção. Eu estava tão preocupada que às vezes me perguntava se estava realmente ensinando meus alunos. Eles não pareciam notar nenhuma diferença em mim, então acho que estava passando uma boa impressão.

Como prometeu, minha mãe não me pressionou; mas pude sentir que ela esperava ansiosamente por minha decisão. Eu sabia que ela estava orando também. Esperava que ela realmente estivesse pedindo a vontade do Pai, e não apenas implorando que Ele “me enviasse”.

Eu vacilei – o que era incomum para mim. Ora pensava em todos aqueles que amava: minha família, meus alunos, meus amigos da igreja; e eu gritava interiormente: *Não posso ir, simplesmente não posso!* Ora eu pensava naquela parte da minha família, no Oeste. Algo invisível estava me chamando para o irmão mais velho que eu não conheci. Também pensei em todas aquelas crianças sem professor e sabia que elas também queriam aprender. Eu até considerei a grande aventura que essa nova oportunidade seria, e eu me via pensando: *Por que não? Talvez esta seja a resposta para a inquietação dentro de mim. Talvez eu devesse ir...*

Meus sentimentos oscilavam de um lado para o outro, como o pêndulo no relógio de nosso avô. Após considerável debate, oração e reflexão, fui direcionada a Josué 1:9: “Seja forte e corajoso; não temas, nem te assustes; porque o Senhor teu Deus está contigo por onde quer que fores.”.

Repeti a passagem em voz alta e senti minhas ansiedades se transformarem em paz. Eu iria.

Mamãe estava quase fora de si com alegria e emoção quando eu disse a ela. Julie implorou para ir comigo. Eu amava Julie e tinha certeza de que haveria muitas vezes, no futuro, em que desejaria a companhia dela; mas o pensamento de precisar vigiar uma garota como Julie em uma terra cheia de homens à procura de noivas me fez estremecer. Fiquei feliz quando papai e mamãe prontamente lhe disseram que não.

Passado um mês, o ano letivo chegou ao fim. Dei adeus ao último

aluno, arrumei todos os meus livros e material didático, e fechei a porta da sala de aula cuidadosamente atrás de mim pela última vez. Piscando para conter algumas lágrimas, me despedi dos meus colegas professores e me afastei da escola sem olhar para trás.

Deixei minha mãe contar a Jonathan sobre minha decisão, e ele parecia ter ficado muito feliz com a minha ida. Ele até escreveu uma carta para mim, expressando sua felicidade. A empolgação dele e da mamãe pareciam contagiosas, e meu desejo de ver meu irmão crescer diariamente.

Jonathan havia informado ao superintendente da escola, e ele também enviou uma carta para mim. O Sr. Higgins (o nome de alguma forma se adequava à minha imagem mental dele) me garantiu que estava satisfeito ao saber que eu iria para o Oeste; e, segundo sua carta, ele teria cuidado e consideração ao designar-me para a escola que julgasse ser a mais adequada para mim, e aguardava ansiosamente para me conhecer na minha chegada.

Os dias, cheios de compras, empacotando e finalmente transportando meus pertences, passaram rapidamente.

Jonathan havia dito que tudo que eu pudesse, deveria despachar antes. Os vagões de carga geralmente levavam mais tempo para a viagem do que os vagões de passageiros. Eu me perguntava secretamente se Jonathan não estava usando isso como uma manobra, garantindo que os baús enviados fossem uma medida de seguro contra uma garota que no último momento poderia mudar de ideia. Não era algo impossível.

Quando chegou o dia em que papai e eu levamos meus baús para o posto de carga e apresentei meus pertences ao homem atrás do balcão, percebi que estava dando um passo gigantesco rumo ao desconhecido. Um pouco atordoada, vi meus baús serem etiquetados e emitidos bilhetes, e finalmente levados para longe da mesa de verificação em uma carroça puxada a mão. Nesses baús estavam meus livros, roupas de cama, objetos pessoais e quase todo o meu guarda-roupa. Pareceu-me que grande parte da minha vida estava sendo banalmente afastada. Por um momento, o medo voltou a apertar minha garganta, e tive o impulso de sair e juntar os baús de volta para mim e me apressar novamente ao conforto familiar de minha própria casa e quarto. Em vez disso, virei-me rapidamente e quase tropecei ao sair do prédio. Papai teve que acelerar o passo para me segurar.

— Bem, isso está resolvido — sussurrei, fingindo que estava feliz em riscar mais uma tarefa da minha incrível lista. Eu acho que papai percebeu meu fingimento. Ele me respondeu de coração, mas completamente fora do assunto:

— Vi um chapeuzinho lindo naquela pequena loja inteligente ao

lado de Eatons. Eu acho que foi feito para você. Vamos dar uma olhada?

Alguns homens desprezam ser vistos na loja feminina. Meu pai não era um deles. Talvez tivesse algo a ver com o fato de ele ter quatro filhas e uma esposa encantadoras. Papai adorava ver suas mulheres vestidas lindamente e sempre teve prazer em nos ajudar a escolher coisas boas. Além disso, ele estava ciente do fato de que um chapéu novo geralmente era um bom remédio para problemas femininos – especialmente quando a dificuldade não era mais grave que borboletas no estômago.

Sorri para ele, agradecendo sua sensibilidade. Quem me mimaria quando eu estivesse longe de papai? Peguei seu braço e juntos fomos para a lojinha.

Papai estava certo. O chapéu me caiu bem; o veludo verde esmeralda parecia perfeito com meus cabelos dourados e olhos castanhos. Gostei imediatamente e fiquei feliz por ele ter percebido. Na verdade, ali naquele momento, eu decidi que o usaria na minha chegada à Calgary. Isso me daria uma certa confiança, e eu precisaria de toda que pudesse ter.

Quando voltamos para casa em nosso carro, pensei novamente em que homem sensível eu tinha como pai. Estendi a mão e a coloquei no braço de seu terno bem cortado. Eu sentiria falta dele. Usei meu lenço para enxugar algumas lágrimas dos meus olhos, murmurando algo sobre o vento no meu rosto. Ainda faltava uma semana para embarcar. Ainda não era hora de sentimentalismo

Capítulo 3

A Caminho

Eu me remexi no couro gasto do assento do trem desejando que meus nervos se acalmassem e meu coração parasse de bater estrondosamente. Logo chegaria à Calgary. Só esse nome, que antes me era desconhecido, já fazia meu pulso acelerar.

Logo veria meu irmão, Jonathan. Minhas lembranças foram vagamente delineadas na figura sombria de um jovem alto e corpulento, com muita força de vontade. Eu também conheceria sua esposa, Mary, a qual ele declarou ser a mulher mais doce e bonita da face da Terra. E eu seria apresentada a quatro crianças – um sobrinho e três sobrinhas. Eu estava preparada para eles, tendo comprado doces em nossa última parada. As crianças seriam fáceis de conquistar, mas meu irmão e minha cunhada ficariam satisfeitos comigo? Eu estava pronta para sair da relativa segurança do trem para um mundo novo e estranho?

Meus quatro dias de viagem demorada no Pacífico Ocidental, sentada rigidamente nos bancos apertados do trem, e noites muito longas estavam gradualmente me preparando. Finalmente consegui superar minha intensa saudade de casa. Nos primeiros três dias, senti tanta falta da minha família que eu receava ficar doente. Gradualmente, a dor da saudade havia desaparecido e, em seu lugar, deixou apenas um vazio.

Como a dor me deixou, pude encontrar algum interesse na paisagem, que parecia surpreendentemente diferente do que estava acostumada. Jonathan tentou descrever a terra para mim em suas cartas, mas eu não havia visualizado o vazio, a aridez, a vastidão de tudo isso. Enquanto olhava pela janela do trem, parecia que viajávamos para sempre, vendo quase ninguém. Ocasionalmente passávamos por pequenos rebanhos de animais – antílopes, veados e até alguns búfalos pastando calmamente pela pradaria e atrasando o trem de vez em quando, enquanto cruzavam preguiçosamente os trilhos de ferro.

Eu esperava ver tendas indígenas espalhadas por toda a pradaria. Mas, de fato, eu vi muito poucos índios, e eles estavam quase todos nas pequenas cidades pelas quais passamos, parecendo muito “civilizados”. Não vi guerreiros pintados para o caminho de guerra. A maioria dos indígenas se movia silenciosamente pelas ruas,

preocupada apenas com suas próprias atividades comerciais.

Agora estávamos nos aproximando da cidade fronteira de Calgary, a casa de meu irmão Jonathan e muitas outras pessoas aventureiras. Como seria? Seria moderna? Depois de tomar minha decisão, Julie leu tudo o que pôde encontrar sobre o Oeste. Onde ela descobriu todas essas informações, eu nunca descobri; mas a qualquer hora do dia ou da noite em que pudesse me encurralar, ela anunciaria novos “*fatos*” que reunira.

Segundo ela, o Oeste estava cheio de homens ousados e imprudentes, tão ansiosos por uma esposa, que muitas vezes roubavam uma (eu não tinha tanta certeza de que ela desaprovava). Julie pintou imagens de cowboys, viajantes, mineiros e madeireiros – todos perambulando pelas ruas empoeiradas em seus couros e pelos sujos de viagem, procurando excitação, mulheres, riqueza e perigo, embora não necessariamente nessa ordem. E índios – em todos os lugares, índios. Embora a maioria fosse bastante pacífica atualmente, ela tinha certeza de que eles não hesitariam em escalar alguém se tivessem a oportunidade. Esta minha irmã irrefreável até ousou sugerir que talvez eu devesse pentear meus cabelos para que nenhum deles fosse exageradamente tentado pelos meus cachos volumosos. Ela me avisou que eles poderiam achar meus cachos dourados, com seus reflexos vermelhos, irresistíveis.

— Meu couro cabeludo com todo o meu cabelo está a salvo dos índios — assegurei a Julie, mas admito que ela me fez tremer algumas vezes. Ela assentiu e me informou que eu provavelmente tinha razão, e tudo se devia ao fato de que o Oeste agora tinha a Polícia Montada do Noroeste. Segundo Julie, eles eram os cavaleiros do Oeste em armaduras vermelhas, e Calgary era abundante deles. Se surgisse a necessidade, uma dama só precisava ligar e os *Red Coats* viriam correndo. A julgar pelo brilho nos olhos de Julie ao descrever essa cena, eu acreditava que ela se valesse dos serviços deles regularmente.

Julie também disse que Calgary era uma terra de perpétua nevasca. Parava de nevar apenas o tempo suficiente para permitir que um “chinook”^[3] ocasional soprasse, e então a neve fria e profunda voltava a dominar novamente.

Calgary estava a apenas alguns minutos, de acordo com o condutor, e naquela tarde de agosto, com o sol quente batendo impiedosamente sobre o trem abafado, percebi que Julie estava errada pelo menos nesse ponto – a menos que, é claro, este fosse apenas um desses *chinooks*. Ainda assim, não pude deixar de me perguntar se Julie também pôde ter se enganado sobre alguns outros “*fatos*”. Eu logo veria. Na minha impaciência, levantei-me para caminhar.

Na verdade, não havia muito espaço, e tive a impressão de que

minhas idas e vindas no corredor estreito eram irritantes para alguns dos outros passageiros. Eu dei meu sorriso mais doce para as pessoas mais próximas a mim.

— Depois de ficar sentada tanto tempo, eu simplesmente precisava esticar os músculos antes de chegarmos à Calgary — expliquei. Eu esperava que eles não percebessem que eram na realidade os nervos, e não a rigidez, que me levantavam do meu lugar.

Fui até o final do corredor e quase fui atingida pela porta quando ela se abriu diante do condutor, que retornava. Ele olhou para mim com uma expressão assustada e depois continuou seu trabalho, que neste ponto era gritar com uma voz estrondosa:

— Calgary! Calgary! — Ele passou pelo vagão e entrou no próximo, ainda gritando.

Uma movimentação seguiu-o enquanto as pessoas juntavam seus pertences, despediam-se de novos conhecidos, vestiam jaquetas ou xales e colocavam gorros ou chapéus deixados de lado. Usei o reflexo do vidro da janela para ajustar meu novo chapéu verde.

O trem tocou um apito longo e baixo. Quase podia sentir-me exausta pensando na quantidade de vapor necessária para produzir aquele som. Então o estalido das rodas começou a diminuir, até eu ter certeza de que, se alguém decidisse se concentrar na tarefa, cada volta poderia ser contada.

Agora estávamos passando por alguns prédios. Eles pareciam novos e estavam espalhados a alguma distância. A maioria era feita de madeira, e não de tijolo ou alvenaria como os que eu costumava ver em casa. Alguns dos mais novos foram feitos de arenito. As ruas não eram de paralelepípedos, mas empoeiradas e movimentadas. Homens e, felizmente, também algumas mulheres corriam de um lado para o outro com grande propósito.

O trem parou com um grande assobio dentro de suas entranhas de ferro, como um suspiro gigante de que a longa jornada finalmente terminara. Suspirei também quando me levantei e peguei minhas coisas do assento onde as empilhara ordenadamente. Caminhando em direção à porta, de meio em meio passo na fila lenta de outros passageiros, não conseguia desviar o olhar das janelas. Era tudo tão novo, tão diferente. Fiquei aliviada ao ver muitos homens em trajes de negócios entre a multidão que esperava. Era uma espécie de conforto perceber que os homens do Oeste não eram todos aventureiros mal-humorados.

E então, no meio da multidão, aparecendo a cabeça e ombros acima de todos os outros, notei dois homens de jaqueta vermelha e *Stetsons*^[4] de abas largas. A Polícia Montada de Julie! Eu sorri para

mim mesma ao pensar em sua empolgação se ela estivesse aqui! Até a caminhada parecia denotar intencionalidade e, embora as pessoas os cumprimentassem, a multidão parecia automaticamente se distanciar deles por respeito. Inclinei-me um pouco para que eu pudesse vê-los melhor pela janela. Fui imediatamente atingida por trás por um pacote escondido debaixo do braço de um homem de aparência rude com um charuto na boca. Eu corei e me endireitei rapidamente, não ousando olhar em seus olhos.

Quando finalmente chegou a minha vez, desci com cuidado, grata pela ajuda do condutor com todas as minhas encomendas e uma pequena mala. Quando venci as etapas, olhei nos olhos sorridentes de um quase estranho – mas, de alguma maneira, soube instantaneamente que era Jonathan. Sem um momento de hesitação, larguei o que estava carregando e joguei meus braços em volta do pescoço dele.

Capítulo 4

Calgary

Apesar da minha educação adequada, fiquei extremamente tentada a encarar tudo o que nosso automóvel cruzava no caminho para a casa de Jonathan. Nunca na minha vida eu tinha visto uma cidade como Calgary! Homens a cavalo manobravam habilmente entre automóveis e pedestres na rua poeirenta. Duas senhoras, suas longas saias levantadas delicadamente, cruzaram-se rapidamente na nossa frente. E havia um índio de verdade, de casaco escuro e chapéu formal, com uma longa trança nas costas! Tentei desesperadamente não transparecer meu extremo fascínio pelas atividades interessantes ao meu redor, mas acho que falhei.

Jonathan riu:

— Calgary é um show, não é, Elizabeth? — Quando a cor voltou lentamente às minhas bochechas, ele delicadamente olhou para a estrada, para não me envergonhar ainda mais. Ele não viveu tanto tempo no Oeste a ponto de esquecer que era impróprio para uma dama encarar. — Você sabe que moro nesta cidade há quase dezesseis anos e ainda não consigo acreditar no que está acontecendo aqui? — Jonathan continuou, com naturalidade. — Parece que toda vez que eu dirijo pelas ruas há um prédio novo. Isso me lembra quando eu era criança na época de Natal. Fui dormir à noite e a sala estava familiar, como sempre; mas de manhã havia uma árvore decorada, enfeitada com todo tipo de cordas, enfeites e velas cintilantes. A mágica disso! Não me admira que as crianças possam aceitar facilmente a fantasia. E isso é quase uma fantasia, você não acha, Elizabeth?

Eu só podia assentir, fascinada demais para falar. Virei-me para olhar novamente o caminho que acabáramos de percorrer. Percorremos um longo aclave ao sairmos do centro de Calgary. A casa de Jonathan deveria estar no alto de uma colina, e não no vale ao lado do rio.

Ao olhar para a rua, pude ver os edifícios de Calgary estendidos do outro lado da planície do vale. A água brilhava em muitos lugares, refletindo o sol da tarde. Eu olhei com admiração para a cena e finalmente encontrei minha voz.

— O rio parece ter muitas curvas. Para onde olho, parece haver outra corrente.

Jonathan riu.

— Existem dois rios que se fundem lá embaixo. Eles são chamados de *Bow e Elbow*.^[5]

— Nomes incomuns.

— Sim, eu acho que são. Você vai achar vários nomes estranhos aqui.

Eu sorri.

— Bem, vou admitir que temos nossa parcela de nomes estranhos no Leste também — concluí.

Jonathan assentiu sorrindo, e eu quase podia ver nomes como *Trois-Rivieres* e *Cap-de-la-Madelaine* em sua mente.

— Fale-me de Calgary.

Eu mal podia esperar para aprender algo sobre esta cidade intrigante.

Jonathan me deu um sorriso compreensivo.

— Por onde começo? — ele se perguntou. — Calgary foi fundada como um forte para a Polícia Montada do Noroeste em 1875; há pouco tempo, na verdade. Foi chamada pela primeira vez de *Fort Brisebois*, mas acho que Macleod, o comandante, não se impressionava muito com esse nome. Ele renomeou o forte como Calgary – esta é uma palavra gaélica, que significa água limpa e corrente, de sua terra natal na Escócia.

— Água limpa e corrente — repeti. — Eu gosto disso. Combina bem.

Olhei novamente para as porções dos rios que brilhavam entre os prédios e o denso crescimento das árvores do vale.

Jonathan continuou:

— Depois que a ferrovia foi construída, em 1883, as pessoas começaram a levar a sério a colonização do Oeste. Era muito mais fácil carregar seus pertences em um trem do que se aventurar por carroças por terra. E com o trem, as mulheres foram capazes de trazer consigo algumas das coisas boas da vida que antes tinham que ficar para trás. Antigamente, a maioria dos aventureiros ou oportunistas se deslocava para o Oeste e, embora ainda houvesse uma boa parte deles, muitos homens e mulheres dedicados chegavam todos os anos na esperança de fazer um lar para si nesta nova terra.

— Ainda era difícil, não era? — questionei.

— Felizmente, para nós, os *Montados* chegaram aqui antes da maioria dos colonos. Os recém-chegados, pelo menos, tinham leis para recorrer se surgisse a necessidade – e a necessidade frequentemente surgia. Os índios já haviam aprendido que podiam confiar no Casaco Vermelho – que um infrator da lei, independentemente da cor de sua

pele, seria levado à justiça. Os *Montados* ajudaram a fazer de Calgary e da área ao redor um lugar seguro para mulheres e crianças.

— Isso não parece o Oeste do qual Julie me falou.

— Oh, tivemos nossas escaramuças, com certeza, mas foram poucas e ocasionais; e a Polícia Montada do Noroeste conseguiu restaurar o controle rapidamente.

— Os índios têm incomodado tanto assim? — eu perguntei, me questionando se Julie estava certa, afinal.

— Índios? Não posso culpar os índios com razão. A maior parte do problema vem dos fabricantes de aguardente.

— Aguardente?

— Uísque. Bem, acho que também não pode ser chamado de uísque. Era conhecido com mais frequência como — me perdoe, por favor — como “*coisa podre*”. Tinha uma base de álcool, mas os fabricantes de cerveja pensavam em tudo o que podiam encontrar para dar sabor e cor — pimenta, fumo, quase tudo. Não sei como alguém pode beber essas coisas, mas alguns corajosos vendiam peles, seus pôneis — até mesmo seu rebanho — apenas para conseguir algumas garrafas.

— Isso é terrível!

— Arruinou muitos dos mais bravos jovens indígenas. Ameaçou tribos inteiras às vezes. Alguns dos chefes viam o perigo e odiavam a *coisa podre*, mas era difícil controlar seu mal. Era uma coisa horrível! Uma verdadeira desgraça para os homens brancos que a vendiam às custas do desperdício de vidas humanas. — Jonathan balançou a cabeça, e eu percebi que o antigo comércio de bebidas ilícitas o perturbava bastante. — De qualquer forma, — continuou ele, animando-se — a Polícia Montada do Noroeste foi organizada, encontrou o caminho para o Oeste, apesar das dificuldades extremas, e começou a trabalhar no problema. O primeiro grande trabalho deles foi limpar Fort *Whoop-Up*.

— *Whoop-Up* — Eu ri. — Isso é ainda mais estranho que o *Elbow*. É perto daqui?

— Nem existe mais. Foi no sul de Alberta, a cerca de 10km de onde agora é Lethbridge. Dizem que as coisas que aconteciam por lá te deixariam de cabelo em pé. O velho Johnny Healy comandava o local, e a sua vil mistura podia comprar o que quisesse. Uma dose de uísque lhe compraria um manto de búfalo. O velho Johnny ficou rico. Ele reuniu um grupo de patifes com inclinações semelhantes — bebedores de rum, pistoleiros, foras da lei e afins. Ele construiu um pequeno forte para se reunirem. Ninguém sabe exatamente quantos moravam lá; de fato, as estimativas parecem variar muito, mas, de qualquer forma, parece que eram muitos. Às vezes eles iam longe demais,

bebiam seu próprio uísque e ficavam furiosos. Alguns políticos acabaram com aquilo. Eles foram liderados por um homem que, em algum lugar do passado, desenvolveu um verdadeiro ódio pelos índios. Ele já havia demonstrado sua hostilidade em mais de uma ocasião. Quando ele fazia algum dinheiro com seus pôneis, não era o suficiente para tentar recuperar seus cavalos. Então usava isso como desculpa para começar a matar. Ele e seus homens assassinaram vários índios em um lugar chamado Cypress Hills – eles não pareciam se importar com o fato de esses índios não serem da mesma tribo que os ladrões de cavalos.

— O que fizeram a respeito?

— As notícias chegaram no Leste, juntamente com um apelo urgente ao Primeiro Ministro, Sir John A. McDonald. Ele acelerou a organização da nova força policial para o Oeste e os enviou o mais rápido possível. É por isso que a Polícia Montada do Noroeste apressou-se para o Oeste.

— Para trazer justiça, lei e ordem para o Oeste?

— Exatamente! Desde o início eles enfrentaram esse desafio. Parte de seu trabalho era ganhar a confiança e o respeito dos índios. Depois do que aconteceu entre índios e brancos, pode-se acreditar que não era uma tarefa pequena. Mas eles conseguiram. Os criminosos brancos foram levados a julgamento e os índios começaram a ver que tinham amigos na Força que usavam casacos vermelhos. O lema da nova Força era “*Maintien le Droit*” – “Defender a Lei”, e eles trabalharam duro e por muito tempo para conseguir exatamente isso.

— E os índios aprenderam a aceitá-los? — eu perguntei.

— Acho que *Red Crow*^[6], o chefe da Nação *Blackfoot*^[7], resumiu isso quando assinou o Tratado de 1877. O velho sábio e astuto estava falando de Macleod na época, mas o mesmo poderia ter sido dito sobre os outros comandantes da Força também. *Red Crow* disse: “Ele fez muitas promessas e cumpriu todas elas”.

Fiquei imóvel ouvindo Jonathan. E se Julie estivesse ali para ouvi-lo? Graças a todas as ideias românticas com as quais ela havia enchido sua mente, ela estaria desmaiando com a possibilidade de encontrar um dos grandes heróis do Oeste vestidos de vermelho! Mesmo com minha perspectiva mais prática, fiquei impressionada com essa descrição dos *Montados* e sua participação na história do Canadá. Certamente muitos homens e mulheres – para não mencionar uma nação – tinham com eles uma grande dívida de gratidão. Acrescentei meus agradecimentos à lista já extensa e logo voltei meus pensamentos para o presente, contente em colocar a Polícia Montada do Noroeste de volta à história, onde era o seu lugar.

— Falta muito? — eu perguntei a Jonathan.

— Devo confessar — ele respondeu com um brilho nos olhos —, eu te trouxe pela rota panorâmica. Nós já poderíamos estar em casa há alguns minutos, mas eu mal podia esperar para mostrar a você... — Ele parou no meio da frase e olhou para mim com preocupação. — Você deve estar cansada, Elizabeth. Receio que meu entusiasmo tenha sido incorreto.

— Ah, não. Estou bem. Eu realmente gostei disso — assegurei-lhe rapidamente. — É tudo tão novo e tão diferente!

— Só mais uma coisa e eu já te levo para casa. Mary vai arrancar minha pele, de qualquer maneira. Ela está ansiosa para conhecê-la tanto quanto as crianças também.

Subimos uma colina e diante de nós estava a cena mais linda que já havia visto. Tive vislumbres das montanhas enquanto o trem vinha em direção à Calgary, mas o panorama que estava diante de mim agora era indescritível. As montanhas pareciam próximas o suficiente para sentir o cheiro do ar fresco e o frescor dos ventos. Eu não disse nada. Não pude. Sentei-me, olhei e adorei cada minuto.

Jonathan ficou satisfeito. Ele amava as montanhas; eu podia sentir isso.

— É por isso que eu não deixaria o Oeste.

— É tão lindo que não dá para descrever — finalmente consegui dizer, exalando euforia. Viver e trabalhar à sombra daquelas montanhas inspiradoras era mais do que eu jamais sonhei. Uma pequena oração brotou dentro de mim: *“Obrigada, Deus, pelo inesperado. Obrigada por me tirar do meu ninho seguro”*.

Fiquei triste quando Jonathan deu a volta no automóvel e nos dirigiu colina abaixo e de volta à cidade.

Capítulo 5

Família

Mary estava esperando na porta quando paramos na frente da casa, e correu para me encontrar quando desci do automóvel. Ela me puxou para um abraço quente quase antes que meus pés tivessem a chance de pisar corretamente no chão. Fiquei feliz com a recepção entusiasmada e imediatamente senti que estava em família.

Estudei a mulher que era esposa de Jonathan, minha cunhada. Uma grande quantidade de cabelos castanho-avermelhados amontoada casualmente. Tufos encaracolados caíam em seu rosto e pescoço, dando-lhe uma aparência de menina. Seus olhos verdes brilharam de alegria e sua boca produziu o mais quente dos sorrisos. Eu sorri de volta.

— Oh, Elizabeth — ela exclamou —, é tão bom conhecer você!

— E você, Mary — voltei. — Você é exatamente como Jonathan descreveu.

Ela me apressou em direção à casa para encontrar as crianças, enquanto Jonathan se ocupava em recolher meus pertences.

Passamos pelo corredor principal e saímos pela porta dos fundos para um quintal sombreado, de onde ouvia muitos gritos da agitação dos pequeninos. Eram os meus sobrinhos. Imediatamente, eles correram para mim; não eram nem um pouco reservados ou inibidos. Eles pareciam acreditar que a chegada de uma tia era um grande evento.

Quando Mary restabeleceu a ordem, eu pude conhecer cada um deles de uma maneira mais silenciosa.

Aos oito anos, William, o mais velho, parecia Jonathan, exceto que seus cabelos tinham um tom avermelhado que ele herdara de Mary. Sarah, de seis anos, era pequena e delicada; se algum dos filhos pudesse ser considerado comportado, seria ela. Kathleen foi a próxima. Uma criança de quatro anos que bem poderia ter sido um menino; a travessura brilhava em seus olhos intensamente azuis, e seu rosto sempre carregava um sorriso. A bebê Elizabeth, que recebera o nome de minha mãe, chegou à família recentemente, jovem demais para participar daquele momento de diversão. Ela dormiu durante toda a comoção.

Após um rápido passeio pela casa, a refeição da noite foi servida e

nos reunimos em volta da mesa. Jonathan acreditava que a família deveria compartilhar dessa hora especial do dia e, portanto, as crianças se juntaram a nós à mesa. Enquanto os observava subir em cadeiras, me perguntei o que mamãe teria achado de todo o evento. Em nossa casa, crianças, mesmo caladas e bem-educadas, não se juntavam aos adultos à mesa até que fizessem doze anos, ou no mínimo dez.

Os filhos de Jonathan mostraram ser bem-comportados, apesar de seu alto astral, e nós, adultos, conseguimos conversar sem a interrupção das gritarias infantis. Era óbvio que eles foram instruídos sobre como se comportar. *Talvez seja sensato começar com eles ainda cedo à mesa de jantar da família*, decidi enquanto os observava. Eu me perguntei, enquanto estudava Kathleen, quanto tempo ela seria capaz de sentar-se elegantemente como uma pequena dama. Ela parecia um vulcão em miniatura prestes a entrar em erupção.

A refeição, servida por uma empregada chamada Stacy, foi absolutamente deliciosa. Fiquei envergonhada com o quanto comi. Jonathan me garantiu que o ar fresco afetava o apetite. Fiquei feliz por ter algo em que jogar a culpa.

— Estou tão feliz que você pôde vir mais cedo — disse Mary. — Agora temos a oportunidade de conhecê-la antes de assumir suas tarefas no magistério. Nós queremos andar por aí e — ela acrescentou com um brilho nos olhos — mostrar você.

Eu sorri para ela.

— De fato — brincou Jonathan. — Tenho uma longa lista de rapazes esperando conhecê-la. Finalmente desisti de tentar decidir quem seria o primeiro. Eu disse a eles que teriam que ficar na fila e esperar a vez deles, mas eu tenho medo...

Minhas bochechas coraram e interrompi Jonathan antes que ele continuasse.

— Ficarei muito feliz em conhecer seus amigos — anunciei firmemente —, mas quero deixar uma coisa clara: vim para o Oeste para ensinar, não para casar. Se eu estivesse interessada em casamento, poderia ter ficado no Leste e encontrado o cônjuge ideal. Julie, que por sinal é nossa especialista na família, me garante que os homens do Oeste são aventureiros – pouco confiáveis, ásperos e turbulentos. Não sei se a pesquisa dela é totalmente confiável, mas não tenho a intenção de descobrir. Se você quer uma esposa para um de seus amigos, é melhor chamar Julie. Ela estará mais do que disposta a considerar a possibilidade. EU? Jamais!

Foi um discurso bastante longo, dadas as circunstâncias, e os rostos dos ouvintes variaram entre descrença, preocupação, diversão.

Quando terminei, vi Jonathan lançar um olhar para Mary para ver se ela me levava a sério. Ela deu um aceno de cabeça quase invisível, e ele entendeu que ela queria dizer que sim. Ele limpou a garganta e esperou um momento.

— Entendo — disse ele lentamente — que não devemos provocá-la. Aqui muitas vezes esquecemos as maneiras que nossas mães tentaram incutir em nós. Nós provocamos e brincamos o tempo todo. Isso ajuda a suavizar a jornada. É claro que não temos a intenção de casá-la — ele então acrescentou com grande sinceridade. — Mas nesta noite eu pessoalmente poderia te apresentar a uma dúzia de bons, refinados e bem educados cavalheiros que fariam seus alinhadinhos do Leste parecerem pálidos em comparação. Mas eu não farei isso — ele se apressou —, para que minhas intenções não sejam mal interpretadas.

Eu sabia exatamente o que ele estava insinuando e percebi, envergonhada, que merecia essa leve repreensão, tanto por minha falta de tato quanto as más maneiras. Meu rosto subitamente perdeu a cor. Sabia que deveria me desculpar pelo meu desabafo, mas de alguma forma não consegui passar as palavras pela minha garganta apertada.

Jonathan riu, e o som de sua risada suave aliviou a tensão ao redor da mesa.

— Eu prometo, irmãzinha — ele disse com uma seriedade fingida —, não fazer nenhum esforço para casá-la, se não desejar. Mas, olhando para você, eu diria que será necessário transmitir essa mensagem para mais de um jovem.

Mary pareceu concordar. Ela não disse nada, apenas sorriu, mas o calor daquele sorriso trouxe consigo a aprovação da aparência de sua cunhada.

Minhas bochechas coraram novamente, por um motivo diferente desta vez. Eu estava disposta a assumir a responsabilidade de transmitir essa mensagem, se necessário.

— Eu já fiz isso antes — disse calmamente —, e estou bastante confiante de que posso novamente.

Uma pequena voz interrompeu.

— Quando eu crescer vou me casar com Dee.

Todos riram; até eu, que não tinha a menor ideia de quem era Dee.

Enquanto Mary enxugava as lágrimas de riso dos olhos, ela tentou me esclarecer.

— Dee é um amigo muito querido. Ele já tem quase trinta anos e está tão determinado quanto você, minha querida, a permanecer solteiro.

— Ele é meu amigo — insistiu Kathleen.

— Claro que sim, querida. Agora termine seu jantar.

Quando nos levantamos da mesa, uma onda de cansaço tomou conta de mim. Eu me perguntei se seria capaz de aguentar enquanto Mary ia deitar as crianças.

Ainda era cedo, e eu sabia que era impensável pedir para ir para o meu quarto, mas era exatamente isso o que eu queria fazer. Jonathan percebeu isso.

— Você deve estar morta de cansaço. Por que não toma um banho quente e dorme mais cedo esta noite? Eu não consigo dormir direito naqueles trens barulhentos. A mudança de horário também faz diferença. De acordo com o horário do Leste, agora é sua hora de dormir.

Eu admiti que estava terrivelmente cansada.

— Então vá — ele insistiu. — É a primeira porta à direita no topo da escada. O banho fica ao lado. Após a sua longa viagem, tenho certeza de que você poderá relaxar na banheira novamente. Eu já coloquei suas coisas no seu quarto. Vou ouvir as orações das crianças agora, então direi a Mary. Ela vai entender. Ainda há muito tempo para acompanhar tudo.

Agradei e subi as escadas. Mal podia esperar para entrar naquela banheira. Eu sinceramente esperava que ainda tivesse energia para ir da banheira para a cama.

Em breve precisaria escrever para mamãe e contar tudo sobre o adorável lar e a linda família de Jonathan. Era evidente que o Oeste lhe havia feito muito bem. Mamãe ficaria orgulhosa. O próprio Jonathan tinha sido muito modesto em suas cartas, mas eu não tinha inibições em pintar para a mamãe o quadro completo.

A casa de Jonathan, uma grande construção de três andares com muitas águas e sacadas, era uma estrutura adorável de tijolos vermelhos; os elaborados acabamentos de madeira em toda a casa eram pintados de branco.

O interior era espaçoso e fresco, mobiliado com peças enviadas do Leste. Tapetes coloridos cobriam o chão, e cortinas ricas suavizavam as janelas. Somente o escritório de Jonathan mostrava a influência exclusiva do Oeste. Aqui havia enormes e impressionantes móveis construídos localmente. A parede tinha cabeças de animais penduradas. Um tapete de urso estava esparramado em frente à lareira, enquanto um manto de búfalo cobria o sofá.

Mas a carta teria que esperar. Naquela noite, eu estava cansada demais para sequer pensar em escrever. Queria apenas uma cama. Amanhã – bem, amanhã eu esperava, de alguma forma, dar outra

olhada nessas lindas montanhas. Eu tentaria contar à minha família no Leste também sobre elas, mas já sabia que o que quer que eu dissesse, jamais faria justiça às montanhas.

Capítulo 6

Apresentações

De fato, parecia que Jonathan e Mary estavam ansiosos para me mostrar e me exhibir. Nunca passei dez dias tão ocupados quanto aqueles que se seguiram à minha chegada à Calgary. Parecia que eu estava constantemente trocando meu vestido para a próxima ocasião. Mas vou admitir que tudo foi emocionante e quase me subiu à cabeça.

Eu tinha chegado na sexta-feira e Jon (eu descobri que ele preferia ser chamado de Jon, então fiz a vontade dele, embora parecesse uma pena passar de um nome bonito como Jonathan para um tão simples quanto Jon) – de qualquer maneira, Jon e Mary decidiram depois da minha longa viagem de trem, eu precisava do sábado para descansar. Não descansei muito, pois precisava desfazer minhas malas para a minha estadia. Passei a maior parte do dia lavando e passando minhas coisas.

Pude conhecer meus sobrinhos, pois onde quer que eu fosse, lá estavam eles ao meu lado. Foi delicioso.

William já havia estudado dois anos na escola e era admirado por suas irmãs. Sarah pedia timidamente:

— Mostre-me, William, diga-me, explique-me, William. — William o fazia, sua autoestima aparecendo naqueles olhos castanhos sob o choque de cabelos avermelhados.

Kathleen era uma graça. Suas expressões brilhavam com travessuras enquanto ela falava e assistia a tudo o que eu fazia. Era evidente que Jon e Mary eram pais que cuidadosamente guiavam e controlavam seus filhos, pois até a enérgica e extrovertida Kathleen não era ousada em se aventurar, embora seus olhos mostrassem que ela achava difícil conter suas explosões de entusiasmo.

Enquanto eu desdobrava um vestido de veludo verde-esmeralda dos lenços em que o tinha cuidadosamente embrulhado, seus olhos assumiram um brilho especial, e ela estendeu a mão para sentir a suavidade do veludo. Ela rapidamente se conteve e colocou as mãos para trás, onde estariam a salvo da tentação. Seus olhos procuraram os meus, pedindo perdão pelo que quase fizera; mas logo expressaram uma pergunta gentil:

— Parece pluma de pintinho? — ela perguntou, quase sussurrando.

— Você sabe — respondi honestamente —, nunca tive o privilégio

de tocar um pintinho.

— Você nunca teve um pintinho? — Seus olhos estavam arregalados, e eu sabia que ela mal podia acreditar na minha má sorte. Um olhar de simpatia seguiu o seu espanto. — Vou contar ao papai — disse, com muita naturalidade, e eu sabia que ela estava confiante de que papai cuidaria da minha necessidade óbvia.

— Você já segurou pintinhos? — eu perguntei a ela.

— Sim.

— Então você toca o vestido e me diz se parece.

Ela olhou para mim com seus olhos grandes, se perguntando se eu realmente quis dizer aquilo. Coloquei o vestido mais perto dela para garantir que sim. Ela lentamente estendeu uma mão e depois se conteve, seus olhos encontrando os meus com um brilho quando ela disse:

— Oh-Oh. — As duas mãos estavam viradas para cima. — É melhor eu lavá-las primeiro.

— Elas parecem limpas para mim.

Ela encolheu os ombros.

— É melhor lavá-las, de qualquer maneira. Mamãe diz que um pouco de sujeira não vê, não parece... — Ela lutou pela palavra certa.

— Não aparece?

— Sim.

Ela correu apressadamente do quarto e logo voltou. Na pressa, molhou o vestido, já que as mãos com as quais estava tão preocupada ainda estavam úmidas, onde a toalha não teve a chance de fazer o trabalho adequado. Ela terminou de secá-las esfregando-as de cima a baixo nas laterais do seu vestido, enquanto se aproximava do meu vestido de veludo. Kathleen ficou parada por um momento, admirando sua riqueza. Então ela estendeu a mão lentamente e tocou uma dobra. Gentilmente, a mãozinha acariciou o tecido, tomando cuidado para escová-lo apenas em uma direção.

— Sim — ela sussurrou —, e com um gatinho também.

Abaixei-me e puxei-a para mim.

— É gostoso sentir os filhotinhos; e eu já acariciei um gatinho, então sei que é bom, mas você sabe o que é o ainda mais gostoso? — Ela inclinou a cabeça para trás e estudou meu rosto. — Gente pequena — eu disse suavemente.

— Como meninos e — e meninas?

— Meninos e meninas.

Ela riu e depois jogou os braços em volta do meu pescoço e me

abraçou. Engoli em seco. Que maravilhoso é poder ter uma criança, amá-la sem reservas e ter o amor correspondido.

Sarah chamou e Kathleen me soltou.

— Ela provavelmente vai dizer: “Kathleen, lave a louça do almoço”, e eu já lavei! — Ela teve um grande prazer no fato de que seria capaz de desviar o comando. Ela deu um pulo torto ao sair da sala, ainda não tinha idade para fazê-lo corretamente. Na porta, ela parou e voltou. — Obrigada, tia Beth — disse. Ela me lançou um beijo, que eu devolvi, e se foi.

Alguns minutos depois, estávamos reunidos para o almoço. William nos atrasou porque estava subindo em árvores com um vizinho; Sarah levou alguns minutos para localizá-lo. Ele foi repreendido gentilmente e enviado para se lavar e trocar de camisa, já que tinha uma manga rasgada. Reapareceu alguns minutos depois, a camisa fresca adequadamente abotoada, mas para fora da calça, e ainda esfregando as mãos no seu rosto. O sorriso pesaroso de Mary o aceitou como ele estava, e a refeição foi servida.

— Depois do almoço quero que vocês brinquem lá fora, no quintal — disse Mary, olhando para William. — Tia Beth pode querer cochilar.

— Oh, não — corri para explicar. — Ainda não terminei de cuidar das minhas roupas.

Mesmo enquanto dizia as palavras, percebi o quanto adoraria dedicar um tempo para descansar um pouco.

— Baby Lis ainda tira uma soneca — disse Kathleen, seriamente, e eu pude perceber que ela estava muito orgulhosa por ter permissão para ficar sem dormir à tarde.

— A bebê Elizabeth tem sorte — declarou Mary. Imaginei quantas vezes ela não teria gostado se tivesse a oportunidade de tirar uma soneca à tarde.

Kathleen não discutiu, embora ficasse evidente no olhar que ela não concordava com a mãe.

Na manhã seguinte, domingo, a casa estava cheia de atividades enquanto nos preparávamos para assistir ao culto na igreja. Kathleen bateu timidamente na minha porta enquanto eu arrumava meu cabelo. Veio me mostrar seu vestido e fitas. Ela parecia ter saído de um calendário. Suas roupas bonitas e delicadas acentuavam sua graciosidade. Seus olhos brilhavam enquanto ela acariciava o laço em seu avental.

— Você gostou?

— É adorável.

— Mamãe quem fez.

— Ela fez?

— Ela fez — assentiu.

— É lindo. Sua mãe é uma costureira muito boa.

— É o que papai diz.

Ela então me estudou.

— Você também está linda. Você fez seu vestido?

Balancei minha cabeça, pensando na loja em Toronto onde o vestido havia sido comprado.

— Não — eu disse devagar. — Madame Tanier costurou.

— Ela também é boa — disse Kathleen solenemente.

Sorri, pensando na madame e nos preços dela. Sim, ela também era boa.

O prédio da igreja era novo, embora não tão grande quanto o que eu estava acostumada a frequentar. As pessoas eram amigáveis e era fácil sentir-me em casa, principalmente porque eu vim como irmã de Jon. Era evidente que eles tinham grande consideração por Jon e Mary.

Sentei-me entre William e Sarah. Foi difícil para William não se contorcer. Ele se moveu para um lado, depois para o outro... balançou um pé, depois o outro, fez punhos, depois relaxou-os. Não pude deixar de sentir pena dele. Kathleen não se saiu muito melhor que William. Sarah, por outro lado, sentou-se em silêncio. A certa altura, quando nos levantamos para cantar um hino, ela deslizou uma mãozinha na minha. Apertei e sorri para ela. Ela me abraçou como um cachorrinho.

Depois que o culto terminou, fui apresentada a várias pessoas. A congregação era composta principalmente de casais jovens, embora eu tenha visto vários homens que pareciam não ter companheiras. Apreciei o fato de Jon não me guiar na direção deles. Ele me deixou com Mary e algumas de suas amigas e foi cumprimentar os homens sozinho.

O ministro, sua esposa e quatro filhos foram convidados a se juntar a nós na casa de Jon e Mary para o jantar de domingo. O reverendo Dickson veio para o Oeste há três anos. Ele não falava de outra coisa senão do Oeste, e tinha muitas histórias das coisas que estavam acontecendo ao seu redor. A Sra. Dickson só falava sobre coisas relacionadas à sua origem, no Leste. Eu me senti como uma bola de tênis durante a conversa.

No dia seguinte, Jon e Mary convidaram Higgins, o superintendente da escola do distrito, para jantar.

Eu estava ansiosa para conhecer o Sr. Higgins e descobrir minha nova escola, mas também estava nervosa. E se ele não acreditasse que eu poderia fazer um bom trabalho? Um homem com sua grande responsabilidade, que procurava conscientemente os professores certos para suas escolas carentes, podia ser extremamente exigente em sua escolha para suprir essas necessidades.

Imaginei o Sr. Higgins como um homem bastante reservado e instruído, careca, talvez um pouco acima do peso, austero e cuidadosamente vestido. Seu comportamento, sua maneira, seu próprio olhar diriam a seriedade com que ele considerava suas responsabilidades.

Quando Sarah anunciou que o Sr. Higgins havia chegado, corri para a sala, parando na porta para me recompor para a importante reunião. Eu não estava preparada para o que vi.

No começo, devo confessar, meus olhos procuraram outra pessoa na sala. Tinha certeza de que o cavalheiro que ria e brincava com Jon não era, nem poderia ser o superintendente da escola. Mas enquanto meu olhar percorria a sala, Jon se virou e apresentou seu convidado como o Sr. Higgins.

O homem era bastante jovem – cerca de 35 anos, imaginei. Ele não era cuidadosamente arrumado, nem era altaneiro ou austero. Sua aparência e sua conversa me indicaram que ele era desleixado, barulhento, arrogante e ousado. Eu não gostava de nenhuma dessas coisas em um homem.

Repreendi-me, lembrando-me rapidamente de que nunca se deve fazer julgamentos rápidos com base nas primeiras impressões. Mesmo assim, era difícil para mim sorrir educadamente e estender a mão, mas eu o fiz. Higgins quase quebrou meus dedos com um aperto de mão generoso e viril. Ele irrompeu:

— Como vai? Como vai?

Não disse que estava satisfeito em me conhecer, mas tive a sensação de que ele estava, pois seus olhos passaram descuidadamente pelo meu rosto e forma. Ele pareceu aprovar, pois continuou olhando para mim. Eu senti a cor sumir do meu rosto. Meu irmão, Jon, veio em meu socorro.

— Vamos nos sentar — disse ele. — Tenho certeza de que a senhorita Thatcher está ansiosa para descobrir tudo sobre o nosso distrito escolar.

Mentalmente, agradei a Jon por usar meu nome formal. Talvez isso mantivesse o Sr. Higgins em seu lugar.

Concordei com Jon.

— Sim, estou mais interessada em tudo a respeito das escolas desta área, em particular a que eu servirei.

— Mais tarde! — Higgins trovejou. — Eu nunca estrago um bom jantar discutindo coisas mundanas como o trabalho antes de comer.

Ele riu alto do que considerava inteligente e se virou para perguntar qual era a minha impressão do Oeste. Pude perceber por sua voz que ele achava que não havia nada, em lugar algum, que se comparasse ao seu Oeste. Respondi que estava no Oeste há tão pouco tempo que não tive uma chance adequada de avaliar. Eu não tinha certeza de que ele aceitou minha declaração. Senti que ele achava que não precisava de tempo para ver claramente a superioridade do Oeste. Mas, em vez de me contradizer, ele disse algo sobre “me apresentar o lugar”. Jonathan novamente me resgatou, dirigindo a conversa para outros assuntos, e não demorou muito para Mary anunciar que o jantar estava servido.

A carne assada estava deliciosa. Eu adoraria a oportunidade de desfrutar o jantar, mas o Sr. Higgins estragou tudo. Seus olhos arregalados seguiam todos os meus movimentos, e me senti tão nervosa que mal conseguia segurar meu garfo adequadamente. Jamais conheci um homem assim, e admiti finalmente minha primeira chateação. Estava tão convencido da sua importância e com suas próprias opiniões que monopolizou e manipulou toda a conversa. Minha primeira impressão foi correta: não me agradei do Sr. Higgins, superintendente escolar. Felizmente, nem todos os homens do Oeste eram como ele.

Nós não falamos nada sobre a escola, embora parecesse ter passado muitas horas antes que ele, finalmente, tivesse bom senso para pedir licença e ir embora. Enquanto se preparava para sair, perguntou se poderia ligar novamente.

— Bem — eu disse, esperando que ele entendesse meu significado no tom da minha voz —, precisamos conversar sobre a escola onde vou lecionar e preciso descobrir o que espera de mim. Ainda não encontramos tempo para isso.

Ele riu como se estivesse encantado e balançou minha mão enquanto a apertava. Eu me afastei.

— Vejo você na quarta-feira — ele disse, e piscou. Fiquei chocada com sua maneira descarada, e um pequeno suspiro de surpresa me escapou. Ele não percebeu e gritou um feliz “boa noite” que eu tive medo de acordar as crianças, depois saiu assobiando pelo caminho.

— Alguém deveria se casar com esse homem e refiná-lo um pouco

— Mary disse suavemente.

Eu balancei minha cabeça e disse:

— Vai precisar mais do que isso. Eu não imporia essa tarefa a nenhuma mulher.

Na terça-feira, Jon decidiu que eu deveria ser apresentada às lojas de Calgary, então me levou ao centro, onde me deixou enquanto ia ao escritório. Mary tinha planejado nos acompanhar, mas William estava com dor de ouvido e ela ficou com ele.

As lojas eram bem diferentes do que eu já estava acostumada. Não vi nenhuma que se comparasse com a de Madame Tanier, mas achei todas muito interessantes. Como eu queria que Julie estivesse comigo. Teríamos nos divertido muito!

Jon prometeu me encontrar para almoçar em um hotel próximo, e quando as doze horas se aproximaram eu senti fome. Decidi ir até o restaurante que ele havia me mostrado. Ao descer a calçada, percebi que muitos olhares me seguiam. Senti um frio na barriga. Talvez fosse inaceitável que uma dama andasse sozinha em Calgary. Eu teria que perguntar a Jonathan. Apressei meus passos.

As ruas de Calgary estavam cheias de variedades. Além dos empresários de terno escuro, havia fazendeiros, agricultores, índios e alguns desocupados. Eu recuperei o fôlego e passei correndo por um quarteto rude que estava à toa em frente a uma loja de ferragens. Ouvi comentários e risadas, mas não tentei decifrar nenhum deles. Eu não tinha vontade de saber o que eles diziam.

Quando cheguei ao restaurante do hotel, Jon já estava lá, dez minutos antes da hora marcada.

— Eu não queria que você chegasse antes de mim e tivesse que ficar sozinha e esperar — disse ele. Apreciei profundamente sua consideração.

Fomos levados a uma mesa e, enquanto atravessávamos a sala, Jon cumprimentou muitos conhecidos. Para algumas pessoas, ele parou e me apresentou; para outras, apenas acenou com a cabeça e as chamou pelo nome. Entendi o padrão. Quando Jon parava e fazia uma apresentação, era sempre para um casal ou um homem casado. Jon fazia referência ao Sr. — que com sua esposa e família vivia em tal rua, ou operava tal e tal negócio. Os cavalheiros que ele ignorou eram obviamente solteiros. Jon manteve sua palavra e não fez nenhum esforço para me casar. Eu sorri para mim mesma com sua tentativa óbvia de cumprir meus desejos.

Quando me sentei, pude ver e sentir os olhares me seguindo. Coloquei minhas luvas e bolsa de lado e sorri para meu irmão. Eu esperava que fingir estar à vontade me deixasse menos nervosa. Funcionou, pelo menos em parte. Jon assumiu o controle e logo me senti bastante relaxada, mesmo em meu novo ambiente. Eu estava me tornando bastante apegada ao meu irmão. Não era de admirar que mamãe o idolatrasse. Eu gostaria que ela pudesse vê-lo aqui, nesta cidade, com sua adorável esposa e filhos bem-comportados, com sua posição de prestígio na comunidade. Ela ficaria tão orgulhosa! Também me senti orgulhosa ao me sentar em frente a ele, e momentaneamente pude esquecer os olhares.

— A propósito — ele disse cautelosamente —, suas roupas são lindas. Mary também acha. Mas ela... bem... mesmo que ela tenha inveja de você, ela... bem... ela sugeriu que eu te dissesse cuidadosamente que você talvez devesse usar roupas mais práticas para lecionar. Nossas salas de aula não são tão chiques e, bem, eu não sou a melhor pessoa para te aconselhar.

Eu ri. Jon pareceu aliviado.

— Ufa — ele disse. — Estou feliz que você reagiu assim. Eu não tinha certeza se você ficaria irritada ou chateada. Eu não sou bom em sutilezas, mas Mary está certa; suas roupas de alta costura são maravilhosas, mas não são muito práticas para o nosso modo de vida.

A sinceridade e doçura de Jon apareciam com todas as suas palavras. Eu percebi que ele e Mary estavam certos; foi o amor que os levou a sugerir a mudança no guarda-roupa.

— Verei o que posso encontrar — prometi enquanto nossa comida chegava. — A propósito — arrisquei —, seria impróprio para uma dama aventurar-se sem escolta nas ruas de Calgary?

— Por quê? Você não encontrou nenhuma mulher hoje de manhã?

— Sim, sim; cheguei a pensar nisso. Várias. Mas... — Jon franziu o cenho. — Bem, eu me senti deslocada. Onde eu ia, as pessoas me olhavam.

Jon sorriu.

— Pessoas – ou homens?

Eu corei. Não havia necessidade de continuar a conversa.

Jonathan sugeriu algumas lojas onde eu poderia encontrar o tipo de roupa adequada para uma escola do Oeste e prometeu que me encontraria às três horas para me levar para casa. No começo, pensei que não haveria prazer em comprar coisas que considerava monótonas e sem estilo, mas quanto mais eu olhava, mais gostava do que encontrava e mais divertido se tornava. Mais uma vez, desejei a companhia de Julie. Ela teria transformado a viagem de compras em

uma ocasião hilária.

Encontrei alguns vestidos simples de algodão que seriam fáceis de lavar e passar, e algumas roupas de baixo sem muita renda. Eu até comprei meias mais grossas, embora, devo admitir, não me importei muito com a aparência delas. Mandeí o funcionário empacotar minhas compras e olhei as horas. Já eram três horas da tarde. Corri da loja, preocupada que Jon estivesse esperando.

Ele estava lá, a poucos passos da rua, suas costas largas viradas para mim. Corri em direção a ele e depois notei que estava conversando com outro homem. Eu hesitei. Deveria anunciar minha presença no caso de Jon estar com pressa de chegar em casa, ou deveria esperar até que ele terminasse sua conversa?

Eles mudaram de posição um pouco. Agora eu podia ver o cavalheiro com quem Jon estava falando. Ele era um pouco mais alto que Jon, que já era alto. As largas abas do seu chapéu sombreavam seus olhos, mas notei um queixo forte e um nariz bem formado. Ele tinha uma aparência fina, embora certamente nunca o considerasse um “*aristocrata*”. Havia uma certa resistência masculina nele que sugeria confiança e capacidade. Ele deu um largo sorriso enquanto falava com Jon, e imaginei uma simpatia fácil e um apreço por uma boa piada.

Meu leve movimento deve ter chamado sua atenção, pois sua cabeça se levantou.

Isso fez Jon olhar em volta.

— Fique bem — disse ele, e eles apertaram as mãos com vontade.

— Cumprimente Phillip por nós — disse Jon, colocando a mão no ombro do homem. Em troca, Jon recebeu um tapa amigável nas costas; então o homem se virou para mim. Ele assentiu levemente, erguendo o chapéu enquanto fazia isso, permitindo-me um olhar completo em seus olhos. Eles eram de um azul profundo – e determinados; mas agora tinham um brilho de humor, mesmo que seus lábios não se mexessem. Eu me vi desejando vê-lo sorrir, realmente sorrir, mas antes que eu pudesse oferecer um sorriso para encorajá-lo, ele se virou e se afastou.

Eu não conseguia entender a estranha agitação dentro de mim. De repente, desejei que Jon tivesse quebrado seu controle e nos apresentado. Nunca antes eu tinha visto um homem que me interessasse tanto. Eu fiquei olhando para ele como uma colegial.

— A - um amigo? — eu gaguejei e depois corei com minha tolice. Certamente Jon me acharia boba; seria evidente para qualquer um que eles eram amigos.

— Sim.

Foi tudo o que meu irmão disse. Não me disse sequer o nome do homem ou de onde ele era – nada. Decidi não prosseguir com o assunto.

No dia seguinte, o Sr. Higgins apareceu um pouco depois das duas horas. Eu esperava que ele estivesse pronto para começar a trabalhar, mas ele queria me levar para passear de carro. Eu fui, relutantemente. Aquilo era muito chato e fiquei muito feliz por ter um jantar de noivado naquela noite, e assim poderia insistir que deveria estar em casa com tempo suficiente para me preparar.

Eu o pressionei sobre a escola onde ensinaria, mas ele disse que ainda estava indeciso. Lembrei-lhe que eu deveria saber em breve para que pudesse fazer os preparativos adequados. Ele continuou sendo evasivo. Observei que havia apenas uma semana até o início das aulas. Ele respondeu com entusiasmo que muita coisa poderia acontecer em uma semana, depois soltou uma gargalhada. Abandonei o assunto.

Ele me deixou na porta e observou a rapidez com que a tarde havia passado. Perguntou se poderia me ver na sexta-feira. Desamparada, respondi que, como era imperativo que eu conhecesse meus planos futuros, ele poderia. Ele corajosamente colocou uma mão sobre o meu braço enquanto apertava a minha mão.

— Oh, eu tenho planos, minha querida — disse ele. — Eu tenho planos para você.

Que ousadia a dele, pensei, enquanto subia as escadas para o meu quarto. Nunca conheci um homem tão desagradável. E pensar que eu estava em uma posição em que ele seria meu empregador! Eu esperava que nossos respectivos deveres raramente nos colocassem em contato um com o outro.

De repente, o rosto do amigo de Jon veio à mente. *Que pena que ele não fosse o Sr. Higgins*, pensei, mas imediatamente me repreendi. Que tolice alimentar pensamentos tão ridículos! Mas fiquei impressionada com a intensidade dos meus sentimentos. Eu tinha visto o homem apenas uma vez, por apenas um momento. Por que ele deveria me afetar assim? Eu não sabia, mas aqueles olhos azuis sorridentes ficaram comigo para me assombrar quando eu abri a porta do meu quarto. Com muita determinação, afastei a imagem do rosto e me concentrei em escolher um vestido para a noite seguinte.

Capítulo 7

O Plano do Sr. Higgins

O Sr. Higgins chegou às onze horas na sexta-feira. Eu estava lendo para Sarah e Kathleen e estava totalmente despreparada para uma visita tão cedo. Ele irrompeu rudemente pela casa e declarou que faríamos um piquenique. Carregava uma cesta de piquenique como prova de que tudo estava preparado. Tentei gaguejar uma recusa, mas ele me interrompeu com uma risada.

— Você não precisa incomodar sua cabecinha bonita com nada. Sei que te surpreendi, mas todo mundo sabe que eu sou cheio de surpresas.

Ele parecia considerar os comentários das pessoas sobre suas surpresas como grandes elogios. Puxou minha mão e me levantou, sem mesmo me permitir terminar o restante da última página.

— Venha, venha — disse ele. — Os piqueniques não gostam de esperar.

— Eu gosto de piqueniques — Kathleen anunciou, cheia de esperança.

— Um dia, sua tia e eu a levaremos conosco, mas não hoje. Hoje é um piquenique apenas para dois. — Ele se virou para mim e deu uma piscadela. — Agora corra, minha querida, e vista algo mais confortável para um piquenique. — Ele olhou para os meus elegantes chinelos. — Especialmente em seus pés — acrescentou. — Essas coisas frágeis dificilmente são adequadas para uma caminhada no campo, e precisamos ter paz e sossego para discutir seu futuro.

Subi correndo as escadas e mudei, murmurando ameaças o tempo todo. Escolhi o mais simples dos vestidos que havia comprado em Calgary; mas desejei de todo o coração ter algo feito de sacos de farinha para usar. Procurei no armário os sapatos que havia usado na sala de aula e os coloquei. Eles eram terrivelmente simples – *quase feios*, pensei, mas fiquei feliz quando desci as escadas.

Sr. Higgins, pensei, *hoje você me dirá onde vou lecionar – ou então vou ajuda-lo a...*

Cheguei à varanda da frente, onde meu interlocutor me esperava, apanhei um xale leve do balanço, preendi meu chapéu e, relutantemente, virei-me para o impaciente Sr. Higgins, que suspirou alto, aliviado.

Seu olhar então passou por mim, me elogiando e me criticando.

— Você não precisa do chapéu. O sol vai te fazer bem...

— Uma dama não sai de casa sem o chapéu — respondi.

— Aqui no Oeste...

— Eu sou do Leste.

Ele uivou como se eu tivesse feito uma piada hilária. Mas rapidamente esqueceu o chapéu quando seus olhos recaíram sobre os meus sapatos.

— Esses sapatos — ele disse em seguida —, como você vai andar com eles? Eles também são muito...

— Sr. Higgins — interrompi —, estou começando a ter dúvidas sobre acompanhá-lo. Se esses sapatos não servirem, devo questionar aonde você está prestes a me levar.

Ele deixou de questionar o meu traje e me ofereceu seu braço. Fingi não perceber e continuei descendo o passeio sozinha, rumo à charrete e um bonito cavalo.

O Sr. Higgins fez questão de apontar para mim as cores do outono, e eu teria apreciado se estivesse em qualquer outra companhia. Sentia falta dos vermelhos profundos do carvalho e do bordo que conhecia no Leste, mas meu espírito bebia do ouro do álamo trêmulo misturado com as tonalidades verdes de pinheiro e abeto no vale do rio. Foi realmente de tirar o fôlego.

Higgins dirigiu rumo ao Oeste, para fora da cidade. Uma colina se erguia bem à nossa frente, e eu sabia que se a escalássemos veríamos aquelas montanhas gloriosas. Mas eu não queria ver as montanhas com o Sr. Higgins. Fiquei profundamente aliviada quando ele parou perto da subida da colina.

Ele pulou da charrete e deu a volta no cavalo, estendendo a mão para me ajudar a descer. Eu não podia recusar sem ser terrivelmente grosseira, mas me afastei dele rapidamente assim que pisei no chão.

Ele encontrou um local que lhe convinha e estendeu um tapete e depois as coisas de piquenique. Felizmente, a comida era boa. Nós conversamos sobre isso e aquilo; mas, lembrando-me de seu comentário sobre a retenção de discussões comerciais até depois de ter comido, não tentei direcionar a conversa para minha posição de professora. Mas estava determinada que, assim que a refeição terminasse, eu abordaria o assunto se o Sr. Higgins não o mencionasse.

Assim que terminou de comer, ele se levantou.

— Venha, minha querida — disse ele, estendendo a mão. Eu gostaria que ele não usasse um termo tão familiar para me abordar.

Isso me irritou. — Venha! Eu quero te mostrar algo.

Mostrei as sobras da nossa refeição.

— Mas o...

— Isso vai aguardar. Recolheremos quando voltarmos — disse ele, parecendo despreocupado.

— A essa altura, as formigas e as moscas...

— Meu Deus, você é muito exigente, não é? — Ele parecia quase exasperado, então eu virei as costas para o tapete e seu conteúdo. Aliás, era dele a cesta, e se ele não se importava de levar para casa uma colônia de formigas, por que eu deveria?

Subimos a encosta da colina gramada. Eu podia entender o motivo por que ele estava preocupado com meus sapatos. Não havia caminho até a encosta íngreme, e a caminhada era difícil. Ele oferecia sua mão sempre que eu demorava um pouco, então eu corria na frente dele. Quando ele parou, eu estava sem fôlego, mas feliz por parar.

Ele estendeu a mão e me virou devagar para que eu pudesse olhar para o vale pintado de outono. O rio e a cidade se estendiam diante de nós. Do nosso ponto de vista, os edifícios de Calgary pareciam abrigados e protegidos. Tentei identificar a casa de Jon e Mary, mas não consegui encontrá-la.

— Eu tenho algo a dizer. — Havia emoção e uma nota de confiança na voz do Sr. Higgins.

— Minha escola – você decidiu...?

Ele deu aquela risada calorosa e irritante dele. Virei-me para olhá-lo, sem pena nenhuma ao notar seu terno amassado.

— Esta propriedade – exatamente onde estamos – é minha. Acabei de comprar.

Eu pisquei, incapaz de compreender qualquer conexão entre o que o Sr. Higgins tinha acabado de dizer e qualquer possível interesse meu. Então, lembrando-me das minhas maneiras, ofereci:

— Ora, isso é muito bom. Estou feliz por você. Certamente escolheu uma bela vista. O que planeja?

— Vou construir minha casa, bem aqui, com uma visão completa e clara do vale.

Eu contemplei o vale.

— Muito bom — comentei distraidamente.

— Você gosta mesmo?

— Sim, claro. É adorável. — Eu esperava não estar exagerando. Era adorável, mas eu não estava tão entusiasmada.

— Eu sabia que você ia gostar. — Percebi a confiança em sua voz

novamente. — Vamos colocar a casa aqui — disse ele, acenando com o braço.

Percebendo o “nós”, uma simpatia por quem seria a outra pessoa me invadiu, juntamente com uma ligeira gratidão porque mesmo um homem como o Sr. Higgins pôde encontrar alguém com quem compartilhar a vida.

— Vamos encarar assim: a entrada da frente, a sala de estar... — ele disse, fazendo grandes gestos com o braço. — O que você acha?

Eu não conseguia imaginar por que ele estava me perguntando, mas murmurei que deveria estar tudo bem.

— Acho que vamos usar tijolos em vez de madeira, embora seja mais fácil obter madeira. Quatro ou cinco quartos, o que você acha?

— Sr. Higgins, eu...

— Você não precisa me chamar de Sr. Higgins, minha querida Beth — disse ele, de forma agradável. Fiquei chocada com a liberdade dele ao usar meu primeiro nome. — É Thomas, Tom, se você quiser — seus olhos estavam cheios de sentimento quando ele olhou para mim —, ou do que você quiser me chamar.

— Sr. Higgins — repeti teimosamente seu nome formal. — Tenho medo de não entender. Viemos aqui para discutir minha escola e, em vez disso...

— Ah, minha querida. Vejo que não me deixei claro. Você não precisa assumir uma posição de professora. Podemos nos casar logo, e eu...

— Casar?! — Minha resposta soou quase como um grito agudo. — Casar? Do que você está falando?

— Não seja tímida, minha querida. Não vejo necessidade de esperar. Alguns podem achar um pouco apressado, mas aqui no Oeste o homem tem o privilégio de decidir rapidamente. Não há necessidade da espera apenas pela formalidade. O casamento...

— Mas eu vim para o Oeste para ensinar!

— É claro — disse ele conscientemente —, até o momento adequado...

— Sr. Higgins, acho que você não entendeu. — Respirei fundo para me acalmar. — Havia homens “adequados” no Leste. Não tenho a intenção de abandonar o magistério para... casar – casar com você!

Levou alguns minutos para convencer o Sr. Higgins de que eu estava falando sério. Ele não podia acreditar que qualquer mulher em sã consciência realmente rejeitaria sua oferta – para que você veja como ele me classificou a partir daquele momento. Com nojo, ele virou-se abruptamente para descer a ladeira à minha frente, e eu estava tensa

ao acompanhá-lo. Sem qualquer palavra entre nós, ele enfiou sobras, pratos, formigas e tudo em sua cesta de piquenique, amontoou tudo na charrete e voltamos para Jon em um silêncio constrangedor.

— Lembre-se — ele finalmente ralhcou quando nos aproximamos da casa do meu irmão —, eu sou o superintendente da escola. Contrato e despeço.

— Talvez você prefira que eu volte para o Leste. Vou apenas dizer a Jonathan...

— Que absurdo — ele interrompeu. — Temos muitas escolas onde os professores são necessários. Tenho certeza de que poderei encontrar um local adequado para você.

— Obrigada — eu disse rigidamente. — Foi para isso que eu vim.

A designação veio por carta. A nota era curta e formal. Após cuidadosa consideração, afirmou, eu deveria receber a escola de Pine Springs. Em anexo havia uma passagem de trem que eu deveria usar na quarta-feira seguinte. O trem me levaria à Lacombe, onde eu seria recebida pelo Sr. Laverly, o presidente do conselho escolar local. Eu teria os dias restantes para me estabelecer antes das aulas começarem, na segunda-feira seguinte.

— Lacombe — eu disse em voz alta. — Onde fica Lacombe?

— Norte — disse Jon por trás de seu jornal. — Por quê?

— É para onde eu vou.

O jornal caiu e o rosto de Jon apareceu.

— Vai? Para quê?

— Minha escola.

— Isso não pode ser.

— Está aqui — até uma passagem de trem.

— Mas fica a mais de 160 quilômetros. Não pode ser!

— Mais de 160?

— Exato. Deve haver algum erro.

A verdade me atingiu então. O Sr. Higgins estava se certificando de que eu ficasse longe de Calgary. A vingança dele? Talvez ele estivesse esperando que eu recusasse a designação e voltasse choramingando para o Leste. Bem, não eu.

— Tenho certeza de que não há erro, Jon — disse diretamente. — Parece bom.

— Você quer dizer que consideraria...

— É claro!

— Lacombe, não é?

— Não, na verdade se chama Pine Springs.
— Fica muito longe daqui!
— Parece bom — eu disse novamente.
— É interior, ainda no começo. Tenho certeza de que houve um erro. Vou falar com o Thomas.

— Não, Jon, por favor! — disse rapidamente. — Eu quero aceitar. — Ante o olhar assustado de Jon, corri para explicar. — Oh, odeio ter de deixar você, Mary e as crianças. Aprendi a amar todos vocês, mas, na verdade, será bom para mim. Você me entende? Fui tão protegida, tão... tão mimada. Gostaria de descobrir se consigo cuidar de mim mesma, se consigo voar com minhas próprias asas.

— Você tem certeza? — Jon olhou para os meus cabelos cuidadosamente arrumados, minhas mãos macias e unhas bem cuidadas, minhas roupas elegantes.

Eu entendi o olhar dele.

— Tenho certeza! — eu disse enfaticamente.

— Bem, eu não sei o que a mamãe vai pensar. Você deveria estar sob minha asa protetora.

— Mamãe ainda não precisa saber.

— Mas...

— Ela saberá que estou sozinha, certamente, mas quanto à distância entre nós, isso só a preocuparia desnecessariamente.

— Eu ainda não estou convencido, mas se você acha...

— Ah, eu acho. Eu realmente quero tentar, Jon.

O jornal de Jon voltou a indicar que ele considerava o assunto encerrado. Sentei-me quieta, enquanto olhava o bilhete para Lacombe.

— Olha, eu apenas pensei em algo — disse Jon, saindo de trás do jornal novamente. — Pine Springs é a cidade de Wynn.

— Quem?

— Wynn, o sujeito com quem você me viu conversando outro dia quando fez suas compras. Lembra?

Lembrei! Tentei parecer muito indiferente.

— Oh, sim, acredito que me lembro de quem você está falando. Ele não é de Calgary?

— Na verdade, não. Ele vem e vai. Naquele dia, ele visitava seu irmão, Phillip, que estava no hospital aqui.

— Ah... entendi.

Eu podia sentir a emoção fluindo em minhas veias, enrubescendo minhas bochechas. Fiquei feliz por Jon estar atrás do jornal

novamente.

Peguei minha carta e meu agora bem-vindo bilhete de trem e murmurei algo sobre começar a fazer as malas, e fui para o meu quarto.

Então o amigo de Jon, Wynn, era de Pine Springs. Talvez, quando eu chegasse a Pine Springs, teria o prazer de conhecê-lo. Jon não me apresentou a ele, mesmo tendo a oportunidade perfeita. Se eu entendi bem o código do meu irmão, isso queria dizer que Wynn era solteiro. Dei um leve sorriso.

Seu ganso bobo! Eu me repreendi. *Você está agindo de maneira que até Julie declararia infantil. Pare com essa bobagem agora! Sinceramente, não sei o que aconteceu com você.*

Ainda assim, não pude deixar de sussurrar enquanto brincava com a passagem de trem: *“Obrigada, Sr. Thomas Higgins”*.

Capítulo 8

A Nova Escola

Chegou o dia da minha viagem à Lacombe, e eu me sentia animada e triste. Sentiria falta da minha família recém-conhecida; Jon e Mary tornaram-se muito queridos para mim, e as crianças eram muito especiais. William pairou nas proximidades para ver como poderia ajudar, e Sarah parecia pronta para chorar o tempo todo em que me viu fazer as malas. Kathleen insistiu em me ajudar a dobrar o veludo verde-esmeralda quando o guardava de novo; ela expressou sua tristeza por eu não tê-lo usado durante a minha estadia.

Eu carreguei Baby Elizabeth pela última vez e ela me deu o sorriso mais carinhoso. Beijei suas bochechas macias e covinhas, e uma ou duas lágrimas escorreram pelas minhas.

Mary me lembrava que eu seria bem-vinda em sua casa a qualquer momento.

— Por favor — ela implorou —, venha sempre que puder, mesmo que seja apenas para pernoitar. — Prometi que tentaria. — E se você achar que...

— Tudo vai ficar bem, tenho certeza.

Sabia que ela estava me convidando para fugir de volta para ela se eu achasse minha situação inadequada.

Apreciei sua preocupação, mas não queria ser um bebê. Suponho também que queria provar uma coisa ou outra ao Sr. Higgins!

— Mas você nem sempre sabe com que tipo de família estará hospedada — sugeriu Mary, com a voz hesitante.

— Tenho certeza de que eles não me colocariam em uma casa suspeita — eu disse, tentando parecer confiante. Na verdade, eu tinha pouca fé na preocupação do Sr. Higgins com meu bem-estar. Não sabia até onde chegaria a sua vingança.

— Mas lembre-se... — Mary disse, e eu assenti. Jon me levou para a estação, e William, Sarah e Kathleen nos acompanharam. Kathleen, muito séria, me perguntou:

— Tia Beth, você vai se lembrar de mim... se eu crescer enquanto você estiver fora?

— Claro que sim, querida — eu assegurei. — Mas eu não vou ficar longe tanto tempo assim.

Ela pareceu consolada com a minha resposta.

— Queria que você fosse minha professora — William fez beicinho.

— Eu também — Sarah ecoou efusivamente. Ela deveria começar na escola na segunda-feira seguinte e, embora estivesse ansiosa por isso, também tinha alguns medos.

— Eu também — eu disse, abraçando-os. — Mas prometo escrever e contar tudo sobre Pine Springs e meus alunos lá, e vocês podem me escrever sobre seus novos professores e amigos.

Eles celebraram com a ideia de uma carta.

Depois das despedidas finais, subi no trem e escolhi o que esperava ser um assento confortável. Um homem que fumava charuto do outro lado do corredor me fez perceber que havia escolhido imprudentemente, mas relutava em me mudar por medo de parecer rude. Sua esposa finalmente exigiu que ele apagasse o charuto; ela não suportava ficar perto da fumaça.

Eu pensei que o trem nunca chegaria à Lacombe. Andamos sacolejando, parando em qualquer lugar com mais de um prédio. O trem sibilou, tossiu, deslizou e gemeu, aparentemente para sempre, nessas minúsculas estações de trem, antes de finalmente continuar.

Passamos um tempo especialmente longo em uma cidade chamada Red Deer. Eu assisti com interesse vagão após vagão passarem cheios de cargas – sacos de farinha, caixotes e até um fogão. Por fim, quando tive certeza de que eles deviam ter tirado até minhas bagagens, retornamos ao nosso sacolejamento.

A paisagem havia mudado ao longo do percurso. Deixamos as pradarias para trás e agora atravessávamos florestas. Aqui e ali havia campos onde os colonos haviam arado a terra para o plantio. Grandes pilhas de troncos e tocos estavam espalhadas, algumas delas cercadas por plantações.

Os grãos semeados estavam agora quase prontos para a colheita, e grande parte da conversa dos meus companheiros de viagem estava centrada nesta, na qualidade e no clima. Era uma conversa estranha para mim, e me peguei ouvindo atentamente.

A noite já se aproximava quando o condutor gritou:

— Lacombe! Próxima parada, Lacombe.

Comecei a juntar os itens que havia trazido comigo. Eu cuidadosamente guardei os embrulhos do almoço que Mary insistira em enviar. Relutara muito em obedecer no momento em que sugeriu, mas agora estava feliz por ela não ter me permitido recusar. Eu comi cada pedacinho do almoço e estava grata por esse. Limpei meu colo, retirando possíveis migalhas, e me levantei para desamassar minha saia.

O trem parou de repente. Agarrei meus pertences e fui encontrar o Sr. Laverly. Enrijecida e desalinhada depois de tantas horas no trem, tive dificuldade em me lembrar como suporrei os quatro dias naquela viagem de Toronto.

Enquanto descia os degraus, meus olhos procuraram apressadamente um homem que parecia Laverly. Vi facilmente quem foi enviado para me encontrar; era a outra pessoa nervosa na plataforma. Eu me apresentei e ele sugeriu que eu tomasse uma xícara de café antes de começarmos. Ele ficaria e carregaria meus pertences. Sua filha, Pearlie, foi enviada na frente com instruções para me guiar até o restaurante do hotel local. Fiquei feliz em acompanhar Pearlie. O hotel ficava a uma curta distância e ela me levou num ritmo acelerado.

Encontramos uma mesa no canto e, depois de termos feito nossos pedidos e eu recuperado o fôlego, começamos a conversar. Fiquei satisfeito ao descobrir que Pearlie não era tímida e oferecia informações livremente. Eu estava ansiosa para descobrir qualquer informação que pudesse sobre Pine Springs.

— Você gosta da escola? — perguntei, pensando que essa seria uma pergunta normal para uma professora fazer.

— Sim, mas eu não gostei do meu último professor como do anterior. Mas... — ela se apressou, depois de uma rápida verificação da minha resposta a isso — pelo menos ele era melhor do que o primeiro.

— Você tem um novo professor a cada ano?

— Na maioria das vezes. Tive um por um ano e meio uma vez. — Ela encolheu os ombros sem nenhuma consequência.

— A que distância fica Pine Springs?

— Papai diz que vai demorar meia hora.

— Como é lá?

— Não sei. Nunca estive lá antes.

Meus olhos devem ter se arregalado com essa resposta.

— Você não mora em Pine Springs?

— Uh-uh. Moro aqui em Lacombe.

— Mas pensei que fosse seu pai que me levaria à Pine Springs.

— É isso. Ninguém em Pine Springs tem carro, então o Sr. Laverly contratou meu pai para conduzi-la. A viagem é demorada e o Sr. Laverly disse que quando você chegasse lá a cavalo e carroça, poderia querer voltar para o Leste. E ele com certeza não iria querer isso.

— Entendo. — Eu sorri com a avaliação que o Sr. Laverly fazia de uma dama do Leste. — Então você não é uma Laverly.

— Não. Nós somos Ainsworths.
— Você mora e estuda aqui em Lacombe?
— Sim.
— Você tem alguma ideia de quantas crianças frequentam a escola de Pine Springs?

— Até agora, nenhuma.
— Como?
— É um projeto novo. Acabaram de construir. Eles estavam tentando conseguir um professor, e o Sr. Higgins nunca tinha um para eles. Eles construíram a escola há dois anos – e nada de professor. E no outono passado, também sem professor. Agora, este ano, terão uma professora. O Sr. Laverly parecia muito animado. Foi por isso que ele pediu ao meu pai para conduzi-la. Meu pai é o único por aqui com um bom automóvel — acrescentou ela com orgulho.

— Isso é muito gentil. O que seu pai faz?
— Ele é agente funerário, o negócio está indo muito bem – ouvi-o dizer à mamãe. Ele diz que ela pode até ter a nova máquina de lavar roupa que ela quer. Não será mais necessário usar a velha prancha.

Eu sorri e assenti.
— Isso vai ser bom para sua mãe. — Pearlie me observava com cuidado. Assim que terminei meu chá, ela se levantou da cadeira.
— É melhor voltarmos. O meu pai já deve ter carregado suas coisas.
— Você vai conosco para Pine Springs? — perguntei, esperando que ela fosse.

— Eu preciso — afirmou ela. — Tenho que ajudar o papai a ligar o carro.
— Você ajuda? O que você faz?
— Eu engato enquanto ele dá a partida.

Voltamos para a estação e encontramos o pai de Pearlie andando de um lado para o outro de uma maneira agitada. Diante dele, na plataforma, estavam meus baús. Pelo olhar que o chefe da estação me deu, imaginei que ele e o pai de Pearlie já tinham conversado. Sem preliminares, o pai de Pearlie declarou:

— Eles terão que ficar. Não tenho lugar no meu automóvel para cargas como essas.
— Mas preciso deles! — protestei. — Neles estão minhas roupas, meus...

— Não posso fazer nada. Posso levar a sua bagagem de mão, mas os baús terão que ficar aqui. Alguém terá que voltar com uma carroça para buscá-los.

Pude ver que ele estava decidido. Além disso, ele parecia estar certo. Não havia espaço no automóvel para meus baús.

— Coloquei suas coisas no banco de trás. Você pode sentar-se ao lado delas.

Eu fiz como ele disse. O chefe da estação foi convocado com um aceno e recebeu instruções acerca dos meus baús. Logo estavam num carrinho, sendo levados para um pequeno galpão.

Pearlie ocupou o lugar atrás do volante e habilmente puxou e torceu os botões enquanto o pai dava a partida. Foi preciso muito trabalho antes que o automóvel ligasse. Ele veio correndo pela frente, abriu a porta e tirou Pearlie do caminho, com o rosto vermelho e suado pelo esforço.

Começamos a rodar com cuidado pela pequena cidade, evitando buracos, pedestres e parelhas. Os cães tinham prazer em perseguir esse transporte curioso, provocando, latindo e batendo nos pneus enquanto nos escoltavam para fora da cidade. Prendi a respiração com medo de atingirmos um deles, mas o pai de Pearlie dirigia como se nem estivessem ali.

Foi uma viagem longa, poeirenta e esburacada. A estrada certamente não foi construída para velocidade, e o pai de Pearlie não poderia ter sido acusado de acelerar. Mas, para não parecer ingrata, fiquei feliz por não precisar fazer a viagem de carroça.

Procurei minhas amadas montanhas, mas desse ponto de vista vi apenas colinas cobertas de árvores.

Passamos por vários campos que foram desmatados, muitos deles com plantações em diversos estágios de maturação. Alguns campos pastavam gado ou cavalos, e até mesmo ovelhas. A maioria das casas e anexos era de madeira; eu as achei fascinantes.

Estava prestes a dar um tapinha no ombro de Pearlie e perguntar se estava longe quando me lembrei que ela também não saberia, pois nunca esteve em Pine Springs antes. Cerca de dez minutos depois, passamos por um acesso e encontramos uma construção de madeira que achei que poderia ser minha escola.

Passamos por ela, atravessamos a grama marrom e paramos diante de um prédio menor à esquerda, atrás da própria escola.

— Aqui estamos — o pai de Pearlie gritou mais alto que o rugido do motor. Ocorreu-me que ele não planejava desligá-lo — ele não desejava o esforço desagradável de dar a partida novamente. Eu não o culpei. Devo ter demonstrado minha perplexidade, pois ele gritou para mim: — A Casa dos Professores — onde você ficará.

Casa dos Professores? Juntei meus pensamentos e minha bagagem e me arrastei do carro. Meus companheiros não saíram do lugar no

automóvel.

— Eu não tenho chave! — gritei pela janela do automóvel.

— Uma chave? — Ele agiu como se nunca tivesse ouvido falar do objeto.

— Sim, uma chave – para eu entrar na casa.

— Não precisa de chave. Não tem fechadura. Bom dia, senhora. — E ele levantou o chapéu, apertou a alavanca de câmbio e o automóvel partiu.

Fiquei olhando eles partirem. Pearlie acenou alegremente, e eu acenei sem entusiasmo. Quando eles sumiram de vista, juntei minhas coisas e empurrei a porta. O pai de Pearlie estava certo; ela abriu-se prontamente ao meu toque e entrei na que era agora minha nova casa.

Eu esperava ser uma pensionista em alguma casa da vizinhança. Um medo engraçado me sobreveio. Mas eu disse a mim mesma para não ser boba, que eu gostaria muito mais de morar sozinha e que estaria perto da minha sala de aula.

Descobri mais tarde que a Casa dos Professores havia sido construída no último inverno como um incentivo adicional ao Sr. Higgins para que fornecesse um professor à comunidade. Eu era sua primeira ocupante.

Entreí em um pequeno cômodo, que era uma cozinha e sala de estar combinadas. Uma parte de um armário estava em um canto e ao lado havia um fogão muito velho. Um fogo estava queimando nele, então alguém devia ter estado recentemente na casa. Uma chaleira estava no fogão e emitia um assobio alegre e suave com sua coluna de vapor oscilante. Algo naquela chaleira de repente me fez sentir muito mais em casa. Eu me senti relaxar. Meus olhos rapidamente olharam ao redor do cômodo. Havia também uma mesa e duas cadeiras remendadas e recém-pintadas com um verde pálido. Duas cadeiras almofadadas, cobertas cuidadosamente com mantas e uma pequena mesa entre elas, formavam minha sala de estar. Um tipo de baú estava contra a parede.

Pude ver um segundo cômodo e, depois de dar uma breve olhada no primeiro, passei rapidamente pela porta ao lado para ver melhor. Esse cômodo tinha uma cama e uma cômoda. Os móveis pareciam gastos, mas limpos. O colchão da cama parecia irregular, mas uma nova cobertura foi costurada para ele, com sacos de farinha recém-lavados. Um travesseiro novinho em folha enfeitava o local onde repousaria minha cabeça; perguntei-me se sua penugem suave vinha da ave de algum vizinho. Uma linda colcha colorida e macia estava dobrada sobre o colchão.

Percebendo que ainda carregava minhas malas, voltei ao primeiro

cômodo e as joguei em uma das cadeiras estofadas. Como num transe, fui até o fogão e verifiquei se precisava de mais lenha. Eu nunca tinha cuidado de um fogão antes e não fazia a menor ideia de como lidar com aquilo, mas parecia bastante óbvio onde deveria colocar a madeira.

Olhei ao meu redor. Havia algumas coisas sobre a mesa e fui olhar. Um bilhete chamou minha atenção e eu parei para lê-lo.

Querida Senhorita,

Depois de sua viagem, você deve estar cansada e com fome, e deixamos algumas coisas. Nós a chamaremos amanhã para ver o que você está precisando. Esperamos que você goste daqui. Estamos muito contentes por você ter vindo.

Martha Laverly.

Sobre a mesa havia recipientes de chá, açúcar, café e sal, além de queijo, pão fresco e bolo. Fui até o armário e abri as portas. Uma coleção de pratos e panelas incompatíveis me cumprimentou. Peguei um bule de chá marrom com uma tampa lascada, uma xícara azul com uma rosa ao lado, coloquei em um pires amarelo claro e comecei a preparar uma xícara de chá.

Enquanto o chá fervia, abri a outra porta do armário e encontrei itens básicos em pequenos recipientes. Nunca tendo passado muito tempo na cozinha, fiquei grata por ver que eles estavam cuidadosamente rotulados.

No armário havia uma panela cheia de água, e na água estavam três jarros. Um continha creme, outro leite e um terceiro, manteiga. *Então é assim que se mantém as coisas doces quando não há geladeira!* Enfieí um dedo na água e fiquei surpresa com o quanto estava gelada.

O baú perto da porta continha um balde de água com uma pequena concha, uma bacia e um recipiente de lata com uma barra de sabão. Derramei um pouco da água na bacia e lavei as mãos. Percebendo que não tinha toalha para secá-las até meus baús chegarem, saí e sacudi a água das minhas mãos e depois andei de um lado para o outro, esfregando-os levemente até que toda a água tivesse evaporado.

Meu chá estava pronto quando voltei. Cortei um pedaço de pão fresco e espalhei manteiga, depois cortei uma porção generosa de queijo. Atravessando até a cadeira almofadada que não estava com meus pertences, sentei-me com minha refeição. Quão bom estava aquele chá quente com o pão fresco! Não me lembrava de ter feito uma refeição mais agradável.

Minha mente estava começando a desanuviar e estudei meus novos aposentos mais detalhadamente. As janelas tinham cortinas brancas, de aparência bastante grosseira. A mesa estava coberta com um pano

branco do mesmo material, mas estava decorada com ponto cruz. As paredes estavam nuas, exceto por um calendário. Os tapetes no chão eram pequenos e redondos sobre a madeira desnuda. Os móveis eram definitivamente todos de segunda mão. Ao olhá-los, imaginei quem poderia ter doado para que a nova professora fosse abastecida.

Teria sido um sacrifício? Repousei meu copo vazio e fui novamente para o quarto.

As cortinas penduradas eram do mesmo material grosseiro. Mais duas mantas foram cuidadosamente dobradas e empilhadas em uma prateleira na parede. Eram todas caseiras, obviamente feitas das melhores partes de roupas desgastadas. Hábil e artisticamente tecidas, elas eram muito agradáveis de se olhar. Admirei o trabalho manual e apreciei o tempo que lhes foi dedicado. Três tapetes estavam espalhados pelo chão, um na frente da cama, um na frente da cômoda e o terceiro, na porta. Um espelho pendurado na parede, com uma rachadura irregular num canto inferior.

Portanto, não serei pensionista, disse novamente a mim mesma. *Vou viver completamente sozinha nesta pequena casa de madeira.*

Voltei para a cadeira desconfortável e servi uma xícara de chá fresco. Olhei ao redor do meu pequeno ninho de segunda mão sentindo profundo respeito pelas pessoas que haviam trabalhado e sacrificado tanto para me trazer aqui. A sensação de quase pânico me deixou e um parentesco caloroso com esses pioneiros começou a penetrar em minha mente e emoções. Senti-me quase feliz ao pensar nos meus vizinhos ainda desconhecidos. *Amarei seus filhos e os ensinarei da melhor maneira possível*, decidi naquele momento.

Sorri para mim mesma e tomei um gole do chá quente, e disse em voz alta:

— Obrigada, Sr. Higgins. Você não poderia ter me colocado em uma situação mais agradável.

Não foi até eu encontrar uma bacia e mais água quente para lavar meus poucos pratos que descobri o pote coberto de ensopado ainda fervendo na parte de trás do fogão. Um cheiro delicioso subiu quando levantei a tampa e o mexi, e mesmo que minha fome já tivesse sido completamente satisfeita com pão e queijo, não pude evitar me servir uma pequena porção. Estava uma delícia. O resto seria o meu jantar de amanhã.

Capítulo 9

O Deserto

Passei o restante do dia explorando mais meu novo domínio. Além da escola (cuja porta estava firmemente pregada) e da casa, havia também um galpão para o suprimento de madeira, um pequeno celeiro e duas dependências com a inscrição “Meninos” e “Meninas”. Havia uma bomba no quintal, e eu percebi que aquele era meu suprimento de água. Não resisti e testei aquela alça. Demorou muito tempo até a água aparecer. Quando finalmente chegou, coloquei minha mão sob a corrente e estava tão fria que tremi. Sentei-me na pequena plataforma para recuperar o fôlego, tocando minha mão ainda fria nas minhas bochechas e testa quentes.

O quintal certamente precisava de cuidados, mas, é claro, não havia ninguém trabalhando ali. A grama alta havia sido cortada recentemente, mas foi deixada ali, escurecendo onde caiu. Cheirava a mofo e insetos zumbiam sobre ela.

Espiei uma das janelas do pequeno prédio da escola e vislumbrei algumas mesas de vários tamanhos e condições, um grande e barrigudo fogão perto da porta e a mesa de professor em frente a uma lousa caseira.

Não voltei à sala de aula até o sol se pôr naquela noite. O pôr do sol era esplêndido. Eu me perguntei se estava se exibindo só para mim ou se era frequentemente tão espetacular. Raramente via uma cena tão linda; as cores flamejavam no céu em tons que eu não tinha palavras para descrever. Os pássaros cantavam suas últimas canções do dia antes de se recolherem para a noite, e a escuridão ainda estava presente. *Agora, pensei, entendo a palavra “crepúsculo”. Foi criada exatamente para este tempo – neste lugar.*

O ar começou a esfriar e a escuridão finalmente começou a descer. Eu lentamente comecei a abrir caminho para o meu pequeno refúgio, querendo cantar em voz alta a música que reverberava em meu coração, ainda me mantendo sob controle. Este novo mundo era tão pacífico, tão harmonioso!

Prolonguei-me na janela do prédio da escola, dando uma última olhada infrutífera no interior escuro, quando um uivo assustador e horripilante rasgou a quietude da noite. Pareceu rasgar minhas veias, deixando-me aterrorizada e tremendo. O grito mal desapareceu quando outro o seguiu, para se juntar a mais outro.

Reagi naquele instante. Uma matilha de lobos! E bem no meu quintal! Eles tinham farejado sangue novo e estavam avançando para a matança.

Dei um salto e corri para a porta da minha casa, orando para que, de alguma maneira, Deus os segurasse até que eu conseguisse entrar. Meus pés se enredaram na grama recém-cortada e caí com as mãos e os joelhos no chão. Com um grito, segui loucamente, sem me preocupar onde pisava. O restolho afiado da grama e ervas daninhas feriram as palmas das minhas mãos, mas eu me arrastei. Outro uivo atravessou a noite.

Oh, meu Deus! Eu chorei e lágrimas corriam pelo meu rosto.

Os uivos pareciam estar perto de mim agora. Começaram como um solo, e terminavam em um coro inteiro. O que será que eles diziam um ao outro? Eu tinha certeza de que estavam discutindo o meu fim.

De alguma forma, cheguei à porta e entrei. Lutei para me levantar e apoiar minhas costas na barreira frágil de madeira. Eu esperava que um ataque viesse a qualquer momento. Não ouvi som de pés ligeiros almofadados, apenas uivos esporádicos. Mas Julie havia dito que os lobos do Oeste eram assim – sorrateiros como felinos e atacando silenciosamente suas vítimas.

Ergui meus olhos para as janelas. As janelas! Eles desafiariam os vidros?

Forcei-me a deixar a porta, verificando primeiro algum tipo de fechadura. Havia uma espécie de trava, mas era apenas um gancho e um olho. Totalmente inadequado contra um lobo de meia tonelada.

Julie dissera que eram animais enormes, com olhos que brilhavam com um vermelho raivoso, mandíbulas que pareciam sorrisos maliciosos e pelos que se avolumavam um metro acima do pescoço, fazendo-os parecer homens sinistros vestidos com casacos pesados e largos.

Com os dedos trêmulos, apertei o gancho na porta e corri para a cozinha. O que os deteria? Talvez se eu pendurasse colchas nas janelas, o cheiro do meu sangue quente não chegaria a elas tão prontamente. O que Julie disse? Fogo. Era isso – fogo. O fogo era a única coisa que os impediria.

Corri para o fogão. Estava frio e sem fogo.

Eu tenho que começar um incêndio, eu tenho! Chorei e comecei a jogar papel e gravetos no forno. Eu sabia que esses suprimentos haviam sido deixados para meu uso na manhã seguinte, mas eu precisava deles agora.

Meus dedos se atrapalharam com o fósforo quando uma nova explosão de uivos atravessou o ar. Eles já não pareciam tão próximos,

mas talvez essa fosse sua estratégia para deixar suas vítimas desprevenidas. Talvez alguns deles estivessem sentados e uivando, enquanto outros entravam silenciosamente para matar.

O papel finalmente começou a queimar, e eu empurrei o graveto sem cuidado para cima dele. As chamas famintas e recém-formadas o consumiram rapidamente. Coloquei a tampa no fogão. Para minha consternação, não havia evidência de fogo, exceto pela pequena quantidade de calor que começava a irradiar da placa de metal preto.

“Não posso cobri-lo – não posso, ou não haverá proteção alguma”, disse a mim mesma.

Retirei a tampa novamente. As chamas estavam robustas agora, e eu as alimentei com mais madeira.

A fumaça começou a infiltrar-se na sala e, enquanto me aconchegava sobre o fogão, tão perto das chamas quanto possível, comecei a tossir. Puxei o lenço do bolso da saia e cobri a boca. Foi então que percebi que meu vestido estava rasgado e pendurado frouxamente na minha cintura. Eu quase cortei a saia do corpete. Deve ter acontecido durante a minha fuga frenética.

Continuei a alimentar o fogo e me aconcheguei sobre ele, tossindo e chorando em meio à fumaça. De repente, percebi que fazia vários minutos desde que ouvira um lobo uivar. Foi um truque? Eles seguiram em frente ou apenas me afastaram das chamas? Agora eu desejava ter estudado mais sobre os hábitos das criaturas do deserto, como Julie insistira. Foi tolice da minha parte me aventurar na natureza despreparada. Eu sequer possuía uma arma ou saberia como usá-la.

Minha pulsação soava alta naquela nova quietude. Ouvi uma coruja piar algumas vezes, então ela também pareceu seguir em frente. Ainda assim, permaneci perto da lareira sem nem ao menos me mover para a janela e olhar para fora. Uma lua cheia logo pairou no céu. Pude perceber pelo seu brilho que estava cheia, laranja como uma abóbora de outono. Fiquei onde estava e, entre acessos de tosse, olhei para as sombras que cercavam as árvores do outro lado do quintal. Eu podia ver claramente pela janela, por causa da lua que subia cada vez mais alto no céu, mas, embora me esforçasse até meus olhos doerem de tensão, não vi nada se mover. E então, para minha surpresa, dois cervos saíram sem medo das sombras e entraram no terreno. Eles começaram a se alimentar, despreocupados, da grama espalhada e cortada. Este foi o meu primeiro incentivo. Certamente o cervo não sairia com ousadia se a matilha de lobos ainda estivesse por perto. Mas os lobos poderiam se esconder tanto que nem o cervo os podia detectar? A favor do vento – não era? O assassino perseguia sua presa a favor do vento. Havia um vento soprando? Mais uma vez forcei

meus olhos e meus ouvidos, mas nenhuma folha tremia; não conseguia nem ouvir uma vibração no silêncio da noite.

Continuei a alimentar meu fogo. A fumaça na sala estava quase insuportável agora. Eu não podia me dar ao luxo de deixar a tampa do fogão mais um minuto ou certamente me sufocaria. Mesmo com o lenço e a bainha do vestido sobre o nariz e a boca, eu mal conseguia respirar o ar da sala. Meus olhos lacrimejaram até meu lenço ficar encharcado.

O que eu poderia fazer? Fechar a tampa significava que meu fogo não podia ser visto, mas abri-la significaria que logo seria expulsa da casa. Talvez fosse isso o que os lobos estavam esperando. Talvez eles soubessem que eu não aguentaria por muito mais tempo a casa cheia de fumaça. Talvez eles estivessem reunidos em frente à porta neste exato instante, esperando que eu cambaleasse da casa direto para suas mandíbulas. Reabasteci o fogo e fechei a tampa.

Os minutos passaram lentamente. Demorou muito tempo até eu ter a coragem de me afastar do fogão. Eu ainda estava buscando alguma maneira de garantir minha sobrevivência. *A lamparina*, pensei de repente. *A lamparina pode funcionar como um substituto do fogo.*

Atrapalhei-me na sala escura até encontrar a lamparina e os fósforos. Quando a pequena chama acendeu, vi uma sala tomada de fumaça. Não é à toa que eu estava com dificuldade para respirar.

Olhei ao redor da sala, consternada. Não havia nada disponível para minha defesa, e era muito tarde. Ninguém a essa hora estaria passando na estrada diante da minha porta. Imaginei que, de acordo com onde a lua estava agora, a noite já estivesse terminando. Eu sofria de cansaço e medo, e minhas mãos e joelhos ardiavam com arranhões e ferimentos. O que eu poderia fazer?

De repente, percebi que não havia nada que eu pudesse fazer e era tolice fingir me defender.

Coloquei mais lenha no fogão, coloquei minha lâmpada acesa sobre a mesa perto da janela e fui para o meu quarto. Em algum lugar de meus poucos pertences, eu tinha uma camisola, mas não me preocupei em procurá-la. Fechei a cortina e arranquei meu vestido rasgado e sujo por sobre a minha cabeça. Deixei-o jogado onde caiu, em cima de uma das minhas saias. Ainda usando o outro, fui para a cama e espalhei a colcha sobre ela. Eu nunca tinha dormido sem lençóis antes, e sob diferentes circunstâncias isso teria me incomodado. Mas não agora. Eu estava prestes a me jogar na cama quando me lembrei das colchas limpas sobre o colchão. Parei apenas o tempo suficiente para recolher a saia do meu vestido desintegrado e limpar cuidadosamente as mãos e os pés. Então me deitei e puxei a colcha por cima da minha cabeça.

Senhor, eu orei, fiz tudo o que podia fazer. O Senhor terá que assumir o controle agora.

A cabeça coberta pela colcha não era menos sufocante do que a fumaça da sala. Logo, fui forçada a descobrir meu nariz para que eu pudesse respirar um pouco. Eu tossi até pegar no sono.

Capítulo 10

Lars

Quando acordei na manhã seguinte, o sol já brilhava alto no céu. Acordei tossindo e levei alguns minutos para me recuperar e perceber o que havia acontecido. Bastou um vislumbre de minhas roupas caídas ao chão, e tudo voltou para mim.

O medo e pânico se foram. Julie também me informou que os lobos não andam por aí em plena luz do dia. Afastei a colcha e movi os pés para sair da cama; rigidez e dor me pararam. Lembrei-me instantaneamente dos meus joelhos machucados e percebi que deveria ter cuidado adequadamente deles antes de me deitar. Sentei-me lentamente e puxei minha saia para examinar minhas feridas. Os arranhões estavam vermelhos e inchados, mas nenhum parecia ser profundo. Alguns dias seriam o suficiente para sarar. Virei minhas mãos e olhei para elas, e confirmei. Mas fiquei chocada com a imundície delas. Estremeci ao pensar que tinha realmente ido para a cama com tantas manchas de sujeira e fuligem.

Rastejei lenta e dolorosamente para sair da cama. Mancando, fui abrir todas as minhas janelas em um esforço para eliminar o cheiro da fumaça. Então me lavei o máximo que pude em água fria e me enxuguei na parte mais limpa do meu vestido sujo.

Meus arranhões ardiam quando eu os ensopava com a barra de sabão e os secava. Queria ter sido sensata o suficiente para trazer algum tipo de pomada comigo. Não tendo, decidi experimentar uma pequena quantidade de creme daquele pote que havia sido deixado na minha mesa. Isso aliviou alguns cortes. Eu me vesti ainda rígida e fiz o melhor que pude com meu cabelo. Precisava muito de um bom banho depois da minha viagem empoeirada no automóvel dos Ainsworths e da fumaça da noite anterior.

Mal pusera as coisas em ordem, acendi o fogo e coloquei o café, quando bateram à minha porta. Acabara de me preparar para uma ida ao depósito, para reabastecer meu suprimento de lenha. Eu tinha queimado quase tudo da reserva ao lado do fogão da minha cozinha, tentando manter os lobos longe da minha porta. *Meu Deus, é preciso muita madeira para manter as pessoas por aqui durante o inverno – com os lobos e as constantes nevascas e tudo o mais*, eu estava pensando nisso quando ouvi a batida na porta.

Abri a porta e havia um menino que eu julgava ter oito ou nove

anos. Ele estava vestido com calça jeans remendada e uma camisa de algodão recém-passada. Seus cabelos loiros eram bastante rebeldes, mas seu rosto sardento brilhava com o banho matinal.

— Olá — disse ele, um sorriso tímido tentando passar por seus olhos cautelosos.

— Olá — respondi, tão feliz em vê-lo que eu poderia tê-lo abraçado. Ele deve ter visto a alegria na minha cara, pois deu um sorriso. — Entre. — Eu o recebi com um sorriso também. — Eu sou a senhorita Thatcher.

Ele avançou desajeitadamente, timidamente olhou em volta por um momento e depois decidiu que seria melhor começar a trabalhar.

— Mamãe me mandou para ver se eu poderia ajudá-la — suas palavras eram rudes, com um sotaque escandinavo.

— Isso é muito gentil — eu disse.

— Eu posso carregar madeira e água para você — continuou o garoto. Então ele parou e cheirou. — Queimado — afirmou ele. — Ainda tem problemas com o fogo?

— O cheiro sairá em breve — assegurei a ele, não querendo culpar o velho e confiável fogão, mas também não sabia exatamente como levantar a questão dos lobos.

O aroma do café fez meu estômago revirar.

— Antes de buscar a madeira e a água, você gostaria de se juntar a mim no café da manhã?

— Obrigado, mas eu já tomei meu café da manhã.

— Então faça disso um almoço — sugeri, e o garoto riu. — Apenas sente-se. — Apontei em direção às cadeiras verdes.

Ele foi até a mais próxima e sentou-se. Espalhei manteiga e conserva de morango em quatro fatias de pão. Servi leite para ele e café para mim, e me juntei a ele na mesa. Inclinei minha cabeça e dei graças; seus olhos não mostraram surpresa. O pão e a geleia estavam deliciosos, e ele pareceu apreciá-los tanto quanto eu.

— Sua lâmparina ainda está acesa — disse ele de repente. À luz do dia, deixei de notar. O pavio tinha queimado, de modo que apenas uma pequena chama aparecia. Senti minhas bochechas corarem de vergonha, mas sem mais comentários, o garoto se inclinou e apagou a chama.

Eu me perguntava como iniciar nossa conversa, para que pudessemos nos conhecer. Mas ele cuidou desse problema.

— Eu moro na fazenda aqui do lado — ele começou, apontando o dedo para o Nordeste. — Não há árvores, você pode ver bem nossa casa e um celeiro.

Aquela foi uma boa notícia. Não fazia ideia de ter vizinhos tão próximos.

— Você será um dos meus novos alunos?

— Você quer dizer, se eu vou para a escola?

— Exatamente.

— Eu e minhas irmãs, Else e Olga, e meu irmão, Peter.

— Que bom — eu disse intencionalmente. — E qual é seu nome?

— Lars — Lars Peterson. Eu tenho o nome do meu avô.

Pude ver, pela maneira como ele disse, que se orgulhava do fato.

— E o nome do seu pai?

— Henry Peterson. Mamãe é Anna.

— E em que classe você estará, Lars?

— Ainda não sei. Nunca fui à escola, mas meu pai tentou nos ensinar algumas letras e palavras. Minha mãe ainda não sabe muito bem o inglês. Papai estudou um pouco de inglês quando veio pela primeira vez. Mamãe veio seis meses depois, nos trazendo ainda pequenos, e não teve tempo para estudar. Mas ela conhece números muito bem. Os números não são muito diferentes em nenhum país, eu acho.

Eu balancei a cabeça e sorri, mas estava imaginando a vergonha de uma criança com quase dez anos que nunca esteve em uma sala de aula.

— Eu era muito novo quando viemos do meu outro país — Lars continuou. — Olga ainda não tinha três anos, e os gêmeos eram apenas bebês.

— Quantos anos eles têm agora?

— Olga tem sete anos e meio, e Peter e Else têm apenas seis.

— E você?

— Eu tenho nove anos. — Ele limpou as últimas migalhas das bochechas e se levantou da cadeira. — É melhor que eu busque mais madeira — disse ele —, você está quase sem.

Fiquei aliviada por ele não ter comentado sobre a quantia extraordinária que eu havia usado.

— Obrigado pelo bom café — ele terminou com um sorriso. — Vou pegar água fresca para você primeiro.

Virei-me para pegar meu balde de água, derramando o que ainda restava no reservatório no fogão.

— Lars — eu disse lentamente. Eu tinha que saber, mas não sabia como perguntar: — Como as pessoas aqui lidam com os lobos?

— Lobos? — Ele pareceu surpreso e confuso. Então respondeu com confiança: — Não tem lobo.

— Mas ontem à noite eu os ouvi. E se sua fazenda está tão perto, você também deveria ter ouvido.

— Oh, sim. São coiotes.

— Coiotes?

— Sim, coiotes velhos e bobos. Papai diz que esses coiotes são de cor amarela e têm medo das próprias sombras. Só assustam galinhas e ratos.

— Mas eles pareciam...

— Só fazem barulho! — Os olhos dele brilharam. — Eu gosto de ouvi-los. Eles soam tão próximos, e uivam juntos...

— Sim, eles parecem íntimos — eu disse, tremendo só de lembrar. — E eles nunca atacam pessoas?

— Não, coiotes não. Eles têm medo de tudo, especialmente das pessoas. Tentei espreitá-los várias vezes para dar uma boa olhada, mas assim que você se aproxima um pouco, eles dão as costas e saem correndo, fugindo o mais rápido possível.

Senti-me aliviada e envergonhada ao pensar no terror que suportei na noite anterior. Coiotes – coiotes inofensivos e barulhentos! A humilhação corou minhas bochechas.

Lars virou-se de repente para mim, com o balde de água vazio ainda na mão.

— Senhorita Thatcher, sabe os coiotes? Quando eu era pequeno, eu tinha medo deles. Eu costumava deitar na cama com minha cabeça embaixo das cobertas, assustado e chorando. — Ele corou. — Então meu pai me disse que eles são mariquinhas. Eles teriam mais medo que eu se me encontrassem de repente. Papai disse que ia me dar uns bons cães, para manter os coiotes longe das galinhas – as galinhas são as únicas que precisam ter medo. — Ele se virou para ir embora, depois voltou. — Você não conta para ninguém que eu tinha medo de coiotes bobos?

— Não, eu não vou contar, ninguém vai saber, pode ter certeza — prometi a ele. Ele saiu da casa com alívio estampado nos olhos. *Não vou contar para ninguém, disse a mim mesma, sobre me esconder debaixo das cobertas, ou medo, ou incêndios, ou lamparinas acesas – qualquer coisa do tipo. Jamais vou contar.*

Capítulo 11

Os Petersons

Depois que Lars voltou com o balde de água, ele começou a transportar madeira. Ele não parou até que eu insistisse que seria incapaz de sair da minha casa se trouxesse mais. Ele sorriu e depois cortou um bom suprimento de gravetos. Queria dar-lhe uma moeda, mas de alguma forma senti que não seria certo aos olhos de sua mãe, que o havia mandado; então ofereci mais algumas fatias de pão e geleia. Ele sentou no degrau e comeu, e me sentei ao lado dele.

— Quantos alunos você acha que virão?

— Cerca de dezoito ou dezenove, ou mais, talvez, se vierem os meninos maiores.

Talvez vinte alunos, de todas as idades e talentos. Parece uma tarefa incrível.

— Só temos mesas para dezesseis, então precisaremos de mais — continuou Lars.

— E quem vai providenciar mais mesas e cadeiras? — perguntei a ele, sabendo que ele estava certo sobre as mesas. Eu as havia contado na noite anterior, mas não tinha certeza.

— Sr. Laverly pediu ao Sr. Yohnson para construí-los. Ele faz charretes.

Eu sorri.

— Entendo. Você acha que eles estarão prontos para segunda-feira?

— Acho que sim. — Lars terminou seu último pedaço de pão. — É melhor eu ir. Mamãe vai precisar de mim. Obrigado pelo pão e pela geleia. Oh, sim! A mamãe disse para você vir jantar hoje à noite. Seis horas. Bem no fim do dia – é só atravessar o campo. Você pode vir?

— Eu ficaria encantada.

Ele franziu o cenho levemente:

— Isso significa que você vai?

— Eu vou.

— Bom. — E com um sorriso, ele se foi.

— Obrigada pela madeira e água — gritei para ele.

Passei o resto do dia vasculhando minha casinha, fazendo uma lista dos itens que precisaria comprar e desejando desesperadamente que catchessem meus baús. O Sr. Laverly não apareceu como eu esperava, e

eu não tinha como saber onde ou como entrar em contato com ele.

Às vinte para as seis, arrumei os cabelos, troquei o vestido e parti para encontrar os Peterson. Lars estava certo. Assim que passei pelas árvores atrás do terreno da escola, pude ver a fazenda deles ao pé da colina. Às vezes, eu a perdia de vista ao passar pelos bosques, mas eu estava na direção certa; estava bem ali, exatamente onde eu esperava, na saída da floresta.

Anna Peterson me cumprimentou com um sorriso caloroso. Seu inglês não era bom e ela falava com um forte sotaque, mas seus olhos mostravam bom humor ao rir de seus próprios erros.

— Nós muito felizes você veio. Você precisa muito escola, para crianças não falar como eu.

O Sr. Peterson também foi atencioso, e o calor de sua amizade me facilitou a resposta. Olga e Peter eram muito tímidos. Elsa era um pouco mais extrovertida, embora ainda fosse rápida em desviar o olhar e recuar se eu falasse diretamente com ela.

Anna era uma boa cozinheira. Os ingredientes simples em sua grande cozinha produziam comida de dar água na boca. Foi muito bom desfrutar de uma refeição com a família.

A noite passou depressa e, antes que eu percebesse, pude ver o sol se pôr lentamente em direção às copas das árvores. O crepúsculo estava roubando a cena, me dando vontade de me acolher no aconchego da minha casa.

— Tenho que ir — anunciei. — Eu não percebi, em breve estará escuro e eu não conheço bem o meu caminho.

— Lars te acompanhará. Ele conhece o caminho. — Aceitei a companhia de Lars com gratidão.

A Sra. Peterson insistiu em me dar uma cesta de alimentos – leite, creme, manteiga, ovos, pão e legumes frescos de sua horta. Tentei explicar que ainda tinha leite e creme em casa.

— Jogar leite fora, ele não está bom — ela insistiu. — Guardar nata para cozinhar. Consegue fazer coisa boa com nata. Lars levar mais coisas escola para você.

— Ficarei feliz em comprar...

— Comprar não. Presente. Estou feliz você aqui. Agora meus crianças aprendem – aprendem falar, ler. Eu não ensinar – eu não saber. Agora eles ensinar.

— Eu vou te ensinar, mamãe — Else falou. — Vou ensinar tudo o que aprender.

— Sim, pequena mulher ensina grande mulher. — Sra. Peterson sorriu, acariciando a cabeça de Else. — Isso bom!

Lars e eu caminhamos lentamente pelo crepúsculo. Eu permiti que ele, por insistência, carregasse a cesta. Já amava tanto a ele quanto sua família, e mal podia esperar pela segunda-feira para conhecer as outras crianças da comunidade.

Estávamos na metade do caminho para casa quando um uivo, agora familiar, mas ainda assim de parar o coração, rompeu a quietude. Meu primeiro impulso foi levantar minhas saias e correr para casa, mas me contive. Tenho certeza de que meu rosto deve ter perdido toda sua cor e minhas mãos voaram para o meu peito, mas Lars não pareceu notar. Ele estava me falando sobre o bezerro da vaca holandesa e nem sequer interrompeu a frase.

O uivo voltou e juntou-se a muitos outros. Lars apenas aumentou o volume da voz para falar acima do barulho. Esforcei-me para não entrar em pânico. Eventualmente, Lars provavelmente percebeu minha reação e comentou:

— Coiotes velhos e bobos. Só fazem barulho. Parecem estar bem pertinho, mas estão lá longe, no campo.

Então ele continuou com sua história.

Lars me tranquilizou com a forma como os ignorou, e meu coração voltou lentamente ao ritmo normal.

Quando chegamos em casa, ele entrou comigo. Encontrou os fósforos e acendeu a lâmpada, depois descarregou a cesta de comida no meu pequeno armário.

— Você precisa de fogo?

— Não esta noite. Está muito quente e não vou ficar acordada por muito tempo.

Eu estava começando a me sentir cansada por não ter dormido na noite anterior.

— Acho que vou agora — disse Lars. Ele caminhou em direção à porta, levando a cesta.

— Muito obrigada, Lars, por me trazer em casa – e por carregar a cesta.

Ele jamais perceberia a diferença que sua presença calma faria quando os coiotes comessem a uivar.

— De nada. — Ele sorriu.

— Gostaria de ter alguns livros para enviar para casa com você, para que você e suas irmãs pudessem praticar a leitura, mas não tenho nenhum aqui. Todas as minhas coisas estão nos meus baús, e preciso ver o Sr. Laverly para pegá-los.

— Você precisa do Sr. Laverly? Onde estão seus baús?

— Ainda em Lacombe. Não havia espaço para trazê-los no

automóvel.

— Você precisa deles?

— MUITÍSSIMO — eu disse enfaticamente.

Ele assentiu. Então com um aceno e um sorriso, abriu a porta.

— Noite, senhorita Thatcher.

— Boa noite, Lars.

Eu o observei se afastar na escuridão tranquila. Logo a lua surgiria para dar luz ao mundo, mas por enquanto seu caminho ainda estava escuro – entretanto, ele avançou sem incerteza ou medo. Os coiotes uivaram novamente, mas Lars não prestou atenção neles enquanto se apressava em direção à casa.

Voltei-me para os coiotes. Eles ainda causavam arrepios na minha espinha toda vez que ouvia seu triste lamento, mas me recusei a permitir que o pânico me dominasse.

— Oh, não, hoje não! — falei em voz alta para eles. — Vocês me deixaram assustada ontem à noite, mas nunca mais – nunca mais!

Ainda assim, fiquei feliz em fechar a porta atrás de mim ao entrar na pequena casa que agora chamava de lar.

Capítulo 12

Indo à Cidade

Na manhã seguinte, antes mesmo de terminar meu café da manhã, uma parelha e uma carroça entraram no meu quintal. O condutor se aproximou da minha casa e bateu na porta, com o chapéu na mão. Ele se apresentou como o Sr. Laverly. Lars, meu ajudante especial, já havia cavalgado até a sua fazenda naquela manhã e informado que eu precisava dos meus baús.

— Desculpe, senhorita — ele disse. — Queria aparecer para cumprimentá-la ontem, mas minha carroça quebrou uma roda e demorou quase o dia inteiro para consertá-la. É claro que eu não tinha ideia de que você estava sem suas coisas, senão teria pegado emprestado a de um vizinho para vir rapidamente. — Seu rosto redondo refletia suas sinceras desculpas. — Com certeza me sinto péssimo por suas coisas não chegarem aqui junto a você. — Ele se apressou, limpando as mãos e o rosto com um lenço brilhante do bolso. — Sugiro te poupar uma viagem de carroça por essas longas e poeirentas estradas. Eu ficaria feliz em ir buscar suas coisas, enquanto a senhorita espera aqui.

— Oh, eu adoraria acompanhá-lo, Sr. Laverly — interrompi rapidamente. — O clima está agradável e as árvores são tão bonitas. Tenho certeza de que a viagem à cidade será agradável, apesar da poeira.

Ele relaxou um pouco – até sorriu.

— O senhor gostaria de tomar uma xícara de café enquanto eu pego meu chapéu? — perguntei, e ele aceitou.

Indiquei uma das cadeiras verdes e servi o café na xícara com uns poucos salgadinhos, depois limpei a mesa. Quando arrumei as coisas, fui para o quarto.

Queria ter outro vestido. O que eu estava usando quando cheguei estava pendurado em um cabide no meu quarto, rasgado e gasto. Eu não tinha material de costura comigo para consertá-lo. O vestido que eu usava agora era o único que tinha comigo. Além de parecer um pouco enrugado e sujo, não era o vestido que escolheria usar no meu primeiro dia em uma nova cidade, e não combinaria bem com meu chapéu.

Olhando com alguma consternação para o meu reflexo no pequeno

espelho rachado, coloquei meu chapéu com cuidado e o preendi no lugar. Alisei minha saia o melhor que pude e peguei minha bolsa, depois fui informar o Sr. Laverly que estava pronta quando ele estivesse. Ele terminou de beber o café e se levantou.

Descobri que o Sr. Laverly não era um homem eloquente, mas ele me falou do desejo dos pais de educarem as crianças de Pine Springs. Eu admirava essas pessoas por trabalharem com afinco e por tanto tempo para conseguir alguém que ensinasse, e me senti honrada por ser esse “alguém”.

Em Lacombe, o Sr. Laverly me deixou na porta do armazém e foi à estação buscar meus baús. Não perdi tempo e comecei a trabalhar, separando os itens de minha longa lista de compras o mais rápido possível. Parecia haver tantas coisas que eu precisava, mas me controlei e comprei apenas itens essenciais – com exceção de uma extravagância. Eu tinha decidido que tomaria meu chá como uma dama, mesmo em uma casa de madeira; então comprei um bule e duas xícaras, e pires de porcelana fina. Eu senti que, de alguma forma, mamãe ficaria muito mais tranquila se soubesse que eu estava tomando meu chá de maneira adequada. Afinal, a civilização não poderia estar tão longe de Pine Springs se eu tivesse essas comodidades!

Não tinha terminado minhas compras quando o Sr. Laverly voltou. Ele gentilmente me garantiu que não precisava me apressar. Sugeri que nos encontrássemos à uma hora e que talvez eu quisesse almoçar no hotel antes de começarmos nossa longa jornada de volta. Eu concordei, e ele partiu por conta própria. Finalmente reuni todos os itens necessários para manter a casa. Comprei então um suprimento adicional de mantimentos e parti para o hotel.

Enquanto esperava minha refeição chegar, escrevi uma pequena carta para minha família e também uma nota para Jon e a sua. Assegurei-lhes que escreveria mais tarde, mas queria que soubessem que havia chegado em segurança e fiquei muito satisfeita e empolgada com meus planos de vida e minha escola. Omiti dizer à mamãe exatamente onde ela ficava. Ela me mandou para o Oeste para morar com Jonathan e esperava que eu ficasse sob sua proteção. Estremeci ao pensar em como ela se sentiria se soubesse que eu estava a cerca de 160 quilômetros de distância.

Minha comida chegou e coloquei minhas breves anotações nos envelopes endereçados. A garçonete disse que eu poderia despachá-las ali no hotel.

O Sr. Laverly, fiel à sua palavra, apareceu à uma hora. Voltamos à loja e ele e o funcionário carregaram minhas compras. Olhei ansiosamente para a pequena cidade convidativa, desejando ter tempo

para explorá-la, mas o Sr. Laverly agora estava com pressa de seguir seu caminho.

O sol da tarde de setembro seguia quente e alto no céu. Os cavalos trotavam e a carroça chacoalhava com força. A cada quilômetro, percebia o motivo por que o Sr. Laverly estava preocupado em me poupar da viagem. Minha empolgação, o clima agradável e a beleza do cenário me levaram à cidade sem muito desconforto, mas comecei a sentir que a viagem para casa nunca terminaria.

Quando chegamos em casa, eu estava com calor, cansada, suja e dolorida. Nada me interessaria mais do que um longo banho quente de banheira; e então me lembrei – eu não tinha nada disso, exceto a bacia redonda de metal que acabara de comprar naquele dia para lavar minhas roupas. Bem, teria que servir.

O Sr. Laverly descarregou todos os meus pertences. Os baús estavam pesados para uma pessoa, e eu insisti em ajudá-lo. Foi uma tarefa difícil levar todas as coisas para o quarto, e minha ajuda, embora espontânea, não era muito adequada.

Quando finalmente tudo estava em casa, e o Sr. Laverly recusou graciosamente minha oferta de uma xícara de chá, lembrei-me de perguntar sobre a porta da escola. Ele resolveu em um instante, e então sua carroça partiu.

Lá se foram os pensamentos de um banho na minha empolgação de guardar as coisas. Com uma ânsia febril, ataquei os baús e as compras e comecei a transformar o lugar em meu lar no “deserto”. O crepúsculo estava se aproximando e eu ainda não tinha parado para respirar. Eu estava cansada, suja e com fome, e se não parasse ficaria exausta. Embora cansada, olhei ao meu redor com prazer. Parecia muito mais com um lar agora, mas a escuridão chegaria em breve e, se eu quisesse tomar um banho, precisaria buscar água.

Coloquei minha nova caldeira no fogão e despejei a água do balde nele. Então eu corri para pegar mais água, bombeando quase em pânico. Se os coiotes comessem a uivar agora, eu não tinha certeza de que ainda seria forte o suficiente para enfrentá-los sozinha. Felizmente, eu estava entrando na casa com meu segundo balde de água quando o primeiro uivo me assustou. *Eu realmente não preciso de mais água*, garanti a mim mesma e fechei a porta atrás de mim.

Acendi o fogo no fogão embaixo da caldeira e também abri espaço na parte superior para colocar a chaleira do chá. Fiz uma refeição simples, que praticamente engoli por estar com tanta fome, e depois bebi meu chá lentamente em minha nova xícara, olhando para a outra enquanto bebia. Alguma vez haveria uma segunda pessoa na minha pequena sala para compartilhar minha hora do chá?

De repente, uma onda de solidão tomou conta de mim. Eu estava feliz aqui, mas estava sozinha. Ansiava por Julie e depois percebi que nem ela preencheria adequadamente o vazio que eu estava sentindo. Julie seria barulhenta, faladora e frívola. Eu precisava de alguém com serenidade, força, determinação para compartilhar meus pensamentos e meus dias. Alguém que amasse – e minha mente involuntariamente começou a analisar os homens que eu conhecia. Cada rosto que aparecia na minha mente era prontamente descartado. Então, de repente, sem aviso, vi novamente o rosto do amigo de Jon. Os olhos intensos, o leve sorriso e a evidente força de caráter eram atraentes e, no entanto, me deixaram inquieta. Apesar de não haver outra alma por perto, corei de vergonha por minha tolice. Voltando meus pensamentos para coisas mais seguras, levantei-me rapidamente, com uma xícara de chá na mão, e comecei a colocar lenha ao fogo. Ah, como eu ansiava por aquele banho quente!

Enquanto esperava a água esquentar, levei minha pequena banheira para o meu quarto e a coloquei no tapete. Então comecei o lento processo de mergulhar e transportar a água quente para enchê-la. Quando finalmente terminei meus preparativos, a água havia esfriado consideravelmente. *Da próxima vez, lembrei-me, devo começar com a água do lado quente.*

Entrei na bacia e testei modos de me encaixar ali. *Por que não comprei uma maior?* Eu me repreendi. Torci e me virei, me enrolei e desenrolei, mas não havia como eu conseguir caber de corpo inteiro na bacia. Finalmente, pendurei minhas pernas na beirada, na esperança de colocar a água quente nas partes doloridas do meu corpo. Não foi muito satisfatório. Ainda dolorida pelo sacolejar da carroça, finalmente desisti do esforço. Secando-me completamente, vesti minha camisola mais quente e me aconcheguei sob as mantas. Esvaziaria a banheira de água pela manhã.

Segura na cama, ocasionalmente ouvia um uivo de coitote. Não parecia tão assustador agora. Na verdade, imaginei que, em bem pouco tempo, uma pessoa até poderia se acostumar com aquilo.

Capítulo 13

Sábado

Quando acordei na manhã seguinte, me senti rígida por toda parte. Fiquei tentada a ficar debaixo das cobertas, mas meu corpo não me permitiu o privilégio. Pensei na pequena estrutura marcada como “Meninas” do outro lado da clareira e me perguntei se minhas pernas seriam capazes de percorrer a distância. Eu queria que eles tivessem pensado em construí-la mais perto dos professores.

Vesti-me desajeitadamente e comecei a andar devagar. O sol estava nascendo e brilhando em um mundo bonito. No momento em que viajei até o prédio e voltei, algumas torções estavam se soltando e decidi que seria capaz de enfrentar o dia afinal, até esvaziando a banheira de água fria!

Enquanto esperava a água esquentar no meu café da manhã, peguei minha Bíblia e me virei para a passagem em Neemias, onde estava lendo. Embora Neemias estivesse liderando uma nação inteira e reconstruindo uma cidade, eu encontrei alguns paralelos emocionantes entre a história dele e minha nova vida aqui na fronteira canadense. O dia de repente pareceu ser uma grande promessa. A chaleira estava cantando alegremente antes de terminar minha oração, e comecei a preparar meu café da manhã.

Passei a manhã carregando livros e material didático para a pequena escola, depois almocei rapidamente e passei a tarde organizando as coisas. A sala de aula logo parecia ocupada e convidativa. Até escrevi alguns exercícios simples de adição no quadro negro. Pendurei o alfabeto e as tabelas numéricas, coloquei algumas fotos e mapas de estudo e a sala começou a ganhar vida.

Por volta das cinco horas, enquanto eu ainda estava na sala de aula escolhendo os Salmos que leria para a abertura na segunda-feira de manhã, ouvi o tinir dos arreios. Johnson entregou as mesas e os bancos. Ele tinha um filho quase adulto que olhou para mim e ficou vermelho até as raízes dos cabelos. Fingi não notar, para salvá-lo de mais vergonha, e mostrei a eles onde colocar os móveis. O Sr. Johnson olhou ao redor da sala de aula agora mobiliada e lágrimas começaram a se acumular em seus olhos e a escorrer pelas bochechas amassadas.

— O Senhor seja louvado! — ele exclamou. — Realmente é assim que se parece uma escola?

Seus sentimentos profundos me tocaram.

Depois que eles saíram, examinei a sala novamente, meus sentimentos oscilando entre orgulho e apreensão. Andando de um lado para o outro, tocando cada artigo, mudando isso ou aquilo, reorganizando algo aqui ou ali, eu estava ciente de que tinha pouquíssimos recursos para me ajudar a ensinar essas crianças. Como eu desejava ter mais – mas isso era tolice. Eu teria que fazer o que pudesse com o que tinha.

Depois de escrever “MEU NOME É SRTA TATCHER” em letras maiúsculas no quadro negro, eu me virei relutantemente para voltar para casa, para preparar minha refeição da noite.

Segunda-feira, pensei, por favor, venha depressa – para eu não explodir.

Enquanto caminhava em direção à porta, notei uma lista impressa postada ao lado dela. Eu não a tinha visto antes e agora parei para lê-la. Estava com a legenda “Regras para o professor”, e meus olhos correram rapidamente pela página. Eles escreveram da seguinte maneira:

1. Um professor não pode se casar durante o ano letivo.
2. As professoras não devem fazer companhia aos homens.
3. As professoras devem estar em casa entre as 20h e 6h, a menos que participe de uma função da escola.
4. Os professores não devem mascar tabaco.
5. Não deve haver demora, por homens ou mulheres, em lojas do centro ou sorveterias.
6. Um professor não pode viajar para fora dos limites do distrito sem a permissão do presidente do conselho escolar.
7. Nem homem nem mulher podem fumar.
8. Cores brilhantes não devem ser usadas, dentro ou fora da escola.
9. Sob nenhuma circunstância uma professora pode pintar o cabelo.
10. Uma professora deve usar pelo menos duas saias.
11. Os vestidos não devem ser mais curtos do que tocar o tornozelo.
12. Para manter a sala limpa e arrumada, o professor deve varrer o chão e limpar o quadro todos os dias.
13. O chão da sala de aula deve ser lavado com água quente e sabão pelo menos uma vez por semana.
14. O professor deve iniciar o fogo, quando necessário, às 8:00 da manhã, para que a sala fique quente para os alunos às 9:00 da manhã.

Eu não esperava ter nenhum problema em obedecer à longa lista; ainda assim, me incomodou alguns serem ditados dessa maneira. No começo, eu culparia o Sr. Higgins por tudo; mas lembrei-me de outras

listas que havia lido e percebi que essa não era tão diferente, afinal. Decidi fingir que não tinha visto. Eu teria observado todos os seus mandatos, de qualquer maneira.

Capítulo 14

Domingo

Não havia motivo para me levantar cedo no domingo, exceto pelo hábito. Depois de me vestir e arrumar meu cabelo com cuidado, remexi na minha pequena cozinha, preparando um café da manhã especial, como era nossa tradição em casa nas manhãs de domingo. Realmente não foi tão especial, porque eu tinha pouca experiência em culinária. Decidi dedicar tempo e esforço para aprender a preparar pratos saborosos. Independentemente da educação ou de outras habilidades, uma mulher devia ser capaz de manter a cabeça erguida em sua própria cozinha.

Depois de limpar a bagunça que fiz, saí para passear. O sol fazia bem aos meus ombros e costas, onde a rigidez do meu passeio de carroça ainda me fazia sentir velha e dolorida. Eu queria me deitar na grama e deixar os raios quentes fazerem por mim o que minha banheira inadequada não foi capaz de fazer.

As horas da manhã pareciam se arrastar. Eventualmente, voltei para casa, esperando que meu relógio me dissesse que agora era hora de preparar minha refeição do meio-dia. Ainda era muito cedo, mas mesmo assim comecei os preparativos, de qualquer maneira.

Mais uma vez eu comi, limpei e arrumei tudo sem gastar muitos minutos durante o longo dia.

À tarde, li mais sobre Neemias e passei um tempo em oração. Sentia falta, mais do que imaginara possível, de nossa igreja. Também pensei em Jon, Mary e a família em Calgary, e nos domingos que cultuei com eles em sua pequena igreja. Eu deveria ter perguntado aos Petersons se havia uma igreja próxima, onde eu pudesse congregar aos domingos com outros irmãos. Eu não podia imaginar viver domingo após domingo sem cultivar e compartilhar. Os dias seriam secos e intermináveis sem o culto de domingo para renovar meu espírito!

Fiquei muito tentada a achar uma desculpa para visitar os Petersons, mas minha reserva do Leste e maneiras ensinadas pela minha mãe me mantiveram sob controle. Eu não fui convidada; eu não poderia aparecer assim.

Tentei ler; fiz pequenos passeios monótonos; preparei o chá da tarde... sofri com a solidão o tempo todo, e o dia se arrastava.

Por volta das seis e meia, ouvi vozes. Eram Lars e Else. Não me lembro de ter ficado mais feliz em receber visitas. Eu corri para

encontrá-los! Eles devem ter percebido minha ansiedade, mas Else se conteve, enquanto Lars caminhava comigo até a porta.

— Lars — ela sussurrou —, lembra.

— Sim — ele respondeu, mas continuou andando.

— Mas mamãe disse — Else persistiu.

— Está tudo bem — disse Lars, parecendo um pouco exasperado.

— O que foi? — perguntei.

— Mamãe disse para não incomodar você

— Ela disse: “Se a senhorita Thatcher estiver ocupada, não a incomodem” — Lars informou a Else. — Ela não está ocupada. — Ele se virou para mim rapidamente: — Está?

— Ah, não — eu me apressei para confirmar, para que não ficassem longe de mim. — E eu realmente quero companhia.

Sentei-me no degrau, e eles se juntaram a mim. Aquele tinha sido um dia tão solitário!

— Eu não estou acostumada a passar um domingo sozinha, nem estou acostumada a um domingo sem ir à igreja. Tem alguma igreja por aqui?

— Não – ainda não — disse Lars. — A mamãe com certeza gostaria de ir, mas existem apenas duas famílias luteranas... não é gente o bastante para uma igreja.

— Você tem uma igreja — Else corrigiu seu irmão com grande espanto.

— Não é bem uma igreja — respondeu Lars.

— Ainda assim, igreja — ela insistiu.

— Onde? — perguntei, animada com qualquer tipo de culto.

— Na escola — disse Else.

Eu estava confusa.

— Mas eu estive aqui o dia todo – ninguém veio.

— Eu sei — disse Lars. — O Sr. Laverly disse que hoje não teria. Ele disse que a nova professora poderia não ficar feliz se todos viermos para cá e bagunçarmos as coisas. Temos que esperar.

— Então é isso — eu disse, agradecida por não ter domingo como este. — Vou falar com o Sr. Laverly e teremos culto como de costume no domingo que vem.

Os olhos de Else se iluminaram, e eu pude perceber que ela também sentiu falta da igreja naquele dia. Lars não parecia se importar se tivesse culto ou não.

— Me diz: você precisa de algo?

— Não, não, nada. Você trouxe tanta madeira que ainda tenho bastante. Os dias estão agradáveis e quentes, e apago o fogo assim que termino de fazer minha comida.

— Precisa de água?

— É bom que eu busque minha própria água. Acabei de receber um balde.

Olhei para as minhas mãos. Meus arranhões estavam sarando rápido, mas elas já haviam perdido sua aparência bem cuidada. Não fiquei muito chateada, mas também não fiquei particularmente satisfeita com o aquele visual. Julie riria, ou ficaria alarmada, se visse minhas mãos agora. Eu sorri.

Olhando para Lars, de repente pensei em Matthew. Que bom seria tê-lo aqui comigo! Por alguma razão que não pude discernir, acreditei que esta terra seria boa para meu irmãozinho também.

A pergunta silenciosa de Else me trouxe de volta aos visitantes.

— Você conseguiu os livros? — ela perguntou com uma voz suave.

— Sim, sim, eu consegui. O Sr. Laverly veio logo depois que você o viu na sexta-feira, Lars. Obrigada por ter providenciado tão prontamente. — Lars corou levemente com os meus agradecimentos, então eu me apressei. — Fomos à Lacombe de carroça e pegamos todas as minhas coisas. Desempacotei tudo e organizei a sala de aula e minha casa. Você quer ver?

Pude ver nos olhos de Else que ela queria, então fui à frente.

A casa certamente não era nada chique. Trouxe muito pouco comigo em termos de mobília – algumas fotos da minha família, uma colcha para minha cama, um tapete macio, alguns dos meus enfeites favoritos, alguns lenços de penteadeira e almofadas; mas eles conseguiram dar à minha casinha uma sensação de aconchego. Era evidente que Else estava impressionada. Até Lars pareceu notar a diferença.

— É bom — disse ele.

Vi os olhos de Else deslizarem sobre tudo, depois repousarem no meu bule de porcelana, xícaras e pires. Eu soube imediatamente quem seria a primeira pessoa que convidaria para uma xícara de chá – embora ela tivesse apenas seis anos de idade. Ela poderia beber leite na xícara, se quisesse.

Mesmo quando os olhos de Else me garantiram que ela apreciava minha casinha, eles também declaravam que algo estava faltando. Por fim, ela expressou sua preocupação.

— Esses são todos os livros? — Ela apontou para a minha Bíblia e o livro de poesia com o qual eu tentara preencher o meu dia.

— Ah, não. Não tenho estante, então tive que deixar meus livros no baú.

Levantei a tampa de um dos meus baús para mostrar a ela os volumes que haviam se tornado meus bons amigos ao longo dos anos. Ela os olhou com carinho.

— Talvez vocês queiram ver a escola. Levei os livros para uso em sala de aula para lá.

Eles se entreolharam com empolgação, e juntos caminhamos para a escola.

Se eu tivesse dúvidas sobre lecionar para alunos que não tiveram aprendizado formal, elas teriam desaparecido agora, depois de ver a reação deles ao olharem uma escola pela primeira vez.

Primeiro eles pararam e olharam, seus olhos percorrendo tudo. Lars começou a soletrar as letras na tabela do alfabeto, enquanto Else corria para a escassa pilha de cartilhas e livros nas duas pequenas prateleiras na frente da sala. Fui com ela e escolhi um livro entre os demais.

— Aqui, tome este — eu a incentivei. — Você pode ver as fotos, se quiser.

Ela pegou o livro, foi até uma mesa e sentou-se. Virou gentilmente cada página, sem perder nada, enquanto contemplava as figuras e sua mente procurava as palavras nas folhas impressas.

O tempo passou rapidamente. Antes que percebêssemos, o sol estava se arrastando para a cama. Lars, que também escolhera um livro e se retirara para uma mesa, olhou incrédulo.

— Tenho que ir — ele disse rapidamente. — Mamãe ficará preocupada.

Relutantemente, Else me entregou o livro.

— Por que você não leva para casa e mostra para Olga e Peter? Tenho certeza de que eles também gostariam de ver. Você pode trazê-lo de volta de manhã. — Ela hesitou, imaginando se merecia que eu confiasse a ela aquele tesouro. — Vá em frente. Lars pode levar o dele também.

Eles se foram, agora ansiosos com mais um motivo para chegar em casa. Voltei lentamente para a sala.

Eu me senti contente. Tinha certeza de que à noite poderia desfrutar de Wordsworth, Longfellow ou Keats^[8]. *Talvez meu coração nem se assuste esta noite com o uivo dos coiotes.* Sentei-me confortavelmente na minha velha cadeira e bebi chá na minha xícara de porcelana. Eu sabia que o amanhã era promissor.

Capítulo 15

As Aulas Começam

Acordei com os pássaros na segunda de manhã. Eu estava animada demais para dormir. Sempre gostei de ensinar, mas nunca antes isso me afetara dessa forma; fui contagiada com a ansiedade dos moradores. O sinal deveria ser tocado às nove horas. Achei que já tinha vivido dois dias inteiros naquela manhã antes das nove horas chegarem.

Vestindo-me com cuidado, arrumei meu cabelo da maneira que sabia melhor. Estava bagunçado demais para a sala de aula, mas eu não conseguia focar nisso. Tentei tomar meu café da manhã, mas não sentia fome, então finalmente desisti e limpei minha cozinha.

Saí cedo para a sala de aula e espanei e poli, reorganizei e preparei, e ainda assim os ponteiros do relógio mal se mexiam.

Os primeiros alunos chegaram às vinte para as nove. Cindy e Sally Blake estavam acompanhadas por sua mãe e seu pai. O Sr. Blake era um homem quieto – mas toda família pode usar um membro quieto, decidi. A Sra. Blake tagarelava antes mesmo de descer da carroça, e na verdade não parou até que a porta da sala de aula se fechasse quando ela partiu.

Os Clarks vieram juntos – sete deles. Demorei alguns minutos para identificá-los, e quanto mais eu tentava, mais confusa ficava. Ajudou quando soube que eram duas famílias, primos – três de uma família e quatro de outra.

A Sra. Dickerson trouxe o filho pequeno pela mão. Acho que ela esperava que ele ficasse tímido e relutasse em deixá-la, mas seu rosto se iluminou ao primeiro vislumbre de sua escola.

Outros chegaram rápido demais para eu aprender seus nomes ao entrar. Eu teria que esperar que o sinal tocasse e os alunos tomassem seus lugares – e seus pais voltassem para casa.

Eu sorri para as crianças dos Petersons. Else e Lars me apresentaram pacotes cuidadosamente embrulhados. A mãe deles queria que os preciosos livros fossem devolvidos em segurança, sem sujeira, então os embrulhou em papel pardo e amarrou-os firmemente com barbante.

Passamos a manhã organizando uma chamada e tentando determinar o nível de cada aluno. Até os mais velhos tinham tido pouca oportunidade de aprender, então seria “voltar ao básico” nas primeiras semanas de aula. Orei para poder apresentar as lições

simples de maneira que não ofendesse os alunos mais velhos. Era difícil incluir uma menina de catorze anos numa sala com crianças de seis anos aprendendo o alfabeto ou fonemas sem fazê-la sentir-se envergonhada, mas eu precisaria achar uma maneira de fazê-lo.

Nem todos os alunos estavam ansiosos para frequentar a escola. Escolhi três que, por um motivo ou outro, pareciam preferir seguir seu próprio caminho naquela adorável manhã de outono.

Sally Clark parecia um pouco distraída e indiferente. Ela tinha quinze anos e provavelmente achava que, se conseguira viver até aqui sem a escola, por que se preocupar agora? Além disso, ela provavelmente se casaria em alguns anos e já poderia assar pão, fazer colchas e cuidar de bebês. O tempo gasto em sala de aula com outras crianças parecia total perda de tempo.

Andy Pastachuck, de oito anos, até queria aprender, mas ficou claro que não podia aprender muito. Soube que Andy tinha tomado um coice aos três anos de idade. Um lado de sua cabeça tinha uma cicatriz feia e cruel, e concluí que a mente de Andy também carregava uma cicatriz. Decidi fazer tudo o que pudesse por ele. Com sua irmã mais velha, Teresa, eu encontraria um modo de protegê-lo do mundo cruel e raivoso.

David Dickerson não tinha nenhum problema de habilidade. Ele era magro, espirituoso e tinha muita energia; era aparentemente incontrollável. Ele queria estar em todos os lugares e envolvido com tudo de uma vez, e era difícil ficar sentado tempo suficiente para aprender alguma coisa. Esse garoto de seis anos era brilhante em ideias, mais do que em informações, e pulava rapidamente de uma para a outra. *Se eu conseguir canalizar toda essa energia e colocá-la na direção certa*, pensei, *terei um aluno excepcional*. Enquanto isso, David parecia querer estar no campo de trigo, no playground, em seu pônei, em cima de um pinheiro – em qualquer lugar, exceto em silêncio, sentado em uma mesa na sala de aula. Ainda assim, ele tinha fome de conhecimento, e eu tinha certeza de que, se eu conseguisse que ficasse quieto por tempo suficiente, ele aprenderia rapidamente.

No final do primeiro dia juntos, pude apresentar meus alunos ao mundo do aprendizado; mas sabia que haveria muitos dias difíceis pela frente antes de poder classificá-los em classes devidas. Certamente não podia separá-los por idade. Eu teria que esperar e descobrir suas habilidades individuais.

Fui para casa após o meu primeiro dia de aula, animada e exausta. Todos os alunos que eu tinha – e eram dezenove – precisavam de aulas particulares. Eu seria capaz de lidar com isso? Onde acharia tempo? Quanto levaria até que alguns deles pudessem avançar por conta própria?

Parecia que meu único recurso seria preparar tarefas individuais, tanto depois das aulas à noite quanto antes, pela manhã.

Então cada aluno teria algo em que trabalhar, enquanto eu dedicava tempo às aulas individuais.

Suspirei profundamente com a impressionante tarefa à minha frente. Lembrando-me de que era um desafio, e não uma impossibilidade, eu endireitei meus ombros ao entrar em casa.

Fiz um pouco de chá e carreguei o bule e minha xícara de porcelana para minha cadeira e me sentei. Ajustei a almofada da cadeira para me encaixar melhor; decidi que deveria ter algum tipo de apoio para os pés, para que eu pudesse levantá-los por alguns minutos no final do dia. Lembrei-me de ter visto uma pequena caixa de madeira no armazém. Certamente encontraria retalhos suficientes na minha cesta de costura para cobri-la. Planejei que esse seria o meu projeto para o próximo sábado.

Enquanto relaxava na minha cadeira e bebia o chá quente, pensava em cada aluno e na melhor maneira de ensiná-los. Assim que esvaziei minha xícara, comecei a preparar algumas tarefas simples. Trabalhei até o final da noite sob a luz vacilante da lamparina. Naquela noite, nem mesmo o uivo dos coiotes pôde me distrair.

A semana foi movimentada. Levantei-me cedo todas as manhãs para escrever tarefas no quadro-negro e agregar ideias de última hora às lições que havia preparado no papel. O dia era inteiramente dedicado aos alunos. Alguns deles já estavam começando a mostrar habilidades em uma área ou outra. Lentamente, um pequeno grupo estava surgindo, capaz de dar um passo adiante na aritmética. Outro, estava pronto para avançar na segunda cartilha. Dois alunos mostraram-se muito promissores nas artes, e três tinham habilidade musical.

Diariamente ficava frustrada com a falta de materiais para ensinar. *Se eu tivesse...* muitas vezes pensava. Mas como não tinha, tentava compensar a falta com criatividade.

No final da aula, ficava alguns momentos para corrigir as lições e planejar o dia seguinte, depois corria para casa, fazia minha xícara de chá e descansava por alguns momentos na minha cadeira almofadada. Enquanto bebia, minha mente se recusava a relaxar. Saltava de uma ideia para outra, de um plano para outro. Assim que esvaziava uma xícara, voltava a trabalhar na aula, tentando colocar minhas ideias em prática.

No final da semana, eu estava fisicamente cansada, mas talvez aquela tenha sido a mais feliz que já tive em minha vida. Eu planejei trabalhar no banquinho no sábado, mas, em vez disso, perguntei aos meus alunos se eles sabiam de alguém com quem eu pudesse ir à

cidade. A lista crescente de itens que eu poderia encontrar para me ajudar na sala de aula solicitou esse pedido. Eu temia outra longa viagem à cidade em uma carroça pela estrada esburacada, mas realmente não poderia entregar a lista a outra pessoa e esperar que fizesse as compras por mim.

Para minha alegria, Sally Clark informou na sexta-feira que seus pais iriam à cidade no sábado e ficariam felizes em me buscar às oito horas da manhã seguinte.

Capítulo 16

Inquilinos Indesejados

Fiel à sua palavra, os Clarks chegaram às dez para as oito. Minha lista e eu estávamos prontos para ir. Eu não planejava fazer uma viagem semanal à Lacombe, então tentei pensar em tudo o que poderia precisar em um futuro próximo.

Uma das necessidades me chamou a atenção quando descobri que não estava morando sozinha. Quantos ocupantes a casa mantinha ainda era desconhecido para mim, mas pelas evidências que encontrei em diversas manhãs era fácil perceber que estava dividindo minha casa com uma família de ratos.

Acho que os ratos sentiram que eu era a intrusa; era evidente que eles assumiram que o lugar inteiro lhes pertencia.

Na primeira manhã em que vi as evidências, fiquei com medo. Eu nunca tinha vivido com ratos antes. *E se eles subissem na minha cama e mordiscessem meus dedos ou, o pior dos horrores, se enrolassem em meus cabelos? O que eu poderia fazer a respeito? Como me livraria dos ratos?* Adicionei ratoeiras à minha lista, mas não sabia ao certo o que procurar. Eu nunca tinha visto uma ratoeira.

Na manhã seguinte, encontrei um canto mordiscado da minha fatia de pão. Agora eu estava com raiva – que ousadia dos pequenos animais! Não havia como compartilhar minha casa e minha comida com roedores. Sublinhei corajosamente as ratoeiras na minha lista.

Antes de dormir na noite seguinte, coloquei todos os meus alimentos nos armários, fora do alcance dos roedores. Na quarta manhã da minha turbulenta semana como professora, encontrei evidências de que os ratos brincavam nos meus pratos – bem nos meus armários! Fiquei furiosa e enojada. Peguei todos os pratos dos meus armários, lavei-os com água quente e sabão e os escaldei com água fervente da chaleira, o tempo todo respirando vingança contra aquelas criaturas desagradáveis. De fato, algo tinha que ser feito. Pensei em enviar um bilhete para o Sr. Laverly por um dos alunos que passavam por sua fazenda, mas rejeitei a ideia obstinadamente. Certamente eu poderia lidar com um pequeno problema como ratos.

Então, quando fui à cidade naquela manhã nublada de sábado, sentada em um assento improvisado na carroça dos Clarks, pensei nos meus inquilinos indesejados. Depois de hoje me livraria deles, pois planejava deixar ratoeiras por toda a casa. Não senti pena das criaturas que seriam apanhadas pelas armadilhas.

Assim que os Clarks me deixaram no armazém, comecei a trabalhar na minha lista. Consegui encontrar apenas uma parte dos itens que desejava para a sala de aula. Em alguns casos, fiz substituições. Em muitos casos, fui forçada a ficar sem.

Comprei uma banheira grande – a maior que pude encontrar, determinada a tomar um banho decente.

Selecionei cuidadosamente todos os itens de comida que achava que precisava e adicionei alguns recipientes de metal para guardá-los. Os ratos não compartilhariam mais o meu pedaço de pão enquanto esperava minhas armadilhas fazerem o trabalho delas.

— Agora — eu disse ao funcionário de nariz comprido — eu preciso de ratoeiras; as melhores que você tiver.

Não sei o que esperava que ele me mostrasse, mas certamente não aquele pedacinho de madeira com um arame.

— Isso é uma ratoeira?

— Sim, senhora.

— Isso é tudo o que você tem?

— O que você tinha em mente, senhora?

— Bem, eu estou... não tenho certeza. Eu nunca precisei, mas pensei... Como isso os pega – o que os prende? Não há gaiola.

— Não, senhora. — Eu acho que ele riu, apesar de se virar rápido demais para eu ter certeza.

— Por que eles não fogem? — persisti.

— Eles não fogem, senhora, porque estão mortos — ele me respondeu, seu rosto solene e olhos brilhando.

— Mortos?

— Sim, senhora.

— O que os mata?

— A armadilha, senhora.

Olhei para aquela coisa pequena, confusa.

Ele finalmente pegou uma ratoeira e, como se estivesse falando com uma criancinha, passou a me mostrar.

— Coloque a isca aqui, senhora – apenas um toque. Então você puxa para trás e prende, delicadamente, assim. Você a coloca com cuidado no caminho onde acha que o rato passará. Ele vem roubar a isca — estendeu a mão com o lápis que tirara de trás da orelha — e...

Houve um estrondo agudo, e a armadilha saltou para a frente – e eu para trás. O lápis quebrou-se com o aperto firme da ratoeira. Eu cambaleei sobre cordões de barbante que estavam empilhados atrás de mim no chão e quase perdi o equilíbrio, enquanto minhas bochechas

coravam. O balconista abaixou a cabeça enquanto soltava o lápis da armadilha – e, imagino, recompôs seu rosto.

— Vou levar dez — disse com toda a dignidade que consegui reunir.

— Dez? — Ele limpou a garganta e piscou. — São muitos?

— Eu não tenho ideia de quantos são.

— Uma ratoeira é reutilizável, senhora. — O que era mais uma novidade para mim. — Você levanta o arame — explicou o funcionário pacientemente —, tira o rato morto e arma novamente.

Parecia fácil o bastante.

— Tudo bem — eu disse. — Eu vou levar uma.

Ele colocou a ratoeira nas minhas compras.

Quando os Clarks voltaram para me buscar, eu e meus novos pertences estávamos prontos para a longa viagem para casa.

Ainda havia luz do dia quando chegamos em casa, então comecei a trabalhar no banquinho. Em vez de usar os retalhos que havia no meu cesto de costura, decidi comprar um material resistente na cidade. Eu até comprei alguns rebites para que o banquinho fosse acolchoado.

Cantarolando ao costurar e amarrar, achei esse projeto desafiador e gratificante. Fiquei satisfeita com minha primeira tentativa como artesã. Eu ainda tinha material suficiente para fazer uma almofada para combinar com o banquinho.

Quando eu terminei de organizar minhas compras, colocando algumas que pertenciam à minha sala de aula e outras na minha casa, já era tarde e estava cansada.

Arrastei a banheira grande para o meu quarto, derramei a água que eu tinha aquecido e desfrutei do meu banho. Não era como a banheira lá de casa, mas pelo menos eu podia sentar nela e derramar a água sobre o meu corpo todo. Concluí que tinha sido uma boa semana quando me arrastei para a cama. Senti que tinha feito progressos na sala de aula. As crianças estavam aprendendo. Eu tinha uma banheira grande o suficiente para tomar banho e eu – eu não tinha colocado a ratoeira!

Saí da minha cama quente e acendi novamente a lâmpada, queimando meus dedos na chaminé ainda candente.

Parecia tão fácil quando o homem na loja demonstrou. Não foi nada fácil. Esfreguei uma pequena porção de manteiga sob o metal da isca e depois estiquei o arame de volta – de volta. Eu estava tentando prendê-lo quando – “ping” – se soltou e voou da minha mão para o chão. Abalada, fui atrás dela, sentindo como se pudesse me atacar. Mais uma vez eu tentei, e novamente ela estalou. A sexta tentativa pegou meu dedo, e eu gritei de raiva e frustração. Eu não tinha

certeza de com quem estava mais zangada – se com os ratos ou com a ofensiva ratoeira.

Finalmente, por volta da décima tentativa, consegui prender o fio e cuidadosamente coloquei a parte indisciplinada de madeira e metal no chão, perto do armário. Observando sua localização, decidi movê-la um pouco com o pé quando – “ping” – saltou no ar. Eu pulei e bati meu quadril contra o fogão.

Quase chorando, novamente tentei. Eventualmente, a ratoeira foi montada e colocada no local ideal. Enquanto eu a inspecionava, não via mais manteiga no metal destinado à isca, mas me recusei a tocar naquilo novamente.

Apaguei a lamparina e me arrastei de volta para a cama. Meu dedo ainda estava doendo e meu quadril latejava pelo encontro com o ferro duro do fogão. Eu me aconcheguei sob a colcha quente e tentei pensar em coisas mais agradáveis do que armadilhas para ratos e convidados indesejados.

Suponho que era cerca de uma hora quando o agudo zunido da ratoeira me fez sentar na cama, olhando para a porta aberta do meu quarto. No meu estado sonolento, não entendi de onde o som tinha vindo, mas lembrei-me do que havia acontecido na noite anterior. Bem, pelo menos funcionou. Talvez agora meus problemas com colegas indesejados acabassem.

Aconcheguei-me novamente, mas não consegui dormir. O pensamento de um animal ali na minha cozinha, todo enredado no metal da ratoeira, me perturbou. O que eu deveria fazer? Devia tirá-lo imediatamente? Não estava muito tarde? Mas não consegui enfrentar a situação com a luz tremeluzente da minha lamparina.

A manhã estava se aproximando quando finalmente consegui cochilar. Ao acordar novamente, já era plena luz do dia. No começo me senti alarmada, achando que dormi muito além da minha hora habitual. Então lembrei que era domingo e me recostei para aproveitar o conforto da minha cama por mais alguns minutos. Planejei um dia de lazer, agradecida pelo fato de hoje ter culto na escola. Havia enviado uma mensagem para todos os alunos de que eu ficaria muito feliz em compartilhar a escola da comunidade com a igreja no domingo; e o culto fora marcado para as duas horas.

Eu não estava acostumada com cultos à tarde, e parecia que a espera era longa demais, mas pelo menos tinha algo pelo que esperar. Certamente eu seria capaz, de alguma forma, de preencher as longas horas da manhã com atividades produtivas enquanto esperava. Comecei a fazer um inventário mental do que tinha em mãos para ler.

Arrastei-me da cama, esticando e flexionando meus músculos. Se eu

não deitasse corretamente no meu colchão, poderia acordar com algumas com dores no corpo. Esta manhã sentia muitas. Mas eu não estava preocupada. Eu tinha a manhã toda para me recuperar gradativamente.

Entrei em meu roupão e calcei os chinelos, e fui para o meu fogão. Acenderia o fogo para fazer o café.

Em meus devaneios matinais, quase não percebi um pequeno objeto no chão. Eu quase pisei com o pé direito quando recuei com um suspiro. Minha ratoeira apareceu no meio do caminho, longe de onde eu havia deixado. Ali estava, e firmemente preso à base de madeira havia um rato morto e mole.

Não descreverei mais o que meus olhos encontraram ou minha repulsa. Minha primeira ideia foi correr, mas logo sufoquei meu pânico e me convenci de que a ratoeira e sua vítima não poderiam me causar qualquer dano físico.

Meu próximo pensamento não foi bem-vindo – cabia a mim cuidar do cadáver peludo no meu caminho. De qualquer forma, teria que remover o rato da ratoeira para poder usá-la novamente, como o balconista da loja me informou. Só de pensar em tocá-lo, estremeci. Não podia. Eu sabia que não podia. Por fim, peguei a vassoura e a pá e varri tudo. Segurando a pá com o braço bem esticado, marchei para fora e atravessei o quintal. O balconista disse para simplesmente soltar o rato morto e rearmar a ratoeira. Tão inteligente quanto impossível.

Segui resolutamente, tentando manter meus olhos longe do conteúdo da pá. Aproximei-me dos dois pequenos edifícios do outro lado do quintal. Olhando furtivamente, para ter certeza de que ninguém estava assistindo, fui para o que tinha a placa “Meninos”. Eu não queria compartilhar nem mesmo o sanitário com o rato morto.

O mais rápido que pude entrei, joguei o rato com ratoeira e tudo no buraco. Então me apressei, olhando novamente ao redor, como se estivesse cometendo um crime, e voltei para casa.

Peguei um balde e lavei o chão onde estivera o rato, minha pá de lixo e até minha vassoura; e então comecei a esfregar minhas mãos. Naquela manhã, não consegui sentir que estavam realmente limpas, então nem me incomodei em preparar o café da manhã. Em vez disso, servi uma xícara de café (não precisaria tocar nela), peguei minha Bíblia e fui para a sala de aula. Eu me acalmaria lendo e orando enquanto esperava o culto da tarde.

Capítulo 17

Culto de Domingo

Muitos não chegaram à escola às duas horas. Os Petersons foram os primeiros a aparecer. Como o dia estava nublado e frio, Lars foi autorizado a acender o fogo.

Os Dickerson chegaram, e depois os Blakes, os Johnsons e uma família chamada Thebeau. Eles tinham dois filhos adolescentes que não viriam para a escola até depois da colheita – se é que viriam.

O Sr. Dickerson estava encarregado do culto. Cantamos vários hinos e lemos as Escrituras. A Sra. Thebeau ensinou a Bíblia para as crianças, depois o Sr. Dickerson refletiu sobre uma passagem das Escrituras. Não era um sermão, esclareceu, porque ele não era pregador. Ele expressou algumas ideias valiosas, e eu apreciei sua abordagem direta. Até me vi pensando que era uma pena que não fosse um pregador.

Enquanto conversávamos depois do culto, outras charretes começaram a entrar no pátio da escola. Meu primeiro pensamento foi que eles haviam entendido mal a hora do culto da tarde e estavam atrasados. Que pena!

Aquilo chamou a minha atenção. Para minha surpresa, havia atividades acontecendo ao meu redor na escola. O fogo foi aceso e uma grande chaleira de água foi colocada para aquecer. Os homens estavam juntando as mesas, reorganizando-as e colocando itens sobre elas. Vendo meu olhar confuso, Anna Peterson se aproximou de mim.

— Pessoas quer conhecer nova professora. Isso coisa boa, não é?

Fiquei espantada. Mas, com o passar da tarde, concordei com Anna. Sim, era uma coisa muito boa. Todos os meus alunos e seus pais estavam ali – exceto Phillip Delaney e seus pais; eles informaram que lamentavam muito faltar à reunião, mas estariam, por necessidade, em Calgary no fim de semana. Outras pessoas da comunidade, embora não tivessem filhos em idade escolar, aproveitaram a oportunidade de se reunir com os vizinhos e talvez satisfazer a curiosidade sobre a nova professora. Todos me receberam calorosamente.

Presumi que alguns dos homens eram solteiros. Supus que dois deles tinham vinte e poucos anos, e os outros eram mais velhos. Três deles, em particular, me deixaram desconfortável – eu não estava acostumada a olhares tão diretos. Um foi especialmente ousado. Temia que pudesse se aproximar de mim, mas ele não saiu de perto de seus

companheiros. Eu esperava não ser colocada em sua companhia em algum futuro próximo.

Inconscientemente, me vi procurando um possível vislumbre de Wynn, mas não o vi. Era óbvio que ele não estava preocupado em conhecer a nova professora. Uma decepção tola me seguia pela sala enquanto conhecia meus novos vizinhos. Tentei tirar o pensamento ridículo da minha mente.

Eu gostei dos meus novos vizinhos. Em comparação com minha educação, eles careciam de refinamento e polidez; mas eram abertos e amigáveis, e eu respeitava o seu espírito aventureiro e senso de humor. Eles eram pessoas amáveis, esses pioneiros. Sabiam rir e, obviamente, também trabalhar.

Quando os últimos voltaram para suas casas, caminhei devagar até a minha, meu coração feliz. Já me sentia parte daquela comunidade e gostava da sensação. Eu estava completamente feliz aqui. Então lembrei-me dos meus companheiros ratos ainda presentes, e a felicidade me deixou. O que eu faria com eles? Teria que conviver, imaginei...

Capítulo 18

Cartas

Eu estava ocupada escrevendo uma tarefa no quadro-negro na tarde seguinte, quando ouvi uma batida firme. Antes que eu pudesse responder, a porta começou a se abrir, então continuei escrevendo, pensando que era um aluno que havia esquecido alguma coisa.

— Fique à vontade — eu disse sem me virar, e parti para terminar a frase que estava escrevendo.

— Tudo bem, Srta. Thatcher — veio uma voz masculina e grave. Virei-me, deixando um “g” com uma cauda muito estranha e longa. Tenho certeza de que meu rosto traiu minha surpresa. Era o amigo de Jon em Calgary, Wynn. Perdi o fôlego e fiquei encarando por séculos. Minha voz não cooperou ao cumprimentá-lo como deveria.

— Sinto muito se te assustei — ele começou.

— Oh, não, está tudo bem. É que eu pensei...

— Eu te assustei. — Sua voz carregava um pedido de desculpas.

Balancei minha cabeça e tentei rir. Minha risada pareceu ridícula, estridente e nervosa. Decidi não rir mais.

— Eu esperava que um aluno... — Minha voz soou nervosa também.

— Pode ser que eu tenha muito a aprender. — Ele sorriu e seus olhos sugeriram uma provocação. — Mas temo ficar deslocado em sua classe.

Engoli em seco e limpei o pó de giz em minhas mãos.

— Lamento ter perdido a sua festa, senhorita Thatcher. Ouvi dizer que foi um sucesso.

— Sim – sim, foi – muito boa — eu disse sem graça.

Seus olhos recaíram sobre minhas mãos brancas que se esfregavam nervosamente, depois se levantaram para encontrar os meus. Com medo de que ele estivesse prestes a fazer alguma afirmação boba sobre meus alunos terem a sorte de possuírem uma professora tão atraente, me endireitei. Ele não o fez. Seus olhos se voltaram para a tarefa no quadro e depois olhou ao redor da sala. Ele se afastou de mim e deu uma volta na sala, analisando cuidadosamente tudo o que havia para ver. Fiquei olhando para ele, percebendo que, mesmo em uma sala tão pequena, ele se movia com confiança e propósito. Consciente do pó de giz no meu vestido e dos fios de cabelo que se soltaram e se enrolaram no meu rosto, meus pensamentos se atropelavam. *Eu devo ser uma vista*

e tanto! Provavelmente até tenho um nariz brilhando.

Ele terminou sua volta pela sala, parecendo aprovar o que encontrou.

— Estou tão feliz por finalmente termos uma escola — disse ele com sinceridade, sua voz profunda e convincente.

— Sim — eu quase sussurrei —, também estou feliz. Eles estão tão ansiosos... — O amor pelas minhas crianças e sua presença perturbadora fizeram minha voz tremer, e fui forçada a me afastar do visitante. Apaguei lentamente o último “g” que colocara no quadro e o reescrevi adequadamente. Terminando a frase com cuidado, guardei o giz que estava segurando e limpei minhas mãos em um pano que guardei para este fim. — Agora, Sr.- Sr.-? — Vacilei.

— Perdoe-me — disse ele. — Fiquei tão fascinado com sua sala que esqueci de me apresentar. Sou Wynn Delaney, amigo de longa data de seu irmão, Jonathan.

Não me preocupei em explicar que estava ciente desse último fato.

— Como vai, Sr. Delaney? — Eu até consegui sorrir um pouco. Admirei meu autocontrole – agora que sentia que ele estava lentamente retornando. — Você não gostaria de se sentar, Sr. Delaney?

— Obrigado, mas não. Eu preciso ir. Peço desculpas por vir sem me anunciar, mas admito que já tenho a sensação de conhecê-la. Como eu disse, conheço Jon e Mary há vários anos e já a vi, embora não tenhamos sido apresentados.

E, mentalmente, acrescentei por ele: *“E nunca esqueço um rosto bonito, certo, Sr. Delaney?”*.

Ele não disse isso, nem nada do gênero. Continuou:

— Passei o fim de semana em Calgary e me pediram para entregar a você este pacote de cartas. Mary parecia sentir que era bastante urgente que você as recebesse para afastar sua grande solidão. — Os olhos dele brilharam novamente. — Eles perguntaram como você estava, mas eu tive que confessar que não sabia de nada, exceto que a escola estava aberta.

Ele sorriu e me entregou um envelope cheio.

— Obrigada. Foi muito gentil de sua parte atuar como mensageiro. — Eu esperava que ele reconhecesse e apreciasse minha tentativa de humor.

— Não tem problema, uma vez que eu passaria por aqui. Devo voltar a ver sua família em breve, posso dizer que você está com boa saúde e bom humor?

— Certamente, Sr. Delaney. Estou gostando bastante da comunidade

e da minha escola.

Ele balançou a cabeça em sua própria despedida com um leve sorriso, colocou o chapéu que carregava na mão e saiu da sala de aula.

Levantei-me e olhei para a porta fechada. Eu ouvia o tilintar dos arreios e o rangido das rodas no pátio, mas não me permiti o privilégio de correr para uma janela.

Ele não disse que esperava me ver novamente. Não tentou encontrar qualquer outra desculpa para ligar e nem sequer ofereceu nenhum dos elogios que eu estava acostumada a receber.

Um longo suspiro me escapou e voltei para o meu quadro-negro. Não adiantava. Eu não conseguia me concentrar no que estava fazendo. Olhei para a minha mão que segurava o pacote de cartas. As cartas! Claro, foram as cartas de Jon e da família que interromperam meus pensamentos. Eu correria para casa, tomaria chá e leria minhas cartas. Depois disso, voltaria a ser eu mesma, capaz de controlar meus pensamentos e voltar a preparar a lição.

Corri para casa, acendi o fogo e coloquei a chaleira. Imediatamente comecei a vasculhar minhas correspondências. Havia uma breve nota de William me contando sobre seu novo professor e uma nota com a letra de Sarah – meu nome tomava quase uma folha. Ela também escreveu “ESTOU COM SAUDADES” em grandes letras maiúsculas e achou um cantinho para o nome dela na parte inferior. Havia uma folha com abraços e beijos de Kathleen, e em um canto havia um pequeno abraço e beijo marcados por Elizabeth; Mary havia escrito uma explicação de que Kathleen insistira que a bebê Elizabeth também tivesse a oportunidade de demonstrar seu carinho.

A carta de Jon era breve e fraternal, expressando preocupação com meu bem-estar e felicidade e implorando que eu fosse à Calgary sempre que tivesse a oportunidade. A carta de Mary, uma longa epístola, incluía uma recitação de tudo o que havia acontecido no breve período em que estive fora. Ela acrescentou anedotas e frases engraçadas das crianças. Li tudo avidamente. Fiquei muito feliz em receber notícias deles. Gostaria que estivessem mais próximos, para que eu pudesse compartilhar mais rapidamente minha felicidade com eles.

A água do meu chá ferveu e logo esfriou, porque eu tinha deixado de alimentar o fogo. Reavivei a chama e a alimentei com mais gravetos e depois pedaços maiores de lenha. Enquanto o fogo pegava novamente e recomeçava a aquecer a chaleira, preparei pão e queijo.

Enquanto tomava meu chá e mordiscava o pão, com os pés descansando no meu novo banquinho (que não era muito elegante, de acordo com a mamãe), reli minhas cartas. Eu ri dos comentários de

Mary sobre o Sr. Higgins. Ela o encontrou em uma loja do centro e ele perguntou, sem jeito, sobre mim. Mary respondeu que achava que eu estava bem, embora não tivesse notícias minhas desde que cheguei. Ele respondeu com espanto: “*Você quer dizer que ela ficou?*”. “*É claro que ela ficou*”, disse Mary. “*Não era isso que ela deveria fazer?*”. “*Oh, sim – sim, é claro*”, Higgins murmurou e saiu com o rosto vermelho.

Meus pensamentos foram das cartas para o mensageiro, mas me recusei a deixar minha mente pensar nele. Embora tentasse deliberadamente evitar que minha mente se desviasse para Wynn Delaney, descobri que o nome e o rosto continuavam a provocar meus devaneios. Finalmente deixei de lado minha xícara de chá, troquei de vestido e saí para rachar lenha para o meu fogo. *Talvez alguma atividade vigorosa acalmasse minha imaginação*, pensei, e ataquei minha pilha de lenha furiosamente.

Capítulo 19

A Caçadora de Ratos

Na manhã seguinte, levantei-me e descobri que os ocupantes peludos estavam passeando pelos meus armários. Eu tinha que fazer alguma coisa! Simplesmente não havia como morar com eles. Não suportava compartilhar minha casa aconchegante com os ratos.

Novamente lavei e fervei todos os meus pratos, limpei e esfreguei tudo o que imaginei que eles tivessem tocado. Com muita dificuldade, tirei dois baús de metal vazios do meu quarto e coloquei todos os pratos do armário em um e todos os alimentos que eu poderia colocar no outro. *Certamente os camundongos não seriam capazes de entrar ali*, eu concluí quando fechei as tampas com um estrondo e caminhei até a minha escola, chateada demais para me preocupar com o café da manhã.

Quando os alunos começaram a chegar, me acalmei um pouco e pude recebê-los com um sorriso.

Os dois dias seguintes correram bem, embora fosse um incômodo vasculhar os baús toda vez que eu preparava uma refeição.

Na quarta-feira, Lars me trouxe mais suprimento e ficou olhando com surpresa quando me viu guardar pão, queijo e ovos no meu grande baú.

— Tem ratos aqui — informei-o enquanto colocava o leite, a nata e a manteiga no balde de metal com uma tampa no abrigo num canto da casa.

— Você precisa de um gato? — ele perguntou, e me indaguei por que não tinha pensado nisso.

— Você tem um que poderia me emprestar?

— Temos muitos.

— Vou pensar sobre isso.

Fomos juntos para a escola.

Na quinta-feira de manhã, acordei e encontrei um rato afogado no balde de lixo. Fiquei horrorizada ao olhar para o pedaço encharcado de pelos sem vida.

Bem, pelo menos não era meu balde de água, pensei enquanto carregava meu balde de lixo até o canto mais distante do terreno da escola e o jogava fora. Eu meio que esperava que o rato morto pulasse

para a minha casa, mas, felizmente, ele ficou parado. Dei meia volta e corri para casa.

Queria esfregar o balde com água e sabão, mas isso parecia tolice, então apenas o enxaguei um pouco e o deixei mais longe da minha cozinha. Mais uma vez, pulei o café da manhã e fui direto para a escola.

Naquela noite, deixei de lado toda a minha reserva e fui até os Petersons para implorar, pedir emprestado ou mesmo roubar um gato.

A que Lars me ofereceu era bastante sarnenta, uma coisa grande e amarela.

— Ela é uma boa caçadora de ratos — ele afirmou, e eu não duvidei dele nem por um momento.

Ele a levou para casa para mim – um ato que apreciei muito. Preferiria ter muitos gatinhos fofos, mas Lars me convencera do contrário.

— Eles não são bons caçadores — disse ele. Eu acreditei na palavra dele.

Lars depositou a grande gata de aparência faminta na minha cozinha e virou-se para ir embora.

— Feche a porta — ele advertiu. — Se ela sair, ela corre para casa.

Eu assenti. Lars saiu e a gata ficou.

Mais tarde, quase desejei que ela fosse embora. Ela rondou e miou até que eu pensei que não seria mais capaz de aguentar nem por um minuto. Se com tudo isso ela limpasse a minha casa dos ratos, o barulho e a comoção valeriam a pena.

Na hora de dormir, fechei minha porta, deixando o barulho do lado de fora. Ainda podia ouvi-la, pulando e miando, e depois a seguia mentalmente pela sala – minha cadeira, minha mesa, meu armário, minha banheira. Aquela gata não respeitava uma única peça de mobiliário.

Foi então que ouvi um estrondo terrível. *Se esse fosse o meu bule de chá!* Foi o meu primeiro pensamento quando peguei um fósforo para acender a lamparina. Felizmente, era apenas um copo lascado que eu tinha esquecido de remover da mesa. Peguei os pedaços quebrados e os joguei nas chamas. Trouxe meu bule para o quarto e o coloquei no baú com meus livros. Então apaguei a lamparina e me arrastei de volta para a cama. Tentei afastar meus pensamentos da incansável gata que rondava minha casa. *Nenhum rato vai aparecer hoje à noite*, pensei, *com toda essa algazarra*. Eu estava errada. Por volta das quatro da manhã, acordei com uma bagunça na minha cozinha e um grito agudo de medo ou dor. A gata atacou.

O som terrível reverberou pelo meu cérebro muito tempo depois que a gata decidiu encerrar a noite. Que coisa terrível deve ser para um pequeno rato ser pego por uma gata gigante!

Pela manhã, minha repulsa pelo incidente pairava sobre mim como uma nuvem. Demorei-me na cama o quanto pude. Tinha certeza de que encontraria minha cozinha cheia de ratos mortos. A bichana ainda estava ali, parecendo faminta. Não havia destroços de sua caça noturna.

Eu estava chegando à conclusão de que devia ter imaginado os sons da noite, até que minhas arrumações me levaram à minha cadeira favorita. No começo, eu supunha que um pequeno galho estivesse na cadeira. Abaixei-me para pegá-lo. Estava na minha mão antes que eu pudesse reconhecê-lo – o rabo de um rato! A gata ousara jantá-lo exatamente onde eu gostava de relaxar!

Foi a gota d'água. Fui até a porta e, me sentindo tola, abri-a um pouco e chamei a gata. Quando ela correu para a fazenda dos Petersons, pedi perdão aos ratos. Certamente haveria uma maneira mais civilizada de me livrar deles. Uma coisa eu tinha certeza: existiria uma forma mais silenciosa.

Capítulo 20

Um Visitante

Em pouco tempo, lembrei-me novamente de que ainda não estava livre de ratos. Eu não tinha ideia de quantos restavam, mas achei que fosse mais do que suficiente.

Meu armário ficou vazio, enquanto meus baús estavam abarrotados com o que deveria estar nas prateleiras. Uma simples xícara de chá exigia um esforço extra. As coisas que não podia encaixar nos meus baús, eu cobria. Cobria meu balde de água. Cobria até o bico da chaleira. Independentemente do que ia fazer, verificava primeiro se um rato não havia chegado antes de mim. Era uma maneira estranha de viver, mas fui obrigada a me adaptar.

Meus alunos estavam progredindo favoravelmente. Eu tinha certeza de que após o término da colheita teria mais três ou quatro alunos.

Estava tendo problemas com Phillip Delaney. Ele tendia a ocupar-se com outras coisas além daquilo que lhe fora designado. Quando, por três dias consecutivos, sua lição não havia sido concluída durante o horário da aula, pedi que ele ficasse para conversar depois que os alunos fossem dispensados. Expliquei com muito cuidado que, caso isso acontecesse novamente, eu exigiria que ele ficasse na escola até terminar o trabalho.

No dia seguinte, para minha consternação, seu trabalho não foi concluído.

— Phillip, estou decepcionada — eu disse. — Você teve muito tempo para fazer esse trabalho.

Ele não parecia preocupado.

— Devo ficar e fazê-lo, como Tommy?

— Thomas precisa de ajuda especial com suas lições. Ele não consegue entender sozinho. É por isso que ele fica, para eu ajudá-lo.

— Mas você disse que se eu não terminasse, teria que ficar.

— Exatamente.

Ele não fez nenhum comentário, mas pegou o lápis e começou a trabalhar.

Ele terminou seu trabalho rapidamente e depois se demorou até eu insistir que voltasse para casa.

No dia seguinte, seu trabalho ficou inacabado novamente.

— Você terá que ficar até terminar — declarei. — Talvez isso ajude

você a aprender a trabalhar mais rapidamente.

Eu sabia que o problema de Phillip não era dificuldade em aprender, pois Phillip, ao contrário de Thomas, era uma criança brilhante.

Ele não protestou. Mais uma vez a lição foi feita em tempo hábil, e novamente Phillip ficou conversando. Eu finalmente o mandei para casa.

Pouco tempo depois, tive um visitante inesperado. Eu estava apenas guardando o último dos livros que foram usados nas lições do dia e os estava organizando, quando ouvi uma batida na porta. Wynn Delaney entrou.

Como sempre, a presença dele me deixou nervosa, e acredito que corei um pouco.

— Estou interrompendo? — ele perguntou.

— De modo nenhum. Eu estava saindo. Por favor, entre.

Ele deu um passo para a frente e sentou-se perto da minha mesa. Parecia estranho ver um homem tão alto sentado em uma mesa tão pequena. Ele teve que esticar as longas pernas para frente, para criar espaço para elas. De alguma forma, sua atitude relaxada me deixou mais à vontade.

— Mais cartas? — perguntei maliciosamente. Ele sorriu e abanou sua cabeça.

— Não, desta vez são assuntos da escola. Eu vim falar sobre Phillip.

— Ele teve que ficar depois da aula algumas vezes. — Eu pensei: *O que você tem a ver com Phillip?* Mas deixei isso de lado, pois a questão da minha disciplina ser questionada me parecia mais importante. — Você se opõe ao meu método de disciplina?

— Nem um pouco — ele respondeu rapidamente. — Apenas me pergunto se é a melhor maneira de lidar com Phillip.

— Por quê?

— Diga-me, Srta. Thatcher, como Phillip reagiu ao ficar até tarde? Isso o aborreceu... incomodou?

— De modo nenhum. — Eu estava ficando na defensiva.

Ele sorriu – um sorriso lento e deliberado, e, apesar dos meus sentimentos, notei o sorriso agradável que ele tinha. No entanto, o sorriso dele também me disse que, de alguma forma, acabara de provar um argumento. Ele nem disse nada; apenas esperou que eu entendesse o que acabara de dizer.

— Você quer dizer...? — comecei devagar.

— Exatamente. Phillip não quer nada além de tempo e atenção

extra, Srta. Thatcher.

— Entendo — eu disse, desviando o olhar dele, percebendo, ao analisar os últimos dias, que ele estava certo. Voltei-me lentamente para ele. — Então... — comecei, buscando conselhos. — O que você sugere?

— Bem, a mãe dele e eu...

A mãe dele e eu. Aquelas palavras me atingiram como um balde de água fria e pude sentir o ar saindo dos meus pulmões e o sangue escorrendo da minha cabeça. Por um momento, fiquei tonta e me assentei, sem verificar se a cadeira estava onde deveria.

Eu devia ter imaginado. Sua mãe e eu – Delaney... é claro, Phillip Delaney – Wynn Delaney. Este era o pai de Phillip. *Que idiota eu fui*, me censurei, *por ter ilusões românticas com um homem casado.*

Recuperei-me rapidamente quando percebi que o Sr. Delaney estava esperando minha resposta à sua sugestão, que deixei de dar na minha consternação.

— Me desculpe — Tropecei desajeitadamente, com medo dos meus pensamentos. — Eu estava longe...

Continuava sem responder e ele repetiu:

— A mãe dele e eu pensamos que, se você pudesse enviar para casa a lição incompleta, faremos com que ele termine e a entregue.

— Claro. — Eu me senti envergonhada por ele ter que explicar novamente.

Parecia um plano bom. E agora eu estava disposta a concordar com quase tudo o que acelerasse a saída daquele homem da minha sala de aula.

Levantei-me e segui em frente:

— Parece uma boa abordagem. Vou informar a Phillip sobre o nosso novo acordo. E agora, se você me der licença, Sr. Delaney, eu tenho muitas coisas para cuidar.

Ele se levantou com um olhar interrogativo nos olhos. Lembrei-me de ter dito a ele, quando entrou, que eu tinha terminado e estava pronta para sair. Ele não mencionou o fato, no entanto, e se desculpou de maneira cordial.

Sentimentos estranhos tremiam dentro de mim enquanto eu o observava partir. Que ganso bobo eu tinha sido ao supor empolgadamente que ele fosse solteiro. Não podia negar o fato de ele ser o homem mais atraente que já conheci, mas se soubesse que ele era casado, jamais teria me permitido outro pensamento. *Bem, agora eu sei – então é isso*, pensei, me dando uma chacoalhada. Afastei com firmeza os pensamentos sobre aquele homem e rapidamente saí da

sala.

Decidi correr até a casa de Anna para tomar uma xícara de seu bom e forte café. Ela sempre me chamava e eu muitas vezes dava a desculpa de estar ocupada. Bem, hoje à noite eu iria. Eu não estava com disposição para ficar sozinha e saborear tranquilamente meu chá. *Se ela insistisse, eu até poderia ficar para o jantar*, disse a mim mesma, sabendo muito bem que ela o faria. Isso me pouparia o trabalho para tirar as coisas dos meus baús, e então, controlando meus pensamentos, fechei resolutamente a porta atrás de mim.

Capítulo 21

Alunos

Apenas uma vez Phillip precisou levar o trabalho para casa. Ele me devolveu na manhã seguinte, cuidadosamente concluído. A partir de então, Phillip terminou seu trabalho facilmente no tempo previsto.

Ele era cheio de charme. Suponho que, por mais que eu não quisesse, demonstrava certo favoritismo. Ele encontrava maneiras de passar tempo comigo, e tenho certeza de que eu gostava tanto quanto ele.

Else Peterson também foi um dos meus alunos “especiais”. Ela era rápida em aprender e ansiosa por agradar. Tive a oportunidade de recebê-la no sábado para o “chá”. Naquele dia, ela atravessou o campo trazendo um bolo de café recém-saído do forno. Estava delicioso e o batizamos de “bolo de chá”, e o comemos imediatamente com o chá servido nas minhas xícaras de porcelana. O chá de Else, misturado com leite, foi um maravilhoso deleite para ela, e seus olhos brilhavam através de sua timidez enquanto olhava para as xícaras e o delicado bule.

— Srta. Thatcher — ela me disse solenemente —, é como fazer um piquenique de fadas.

Eu amava a pequena Else. Ela era uma criança preciosa e gentil.

Sally Clark também encontrou um lugar especial no meu coração. Chegava a ser comovente essa garota, quase mulher. Ela queria muito entrar no mundo adulto, mas também se apegava ao seu mundo infantil. Notei, com o passar dos dias, ela tímida me observando e suas tentativas embaraçosas de me copiar. Levava aquilo como um elogio sincero e muitas vezes desejei levá-la para casa comigo e a enfeitar em um dos meus lindos vestidos, arrumar seu cabelo e deixá-la ver a encantadora garota no espelho. Ela era bonita à sua maneira, e muitas vezes eu tinha a impressão de que algum dia poderíamos acordar e encontrar essa pequena borboleta tímida livre de seu casulo. Percebi que seria imprudente tentar apressar a natureza em seu lento processo, porém certo. Mostrar meu guarda-roupa para Sally e tentá-la com as coisas bonitas, que para mim eram comuns, só faria com que suas roupas simples e usadas parecessem ainda mais monótonas aos seus olhos. Então, em vez disso, dava sugestões simples e a encorajava quando podia, dizendo: “O azul cai bem em você”; “Esse tipo de colar combina bem com você”; “Seu cabelo fica muito bonito assim – você tem um cabelo tão bonito”. Tentei formar cada um dos meus alunos com sinceros elogios, mas com Sally meus sorrisos e palavras tinham

um significado extra. Ela corava um pouco quando eu falava assim, mas eu sabia que minha aprovação era importante para ela.

Tinha também o Andy. Até olhar para ele fazia meu coração doer. Ele parecia piorar com o passar dos dias. Às vezes eu o via segurar a cabeça com as duas mãos como se estivesse com dor, um olhar confuso e miserável tomava seus olhos. Tentava não chamar a atenção para ele, mas assim que podia, me aproximava dele e me ajoelhava.

— Andy, por que você não se debruça por alguns minutos? — eu sussurrava.

O que eu realmente desejava fazer era tomá-lo em meus braços e protegê-lo, embora raramente tivesse a oportunidade para isso. Geralmente ele olhava para mim com gratidão nos olhos e depois fazia o que eu sugeri, às vezes balançando-se suavemente para trás e para frente. Estava preocupada que sua incapacidade de lidar com as lições pudesse estar lhe causando problemas físicos. Eu não o forçava, mas queria oferecer-lhe tudo o que pudesse reter. Tentei descobrir onde ele morava para ligar para sua família quando, numa manhã, Andy não veio para a escola com sua irmã, Teresa.

— Mamãe acha que ele precisa descansar — disse ela, e eu assenti.

Todos os alunos sentiram falta de Andy. Ele era o favorito de todos, pois, embora não pudesse participar plenamente do aprendizado em sala de aula ou de brincadeiras externas, aplaudia vigorosamente todos os que podiam. Na sala de aula, seus olhos brilhavam sempre que alguém lia ou recitava bem, e ocasionalmente ele demonstrava sua alegria aplaudindo espontaneamente. Eu não o repreendia por sua exuberância, e os alunos observavam Andy enquanto recitavam, esperando sua aprovação. No pátio, ele dava muita atenção às brincadeiras, gritando e pulando efusivamente pelas conquistas dos colegas. Andy não escolhia favoritos. Ele aplaudia a todos com o mesmo entusiasmo. Seu aplauso e a fervorosa exclamação de: “Você foi muito bem! Você foi muito bem!” eram algo para o qual cada aluno se empenhava.

Carl Clark, recém-chegado à adolescência, era um problema para mim. Ele era primo de Sally e queria que todos soubessem que não precisava daquela “escola idiota” – ele seria um vaqueiro e trabalharia em uma fazenda no sul de Alberta. Ele passava muito mais tempo praticando laço do que lendo. Passava o intervalo inteiro laçando a cerca.

Ele começou a amarrar os colegas e eu tive que pará-lo com firmeza.

Um dia, dei a Harvey Mattoch, um dos meus alunos mais novos, permissão para sair da sala; e, como fazia com todos os meus alunos,

fiquei de olho, esperando sua volta. Os minutos passaram, e nada do Harvey. Continuei com a aula de ortografia, mas continuava pensando nele. Quando dispensei a classe para o recreio, imediatamente fui procurá-lo. Eu o encontrei em lágrimas, encolhido atrás da pilha de lenha.

— Harvey — eu o convenci —, saia e vamos conversar. — Ele balançou a cabeça e uma nova torrente de lágrimas começou a cair. — O que aconteceu?

Ele chorou mais.

Sentei-me em um bloco de madeira e esperei que ele controlasse o choro. Assim que se acalmou, passei-lhe o lenço, deixei-o esfregar e assuar o nariz, depois perguntei novamente.

— A porta do banheiro dos meninos está toda amarrada — ele disse soluçando.

Com certeza era o laço de Carl Clark. Harvey tentou desamarrar a corda e abrir a porta, mas não a tempo de evitar um “acidente”. Eu dei a ele permissão para correr para casa, para colocar roupas secas.

— Você fica quietinho aqui — disse a ele — até eu chamar as crianças do recreio. Ninguém deu falta de você ainda.

Escrevi uma nota rápida para a mãe dele, na esperança de que o garoto não fosse repreendido em casa, entreguei para ele e toquei o sinal. Alguns minutos depois, vi o movimento de sua cabeça ao correr pela estrada apressadamente para chegar em casa sem ser notado.

No final da aula, pedi a Carl que esperasse. Disse a ele como fiquei desapontada por ter usado sua corda para amarrar um lugar tão necessário e que na semana seguinte, durante o recreio, ele ficaria ocupado transportando lenha para o fogão da escola. Também disse a ele que não queria ver sua corda na escola novamente. Ele ficou de mau humor quando saiu da sala, mas não tive mais nenhum problema com a corda. Com o passar do tempo, Carl se juntou aos outros garotos nas brincadeiras. Acabei tendo que revisar minha punição. O tempo estava muito bom para usar o grande fogão de ferro, e Carl havia carregado madeira suficiente em dois dias para encher completamente o depósito da escola e empilhou mais perto da porta.

Considerando o fato de que meus alunos nunca tiveram educação formal anteriormente; considerando o fato de que eu tinha poucos recursos educacionais para usar; considerando o fato de que todos estavam sob o mesmo teto, mas em níveis diferentes; considerando o fato de serem oriundos de várias etnias e alguns deles nem mesmo falarem bem o inglês; considerando o fato de eu ser jovem, com apenas dois anos de experiência no ensino, estava bastante orgulhosa de todos – bem, quase todos.

Durante as semanas que se seguiram, tive a agradável experiência de ser convidada para várias casas da comunidade, para jantar no domingo ou durante a semana. Algumas das que visitei eram ainda mais simples do que minha pequena casa. Umas eram surpreendentemente confortáveis e charmosamente decoradas e arrumadas. Mas onde quer que eu fosse, as pessoas estavam ansiosas para compartilhar comigo o melhor que podiam oferecer. Eu os amei pelo que fizeram.

Era difícil aceitar a hospitalidade deles quando não estava em condições de retribuí-la. Eles pareciam perceber como eu me sentia e rapidamente me garantiram que aquela era uma maneira de dizerem obrigado por educar seus filhos. Aquilo me deixou mais determinada do que nunca a fazer o melhor que pudesse.

Capítulo 22

O Fogão da Escola

De repente, o tempo quente tornou-se frio e chuvoso. Certa manhã, acordei com um céu nublado e escuro, com vento frio e chuva como água gelada. Mesmo em minha casinha confortável, tremi enquanto me vestia. Eu mal podia acreditar que um dia poderia ser tão drasticamente diferente do anterior. Decidi que minha sala de aula deveria ter um fogaréu – o primeiro que precisamos. Pelo menos estávamos bem abastecidos de madeira, graças a Carl.

Ao olhar para o céu, fiquei feliz por ser sexta-feira. Talvez até segunda-feira tivéssemos nosso sol de volta.

Acendi meu próprio fogão e coloquei minha cafeteira. As chamas famintas começaram a lamber a madeira rapidamente, e o calor logo se espalhou pela sala. Ao olhar para o dia sombrio, imaginei quantos de meus alunos se aventurariam. Eu não os culparia se eles ficassem em casa.

Decidi fazer tudo o que era necessário antes de sair de casa para que, depois de atravessar até a escola na chuva, pudesse ficar lá.

Com isso em mente, cuidei da minha higiene, quase ofegando enquanto me lavava com a água fria. Tomei café da manhã, fiz minha leitura bíblica matinal e arrumei meus dois quartos pequenos. Antes de sair, acendi o fogo da maneira que Lars me mostrara, e depois me enrolei firmemente no casaco, amarrei um lenço na cabeça e corri para a escola.

A sala estava fria, tudo bem, mas eu ainda tinha tempo de sobra para esquentá-la antes de meus alunos chegarem.

Joguei meu casaco de lado e fui colocar a lenha. Minhas mãos já estavam dormentes com o frio e a umidade. Peguei o papel, pronta para acender, mas, embora tenha procurado em todos os lugares uma caixa de fósforos, não encontrei. Abotoei meu casaco, vesti meu cachecol úmido e corri de volta na chuva até minha casa. Na pressa, quando voltei para a escola, pisei em uma grande poça e joguei água barrenta na minha perna. Destemida, eu corri e, uma vez lá dentro, tirei o casaco e o cachecol pingando e fui acender o fogo novamente. Não tive problemas em acender a chama e, logo, um fogo forte implorou avidamente por mais madeira. Além disso, logo a sala estava começando a se encher de fumaça azul. Abri a porta do fogão e olhei para dentro. A fumaça fez meus olhos arderem. Bati a porta com força. *Talvez demore apenas alguns instantes para começar a pegar, pensei,*

lembrando das palavras de meu pai a respeito da lareira em casa.

Os minutos se passaram e o fogão não pegou; apenas parecia inflar – ondas de fumaça enchiam a sala de aula.

Eu cutuquei e mexi no fogo, mas isso só aumentava o ardor em meus olhos, tossindo e lacrimejando, com fuligem e cinzas nas minhas mãos e roupas. Determinando que a única maneira de salvar a sala do desastre total era apagar o fogo, peguei o balde de água. Estava prestes a colocá-lo no fogão quando a porta da escola se abriu, e lá estava Wynn Delaney. Ofeguei, engasguei e comecei outro ataque de tosse.

Sem falar, ele foi até mim, pegou o balde das minhas mãos e o colocou de volta na prateleira. Então ele foi para o fogão.

— Esses fogões de escola do campo podem ser trabalhosos — afirmou com naturalidade, enquanto girava uma alavanca de metal no cano e outra no próprio fogão. Então caminhou propositadamente até as janelas e começou a abri-las uma a uma. Depois que a última foi aberta, ele voltou e pegou meu casaco.

— Eu tenho alguns minutos — ofereceu. — Por que não fico e acendo o fogo, enquanto você vai para casa e se recompõe? Ainda faltam quarenta minutos para o primeiro aluno chegar.

Ele segurou meu casaco para que eu vestisse, o que fiz em silêncio. Fugi do prédio envergonhada por ter sido surpreendida naquela situação. Que horror eu estava! Tinha fuligem nos braços e até na bochecha. Minhas pernas e vestido estavam salpicados de lama, meus sapatos estavam encharcados e meu cabelo estava completamente desalinhado. Olhei para o relógio enquanto me trocava, mas não me apressei. Até tomei uma segunda xícara de café, me sentindo um pouco como uma criança que rouba o pote de biscoitos. Então, lenta e deliberadamente, atravessei o quintal até a escola, contornando todas as poças mais fundas. Quando cheguei à escola, a maior parte da fumaça havia desaparecido e a sala estava começando a ficar aquecida com o fogo – e sem fumaça –, graças a Deus! Meu benfeitor ainda estava lá.

Apesar do meu constrangimento, meu senso de humor me ajudou, pelo menos um pouco.

— Quero agradecer — comecei — por salvar a escola. Nós quase morremos sufocados.

Quando viu que eu podia rir de mim mesma, seus olhos começaram a brilhar, mas ele foi muito gentil para me provocar.

— Uma pessoa — disse ele, colocando toda a culpa em “uma pessoa” desconhecida e invisível — deixou o registro completamente fechado. — Ele foi até o fogão e girou a alavanca levemente. —

Quando o fogo estiver indo bem, você pode girá-lo – assim – para diminuir um pouco; mas, para começar, sempre deve ficar na posição vertical, assim.

Eu assenti, repreendendo-me por não pensar em registros. No entanto, ele não comentou sobre minha loucura, mas continuou:

— Devo avisar que nunca se deve usar um balde de água para apagar o fogo em um fogão como este. Pode ser muito perigoso – e, na melhor das hipóteses, causar muita confusão. A água força as cinzas pela porta do fogão, algumas delas ainda carregando muitas faíscas.

Imaginei a água espirrando com força cinzas e fuligem, o que me fez ser grata por ele ter chegado naquela hora.

— Se você precisar apagar um fogo — continuou ele —, despeje a água delicadamente, um pouco de cada vez, espalhando sobre as chamas. Lembre-se também de que não demora muito tempo para um fogão de ferro esquentar; uma mudança repentina de temperatura pode até partir o metal.

Balancei a cabeça humildemente, sentindo que acabara de receber um sermão paternal sobre incêndios.

— Nunca ouvi dizer que uma jovem professora tem que mexer com fogo — comentou, como se falando sozinho. Eu me encolhi interiormente ao imaginá-lo em alguma reunião futura dos pais da comunidade, argumentando que as professoras jovens não sabem lidar com o fogo na sala de aula.

Eu rapidamente assegurei:

— Vai ficar tudo bem agora que sei como funciona.

Ele jogou mais dois pedaços de madeira de bom tamanho nas chamas, fechou a porta do fogão e endireitou-se em toda a sua altura. Vi seus olhos recaírem sobre minhas mãos e fiquei mais constrangida e nervosa. Será que ele estava percebendo que minhas mãos mostravam que eu não estava acostumada a trabalhos manuais de qualquer tipo? Estaria verificando se elas estavam perdendo a boa aparência sob os rigores do trabalho em uma escola do interior?

Voltei-me para uma janela.

— Você acha que podemos fechá-las agora? — perguntei, tentando direcionar sua atenção para outro lugar.

— Certamente. — E ele mudou-se para a mais próxima.

Olhei em volta da minha sala e assim que a última janela foi fechada, virei-me para ele.

— Quero te agradecer – lembrarei de verificar o registro. Agora, se me dá licença, tenho lições para preparar.

Ele sorriu um pouco e pegou o chapéu. Era estranho esse sentimento

que eu tinha. Sabia instintivamente que ele era o tipo de homem que seria digno da amizade de alguém, especialmente porque ele era amigo de longa data de Jonathan; no entanto, senti que não deveria encorajar amizade de nenhum tipo. Eu nunca sentira essa barreira, ou melhor, a necessidade de uma barreira com um homem antes. Talvez receasse que ele não soubesse da minha atração por ele antes que eu percebesse que era um homem casado. Talvez se eu conhecesse a esposa dele, pudesse sentir-me diferente. Mas, por enquanto, me mantinha rigidamente à distância.

— Passei para informar que Phillip não comparecerá às aulas hoje. Ele está resfriado e a mãe dele decidiu não mandá-lo na chuva.

Com as palavras “mãe dele”, me afastei mais um passo do homem que falava comigo.

— Sinto muito — consegui dizer. — Espero que não seja sério.

— Tenho certeza que não. Você sabe como são as crianças. Elas podem voltar a correr em uma hora. As mães demoram um pouco mais para se recuperarem da doença de um filho. — Ele sorriu.

— Sim — eu respondi. — Acho que sim.

— Voltarei entre as três e quatro. Lydia gostaria que eu pegasse o trabalho de Phillip para que ele não ficasse atrás de seus colegas de classe. Ela estudará a lição com ele em casa – se isso não for demais para você.

— Não, não, claro que não. Vou prepará-la para quando você aparecer.

Ele sorriu novamente, assentiu levemente e saiu, com o chapéu ainda na mão. Virei para o meu quadro negro, tentando me concentrar nas lições que tinha que preparar. Temi o dia seguinte, pois sabia que, no final, precisaria vê-lo novamente. Eu gostaria de manter Lars comigo, enviá-lo para encontrar este homem e entregar-lhe as lições necessárias. Mas certamente sabia que não poderia fazer isso. Lars era necessário em casa e, de qualquer maneira, eu não seguraria nenhum aluno por uma razão tão tola e pessoal. Com tempo e esforço, superaria meus sentimentos bobos e aceitaria o homem como o amigo casado de Jon – nada mais. Ele sempre se comportou como um perfeito cavalheiro na minha presença.

Para minha surpresa, todos os meus alunos, exceto Phillip e Andy, apareceram para a aula. De fato, o número total naquele dia aumentou, pois os três meninos mais velhos que trabalhavam nos campos de colheita foram liberados por causa da chuva e assistiram às aulas pela primeira vez.

Logo ficou aparente, para minha grande consternação e constrangimento, que foi a jovem professora, e não as lições, que os

trouxera; eles não eram muito mais jovens que eu e aproveitavam todas as oportunidades para provocar e flertar um pouco. Senti minhas bochechas corarem várias vezes durante o dia e fiquei grata quando esse dia difícil na escola finalmente terminou.

Imediatamente, comecei a trabalhar na preparação das lições de casa de Phillip. Eu não queria que o Sr. Delaney fosse obrigado a ficar esperando.

Os alunos não se demoraram muito e eu acabava de terminar meus preparativos apressadamente quando ouvi uma batida na porta da sala de aula.

Dei a ele o pacote, que ele enfiou dentro da jaqueta para protegê-lo da chuva, e depois o despedi – de forma bastante curta, receio.

— Eu preciso chegar em casa e cuidar do meu fogo — eu disse a ele, e me apressei em colocar meu casaco enquanto dizia as palavras. Assegurei-me de ficar longe o suficiente dele para que não pudesse oferecer assistência.

Ele olhou para mim, depois pela janela, depois para meus sapatos frágeis.

— Eu poderia levá-la no meu cavalo — ofereceu quando me mexi em direção à porta.

Eu parei no meio do caminho. Que ideia perfeitamente ridícula! E como ele propõe fazer isso? Ele deve ter percebido meu choque.

— É até o joelho em alguns lugares.

A raiva tomou conta de mim. Esqueci de pensar nele como o amigo de Jon e pensei nele apenas como o marido de uma mulher.

Queimei de raiva. Aqui está ele, querendo me transportar para casa em seu cavalo. Como ele faria isso – me jogando em suas costas ou me carregando em seus braços?

— Eu vou conseguir — declarei, e ele não discutiu mais. Foi embora com o dever de casa de Phillip e, frustrada, passei pela sala, guardando livros, apagando o quadro negro e enfiando as cadeiras na mesa.

Por fim, me acalmei e saí para enfrentar a tempestade, tomando cuidado para fechar bem a porta da sala de aula atrás de mim.

Quando a chuva fria bateu no meu rosto, fiquei mais lúcida. Lembrei-me de que o Sr. Delaney era amigo de longa data de meu irmão, Jonathan. Sua oferta de me levar para casa em seu cavalo era uma cortesia simples – pelo desejo de cuidar da jovem irmã indefesa de um homem que ele considerava quase um irmão; sua oferta prestativa não era nada além disso. Eu me senti melhor por ter resolvido isso comigo mesma. Talvez o marido de Lydia Delaney tenha

sido apenas prestativo demais, e ela não precisaria se preocupar, afinal. Tirei tudo isso da minha mente e comecei a planejar uma noite confortável e tranquila.

O Sr. Delaney estava certo – as poças tinham muita água. Quando cheguei à minha porta, meus sapatos estavam arruinados, minhas saias estavam cobertas de água barrenta e meu espírito estava tão encharcado quanto minhas meias molhadas até os joelhos.

Mas me recusei a me chatear com aquilo durante a noite. Meu pequeno ritual com

uma xícara de chá, uma cadeira familiar e uma história favorita de Dickens contribuiu muito para melhorar minha perspectiva.

Capítulo 23

Planos

O sábado também estava frio e chuvoso. Lavei minhas roupas à mão e amarrei varais em volta da minha casa para secá-las. À tarde, tive que transportar mais madeira. Era um trabalho molhado e lamacento, e eu não gostei.

O domingo também estava úmido e triste. Poucas pessoas compareceram ao culto da tarde. Lars chegou cedo para acender o fogão da escola. Não teve fumaça. Os que vieram ficaram felizes por seu calor e alegria. Conforme combinado anteriormente com o Sr. Dickerson, eu recebi as crianças na sala de aula, onde contamos uma história especial da Bíblia, por isso não tive muita oportunidade de conversar com outros irmãos. O Sr. Delaney estava lá com a mãe, uma pessoa muito gentil, e quando a conheci percebi de quem o Sr. Delaney havia herdado seu sorriso caloroso e amigável. Phillip ainda estava em casa com seu resfriado, então sua mãe ficou em casa com ele.

Depois que o culto e minha aula terminaram, encaminhei as crianças para a escola, despedi-me dos irmãos, verifiquei o fogão na sala de aula e fui para casa saltando as poças. A chuva havia parado agora e o sol estava reaparecendo. Logo a terra estaria quente de novo. Felizmente, parecia que aquele mau tempo duraria pouco.

No meio da semana, o pátio e as estradas estavam secos novamente. Na quarta-feira, nosso outro “sol” voltou; Andy estava de volta. A turma toda o aplaudiu quando ele entrou no pátio da escola. Eu estava saindo para tocar o sinal quando ele apareceu, e devo admitir que também desejei celebrar quando vi seus olhos brilhantes. Sua alegria ao voltar iluminava todo o seu rosto.

No meio da manhã, percebi que algo estava muito errado, mas Andy balançou a cabeça quando perguntei se ele gostaria de descansá-la nos braços. À tarde, se via a dor em seus olhos e se debruçar não ajudou. Chamei Teresa de lado e sugeri que ela o levasse para casa.

— Ele não deveria ter vindo — disse ela, chateada —, mas ele ficou tão triste que convenceu nossa mãe.

Nós juntamos suas coisas. Eles não moravam longe da escola, mas eu fiquei apreensiva quando o deixei ir, orando para que ele conseguisse chegar em casa.

Assim que Andy e Teresa saíram pela porta, Carl Clark levantou a

mão. Ele nem esperou para ser autorizado, algo que eu geralmente insistia.

— Professora — ele disse rapidamente —, e se eu for junto? Andy pode precisar de alguma coisa.

Havia uma preocupação verdadeira nos olhos de Carl, e meu apreço e alívio devem ter transparecido. Silenciosamente assenti, dando-lhe minha permissão.

A turma toda assistiu os três partirem. O silêncio foi quebrado pelo sussurro de Else:

— Ele está bem doente, né, professora?

Engolindo o nó na garganta, só pude assentir. Eu até ignorei o “né”.

— Seus pais devem levá-lo ao médico novamente — comentou Mindy Blake.

— Eles não têm dinheiro — disse Lars, meu aluno de gramática, com frustração aparente em sua voz ao escolher as palavras.

— Então devemos ajudá-los — ofereceu a tímida Olga. Ela raramente falava nas aulas.

— Nós? Como? — responderam muitas vozes.

Olga encolheu-se, envergonhada. Sua companheira de carteira, Maudie Clark, colocou a mão protetora no seu braço e depois falou com ousadia:

— Não foi uma ideia idiota. É possível, vocês sabem. Poderíamos juntar nossas moedas, de centavo em centavo, e fazer coisas especiais em casa para que nossos pais nos dessem mais dinheiro. E então poderíamos juntar tudo isso...

— Mas centavos não pagam um médico — afirmou Mike Clark.

— Mas ajudariam. — Maudie não iria recuar. Decidi retomar o controle.

— Fico feliz que, na sua preocupação com Andy, você esteja disposta a fazer algo para ajudá-lo, e acho que é uma boa ideia – e viável. Tenho certeza de que encontraremos um meio. — Minhas palavras ficaram no ar por um momento. Parecia possível. Eu ainda não tinha certeza de como fazê-lo. — Eu quero que vocês pensem sobre isso hoje à noite – todos vocês. O que podemos fazer? Peçam ideias aos seus pais. E amanhã, quando chegarmos, discutiremos nossas ideias e veremos o que podemos fazer.

Todos os rostos diante de mim se iluminaram. Voltamos às lições, mas muitas vezes captei olhares pensativos e sussurros abafados; sabia que os pensamentos giravam em torno de Andy e de uma maneira possível de ajudá-lo a obter a assistência médica que precisava.

Eu ainda não havia resolvido o problema dos ratos; minha luta diariamente parecia cada vez mais impossível. Os ratos não estavam satisfeitos com a coexistência pacífica ou com o controle dos meus armários, tendo me obrigado a guardar minhas coisas em meus baús; eles queriam o resto da minha casa também. Toda vez que eu os limpava, minha raiva aumentava.

Na manhã de sexta-feira, ficou claro que eles desfrutaram de uma boa noite de diversão. Pela primeira vez, encontrei evidências de que estiveram comigo no meu quarto. Aquilo foi demais! Já de mau humor depois de ver onde eles estiveram, fui até a primeira gaveta da minha cômoda para pegar um lenço novo. Eu não tinha notado isso antes, mas a gaveta tinha ficado um pouco aberta por causa de uma luva que eu havia pegado. Meticulosa com o fechamento de gavetas, me perguntei como tinha deixado aquilo passar.

Coloquei a luva corretamente em sua seção da gaveta e peguei a caixa do lenço. Antes de tocar um deles, meus olhos me deram uma mensagem. Algo estava errado – muito errado, e então percebi o que tinha acontecido. Os ratos estiveram nos meus lenços! Com um grito, puxei-os para fora e os encarei. As lindas rendas e bordados foram reduzidos a fragmentos roídos. Meu lenço favorito, com a renda mais delicada que eu já vi, sofreu o pior. Estava além do reparo, e lágrimas de frustração surgiram em meus olhos e rolaram pelas minhas bochechas enquanto eu olhava para ele. Com raiva, devolvi a caixa para a gaveta, fechei-a e fui para a sala de aula. Dessa vez os ratos foram longe demais!

Depois da aula, planejava chamar o presidente do conselho escolar, Sr. Laverly, e insistir para que alguém, de alguma forma, eliminasse aqueles roedores desprezíveis. Eu me recusaria a viver na casa até que algo fosse feito.

Quando os alunos chegaram, consegui acalmar minha raiva. Começamos nosso dia saudando nossa bandeira e lendo alguns versículos das Escrituras. Percebi que quando a classe se sentou, não seria necessário ir diretamente para as aulas. Seus rostos empolgados me disseram que primeiro deveríamos discutir o que nós, como escola, poderíamos fazer para ajudar Andy.

Muitas sugestões foram apresentadas. Listei todas cuidadosamente no quadro. Escrevi em grandes letras, percebendo que Tim Mattoch tinha um problema nos olhos e mal conseguia vê-lo. Seus pais não tinham dinheiro para comprar óculos para ele, então Tim lutava, pressionando os olhos e se contorcendo, muitas vezes tendo que se

aproximar do quadro para que pudesse distinguir uma letra ou um número.

Recebi muitas sugestões boas. Decidi deixar os alunos discuti-las por alguns minutos antes de iniciarmos nossas aulas. Depois de bastante discussão, Mindy sugeriu que votássemos. Parecia razoável. Os alunos decidiram que teríamos uma Festa Beneficente em 25 de outubro na escola; todo o dinheiro arrecadado durante o evento iria ajudar Andy Pastachuck. Todos estavam felizes e empolgados, mas, uma vez decidido o assunto, eles concordaram em voltar para suas lições. Eu estava orgulhosa deles por sua preocupação e também estava ansiosa por ajudar Andy como podíamos.

No final do dia, pedi informações sobre como chegar à fazenda dos Laverlys. O local não era difícil de encontrar, mas exigia uma caminhada de cinco quilômetros. Destemida, coloquei o chapéu, abotoei o casaco e parti. Nos primeiros dois quilômetros, caminhei com as garotas Clark. Os meninos se apressaram à frente, pois tinham tarefas à sua espera. Além disso, eles não queriam ser vistos com um monte de garotas. As meninas Blake também haviam caminhado conosco o primeiro quilômetro.

Foi um dia agradável, e achei a pequena expedição deleitosa. Apenas algumas poças permaneciam na estrada devido às fortes chuvas recentes, e pudemos contorná-las facilmente.

Depois que deixei meus alunos, andei mais rápido. Senti falta da conversa deles, mas por outro lado fiquei feliz com a solidão depois de um dia agitado na escola. Por fim, a fazenda Laverly apareceu.

Os filhos de Laverly não tinham mais idade escolar, e eu pensei que era muito louvável que o Sr. Laverly tivesse trabalhado tanto para conseguir uma escola quando ninguém da família dele se beneficiaria diretamente.

A Sra. Laverly era uma mulher movimentada, enérgica e muito curiosa. Ela me fez perguntas, não apenas sobre o meu trabalho na sala de aula, mas também sobre minha família e origem. Ela insistiu que eu tomasse café com sanduíches. Depois de colocar a panela para ferver, foi para a varanda dos fundos e bateu com uma haste de metal em uma grande chapa de ferro. Eu me assustei com o som alto e áspero.

— É para chamar os homens — explicou ela. — Eles estão no campo, lá atrás.

Pedi desculpas por interromper o Sr. Laverly no seu trabalho. Eu nem considerei que ele pudesse estar ocupado, tão ansiosa estava por

me livrar de meus inquietos.

— Está certo. Está certo — ela me afirmou. — De todo jeito, eles viriam para comer. Além do mais, é hora de um deles começar a cantar.

A Sra. Laverly começou a trabalhar em um enorme prato de sanduíches do tamanho dos homens. Fatias grossas de pão caseiro, manteiga fresca generosamente espalhada – embora não com muito cuidado – e cobertas com grandes porções de queijo ou carne assada fria foram rapidamente montadas, enquanto sua língua se movia tão rápido quanto suas mãos. Não sei se poderia colocar sanduíches tão grandes na minha boca. Ofereci-me para ajudá-la, mas ela acenou com a faca que estava segurando para cortar a carne.

— Não precisa ajudar. Eu não estou acostumada com outra mulher por perto. Tive que fazer isso sozinha a vida toda. Só criei meninos, você sabe – cinco. Perdi um, mas ainda tenho quatro. Um deles é casado e mora perto de Edmonton. Os outros três moram aqui e ajudam na fazenda. Não sei o que o pai deles faria sem eles. O do meio tem uma namorada, e o mais novo está procurando. O mais velho não parece muito interessado. Suponho que eu terei que encontrar alguém para ele e arrastá-los para o pastor.

Ela divagou como se fosse uma frase contínua, quase sem pausa para respirar.

Os sanduíches foram colocados sobre a mesa, onde foram postas xícaras de café. Ouvimos os homens andando em direção à casa. Eles pararam na varanda dos fundos para jogar água no rosto e nos braços, brigaram um pouco sobre quem usaria a toalha grossa, espalmaram a poeira e entraram.

Ficou evidente, pela reação deles, que não esperavam me ver. Três homens crescidos, de repente ficaram tímidos. Um deles ficou vermelho como beterraba, enquanto outro mexia nervosamente no cabelo, na gola e nos suspensórios. O terceiro pareceu recuperar a compostura quase imediatamente e decidiu aproveitar ao máximo a situação, parecendo gostar do desconforto de seus irmãos. Era George, o do meio, o que tinha namorada. O de rosto vermelho era Bill, o caçula; o nervoso era o filho mais velho, Henry. Eu os reconheci, pois eram os três rapazes que ficaram perto da porta durante minha festa de boas-vindas.

Sentamos juntos à mesa, e os homens pegaram os sanduíches enormes sem dar uma pausa. Eu também consegui, apesar de as porções serem tudo, menos delicadas; eles estavam deliciosos, especialmente depois da minha longa caminhada.

O Sr. Laverly foi cordial e caloroso. Ele até conseguiu me fazer uma

pergunta ou outra entre as que a senhora Laverly jogava para mim. Os três filhos estavam, no início, ocupados demais com a comida para prestar atenção na conversa – ou assim eu pensei. Quando o jantar terminou, George já estava brincando e Bill estava olhando diretamente. Mas Henry ficou de olho no prato e na xícara, sem vontade – ou incapaz – de participar da conversa da mesa.

Esperei até depois da refeição – pois era uma refeição completa para os meus padrões – antes de pedir para conversar com o Sr. Laverly sobre o meu problema com os ratos. Ele era um homem tão legal que eu abordei o assunto com muita calma, certificando-me de não insinuar que os ratos estavam habitando a escola com sua permissão. Apressei-me a contar toda a minha história. Ele encheu o cachimbo e o acendeu, tragando algumas vezes, mas no tempo todo em que falei não fez nenhum comentário. Contei a ele sobre os ratos que estavam nos meus armários, entrando no meu quarto e tomando conta das minhas gavetas. No entanto, não contei a ele sobre meus lenços de renda. Eu tinha medo de que, se entrasse nesses detalhes, perderia a paciência, ou choraria – ou os dois.

Ele ouviu pacientemente, mas finalmente percebi que sentia que alguns ratos na casa não eram realmente nada para se preocupar tanto. Quando finalmente parei para respirar, ele removeu o cachimbo da boca.

— Vamos pegar algumas ratoeiras.

— Já tentei isso.

Ele pareceu surpreso.

— Bem, um gato pode...

— Tentei isso também — eu disse com frustração. Evitei explicar o motivo de não ter funcionado.

— Eu e os meninos vamos ver o que podemos encontrar. Devem estar entrando de algum lugar. Vamos levar um pouco de lata e pregar nos buracos.

Parecia bom, mas eu não estava completamente satisfeita.

— E os que já estão dentro? — perguntei.

— Nós cuidaremos deles.

Fiquei mais contente.

— Espero que você não se importe em mexermos em seus quartos. Vamos discutir isso na próxima semana.

Pensei no silencioso Henry, no provocador George e no paquerador Bill.

— Talvez seja melhor eu me mudar esta semana.

— Mudar-se? — Ele pareceu alarmado, como se eu fosse deixar de

ser a professora e ele nunca mais me visse.

— Para os Petersons. Anna já me disse que, se eu precisar de um quarto, ela me cederia um.

Ele pareceu aliviado.

— Boa ideia — ele disse e removeu o cachimbo. Ele sacudiu as cinzas no balde de carvão e colocou o cachimbo de volta na prateleira, como se quisesse indicar que o assunto estava encerrado.

Voltei à cozinha para agradecer à Sra. Laverly pelo jantar. Ela estava ocupada embrulhando uma porção da carne fria e um pote de pickles para eu levar para casa.

— Os meninos foram tirar a sorte — disse ela. Ao meu olhar interrogativo, explicou: — É tarde para você voltar caminhando. Um deles vai te levar. — Ela começou a rir. — Eles decidiram assim.

Eu me perguntava quem me levaria – se o vencedor ou o perdedor do sorteio. Peguei-me tentando decidir quem eu esperava que fosse.

O sortudo – ou azarado – foi Bill. Ele veio com um sorriso de orelha a orelha, anunciando que estaria pronto quando eu quisesse ir. Bill – aquele que estava “olhando”. Receio que tenha dado um sorriso amarelo, e o segui. Ele não se ofereceu para me ajudar, então eu me arremessei para cima da carroça, arrastando minhas saias e segurando meus pacotes de comida. Então partimos.

A parelha estava animada e Bill gostava de velocidade, o que não aumentava o conforto na carroça. Bill murmurou várias vezes sobre “ter que conversar com o pai sobre uma charrete mais leve”. Sacudindo, tentando me agarrar ao meu precário poleiro, tive certeza de que a parelha fadigada e todos os futuros passageiros de Bill aprovariam um veículo mais leve para uma viagem naquele ritmo.

Minha principal preocupação era me manter no assento da carroça. Eu tinha que segurar o saco de papel marrom com meu rosbife e pickles, enquanto com a outra mão me agarrava na beirada, até os nós dos dedos ficarem brancos. Quando chegamos à escola, meus ossos pareciam ter sido pisoteados. Desci lentamente, imaginando se minhas pernas ainda me sustentariam quando meus pés tocassem no chão.

Bill, sem se levantar do assento nem tirar o chapéu da cabeça, parecia bastante satisfeito consigo, como se tivesse feito a corrida em tempo recorde. Eu tinha certeza de que ele tinha. Ele sorriu para mim, e eu sabia que esperava que eu apreciasse seu feito.

— Obrigada por me trazer para casa — eu disse, trêmula. — Foi... foi muito gentil da sua parte.

O sorriso de Bill se iluminou.

— Da próxima vez, talvez eu tenha minha própria charrete. Então

não seremos atrasados por esta velha carroça.

Eu esperava que não houvesse “próxima vez”, mas não disse nada. Bill deu a volta e partiu quase a galope. Balancei minha cabeça, sacudi a poeira do meu rosto e me virei para entrar em minha casa.

Nessa noite, arrumaria as minhas coisas para me mudar para os Petersons e guardaria todo o resto, a salvo dos ratos. Partiria logo depois do jantar no dia seguinte, se isso desse certo para Anna.

“É melhor vocês se divertirem hoje à noite”, avisei aos pequenos intrusos. *“Pode ser a sua última chance.”*

Pelas evidências que encontrei na manhã seguinte, parece que se divertiram.

Capítulo 24

Napoleão

Minha semana nos Petersons passou rapidamente. Gostei da companhia de Anna e da conversa alegre das crianças. Até Olga me animou um pouco quando nós duas estávamos sozinhas.

Na sexta-feira, Bill Laverly parou na escola, sorrindo largamente, e garantiu-me que a casa estava agora à prova de ratos.

Decidi voltar no sábado de manhã para poder passar o dia esfregando, limpando e colocando as coisas de volta no armário.

Bill se ofereceu para me levar até os Petersons para pegar minhas coisas. Fui rápida em assegurar-lhe que havia levado muito pouco comigo e que não teria problemas em levá-las para casa. Agradei sua gentileza e voltei para a minha sala de aula.

A volta para casa não apresentou dificuldade. Olga e Else vieram comigo, insistindo em me ajudar a carregar meus pertences. Depois que elas saíram, vesti uma saia velha e uma camisa e comecei a trabalhar com água quente e sabão. Fiquei muito satisfeita em ver um brilho de limpeza nos armários colocados em seu devido lugar.

Eu estava cansada no final do dia, mas profundamente satisfeita com meus trabalhos. Era bom estar em casa e ter minha casinha só para mim.

A colheita dos campos estava quase concluída. Alguns dos agricultores já tinham terminado. Os meninos mais velhos agora voltaram para a sala de aula, tornando meus dias mais difíceis. Eles desejavam ser adultos e, no entanto, não possuíam as habilidades nem mesmo das crianças mais novas da sala. Meu coração doía por eles, mas eles testavam a minha paciência até o limite. Suas tentativas de flertar me irritavam, e às vezes eu tinha que reprimir um forte desejo de expressar meu descontentamento. Sabia que eles eram imaturos e inseguros, por isso tentava não envergonhá-los ou humilhá-los. Mas eu queria que eles não fossem tão tolos.

Estávamos todos ocupados no planejamento da Festa Beneficente que já estava chegando. As tarefas foram distribuídas para os alunos e eles estavam trabalhando duro para preparar o grande evento. Os pais apoiaram maravilhosamente. Quase diariamente, alguma nota de incentivo ou oferta era trazida à escola por um aluno. Fiquei satisfeita e agradecida pelo apoio da comunidade.

Em casa, estava convencida: não havia nenhuma evidência de ratos na minha cozinha. Os remendos de lata no meu armário e ao redor das paredes pareciam ter funcionado. Eu não sabia – nem perguntei – como os homens haviam tomado conta dos habitantes indesejados. Fiquei simplesmente feliz por eles terem sido removidos.

Na sexta à noite, eu estava cansada. Os meninos mais velhos estavam realmente se esforçando, e a semana havia sido cheia de muitas tarefas extras para a Festa Beneficente. Depois de lavar a louça do jantar, me retirei para minha cadeira (ela me parecia confortável agora!) com uma xícara de chá e um livro. Tirei os sapatos e coloquei os pés no banquinho. Como minha mãe suspiraria ao ver a filha sentada em uma posição tão desagradável, mas eu me sentia bem. Suspirei contente, tomei um chá quente e abri meu livro.

Um pequeno movimento perto do fogão chamou minha atenção. A breve sombra tomou vida – um minúsculo rato mostrou sua cabeça. Seus olhos negros e brilhantes procuravam qualquer perigo, e seu nariz tremia sensivelmente. Meu primeiro impulso de raiva foi pegar meu sapato e jogar nele, mas congelei onde estava. Aventurando-se um pouco mais, sentou-se e começou a se limpar, esfregando as minúsculas patas umedecidas sobre a cabeça, as costas e o peito. Ele parecia cômico. Também parecia pequeno, desamparado e faminto. Na verdade, eu nunca tinha visto um dos meus hóspedes – vivo, quero dizer. *Ele é muito fofo*, pensei, embora não houvesse muito o que elogiar quando estavam mortos.

Devo ter me mexido um pouco, pois ele voltou para o fogão e se perdeu nas sombras.

Ele apareceu mais algumas vezes naquela noite, e cada vez se esgueirava com cuidado. Gostaria de saber se isso era apenas uma tentativa de ocupar seus pensamentos e se esquecer de sua barriga vazia.

Antes de ir para a cama, espalhei algumas migalhas pela perna do fogão. Eu disse a mim mesma que estava fazendo isso para fornecer o que ele precisava, para que ele não tivesse que subir no meu armário procurando comida. De manhã, as migalhas se foram.

Nos próximos dias, todos muito ocupados, vi o pequeno rato em várias ocasiões. Dei-lhe o nome de Napoleão porque ele era muito pequeno, porém ousado. Toda noite eu colocava uma pequena quantidade de comida para ele, sempre argumentando que, se ele tivesse comida facilmente acessível, não bisbilhotaria nos meus armários.

Eu me vi cuidando dele. Napoleão era divertido, e eu até tive o

pensamento ridículo de não suportar mais a solidão de viver sem ele.

Durante a aula na sexta-feira, uma batida na porta da sala de aula chamou minha atenção. Pedi licença e fui atender. Bill Laverly esteve na cidade e pegou alguns artigos que eu havia pedido para a Festa Beneficente. Disse a ele para deixá-los na sala da minha casa, depois voltei para a minha aula, ansiosa para que o horário escolar terminasse, para que eu pudesse me ocupar com meus projetos.

Bill logo voltou à porta da sala de aula.

— Senhorita — ele disse —, tinha outro rato em sua casa. Não sei como não percebemos. — Ao ver meu rosto branco como giz, ele se apressou: — Está tudo bem, senhorita – eu já o matei.

Vendo que ele esperava pela minha gratidão, murmurei algo que acreditava fazer sentido e Bill saiu, com seu costumeiro sorriso.

Demorou alguns instantes até que eu pudesse voltar para a minha aula. Eu sabia que era o certo – que era o melhor – que era o que eu deveria esperar. Mas sinto falta de Napoleão. Ele era tão pequeno e inteligente – e muito fofo.

Capítulo 25

A Festa Beneficente

Quando o dia da Festa Beneficente chegou, meus alunos ficaram tão empolgados que mal conseguiam pensar em outra coisa. Eles passaram a manhã tentando terminar as aulas e dedicaram a tarde inteira a se prepararem para o grande evento.

Os meninos mais velhos amarraram um barbante do outro lado da sala, e as meninas prenderam cobertores e lençóis velhos nos fios, formando pequenas barracas. Dentro de cada barraca, uma brincadeira, concurso ou entretenimento foi criado por cada um dos alunos responsáveis. A excitação correu solta e foi difícil para mim controlar todos eles. Por fim, tínhamos feito todo o possível na preparação, e eles foram dispensados para ir para casa.

Dei uma volta na sala, verificando e reorganizando. Os alunos haviam feito um bom trabalho em seus projetos. A noite prometia ser muito divertida, além de ajudar os Pastachucks. Haveria um arremesso de argola, pescaria, colar o rabo do burro, uma câmera de imitação, boliche, tiro ao alvo e arremesso de saco de feijão. Cada brincadeira custaria um centavo.

Nossa principal fonte de renda seria nossa Cesta Social. Eu tinha passado duas noites decorando minha cesta e encomendado alimentos especiais na cidade para preparar o lanche para enchê-la. Cada mulher e menina mais velha teriam uma cesta decorada cheia de comida suficiente para duas pessoas – embora o conteúdo de algumas cestas pudesse alimentar muito mais.

Dickerson concordou em ser nosso leiloeiro. Os homens davam lances nas cestas, e o dono do lance mais alto dividia a comida com a mulher que a havia preparado. Eu me perguntava quem seria meu parceiro para a refeição da noite. Era inofensivo o suficiente sentar em uma sala cheia de pessoas comendo juntas. Eu não estava preocupada com a noite – apenas curiosa.

— Mamãe mostrou a cesta para o meu pai — declarou Mindy Blake.

— Ela não deveria — disse Maudie Clark.

— Bem, ela mostrou — disse Mindy, bufando. — Ela tinha que dar dinheiro para todos nós, crianças, e não ficaria feliz se outro homem comesse aquilo tudo.

— A única coisa que te preocupa, Mindy, é a comida — acusou Carl Clark.

— Rapaz, eu tinha era que pegar aquela cesta! — cortou Tim Mattoch, e todos riram. Tim estava bem acima do peso e todos os alunos sabiam que ele adorava comer.

— Ele vai conseguir a maior cesta lá — disse Mike Clark.

— É melhor não — interrompeu Else —, porque a maior será a da minha mãe. Ela também vai levar cestas para todos nós, as crianças, e colocou tudo em uma cesta deste tamanho! — Ela indicou o tamanho da cesta e imediatamente levou a mão à boca, percebendo que havia contado um segredo.

Enquanto preparava meu lanche, fiquei feliz por não precisar preparar um para toda a família; mas eu também sabia que alguns daqueles homens solteiros que trabalhavam muito em nossa comunidade comiam bem. Não seria bom subestimá-los.

As charretes, carroças e cavalos começaram a chegar pouco antes das oito horas. Eu já estava na escola e tinha uma panela grande esquentando água para fazer o café. O café da noite seria de graça, bem como o leite para as crianças. As outras coisas seriam pagas e o dinheiro iria para o Fundo Beneficente dos Pastachuck.

A escola começou a se encher de crianças empolgadas e adultos tagarelas. A participação foi boa e a pequena sala de aula ficaria lotada. Alguns homens abriram as janelas. Quão bom era ver essas pessoas cuidando de uma família da comunidade e fazendo algo sobre a necessidade deles. *Abençoe nosso esforço, Senhor*, orei silenciosamente.

Preparei-me cuidadosamente para a noite, escolhendo um dos meus vestidos favoritos. Eu sabia que estava muito bem vestida para uma ocasião informal, mas de certa forma pensei que as pessoas esperariam isso de mim. Arrumei meu cabelo com cachos meticulosos, que amontoei principalmente no topo da minha cabeça, deixando cuidadosamente um ou outro cacho caído de lado. Minha aparência não passou despercebida pelo grupo de companheiros solteiros perto da porta, que olhavam, gargalhavam e batiam nas costas um do outro.

Os Delaneys chegaram. O Sr. Delaney encontrou uma cadeira para a sua mãe e levou os casacos de suas mulheres para empilhar sobre uma mesa de canto; rapidamente ficamos sem cabides. A Sra. Delaney, mais jovem, estendeu a mão para os cabelos e alisou a saia já lisa. Ela estava de costas para mim, então não pude ver seu rosto. Eu queria e não queria olhar para ela — ambos ao mesmo tempo. Ela ficou conversando com sua vizinha, uma jovem esbelta e de cabelos escuros, vestida de maneira atraente. Eu me vi observando que o vestido dela não era tão bonito quanto o meu e imediatamente me repreendi por minha maldade.

Quando o Sr. Delaney garantiu que as mulheres estivessem acomodadas, ele foi conversar com alguns dos homens da comunidade. A multidão ao redor da Sra. Delaney diminuiu um pouco e ela tomou uma cadeira. Eu a vi perfeitamente então. Olhos escuros brilhavam sob longos cílios negros. Ela tinha um nariz reto e pequeno. Suas bochechas estavam vermelhas de empolgação e seus lábios rosados se abriram levemente enquanto ela sorria para aqueles que cumprimentava. Ela era mais do que atraente.

Voltei aos meus deveres, mas mal tinha organizado meus pensamentos quando senti um puxão na minha mão.

— Srta. Thatcher, minha mãe quer conhecê-la. — Era Phillip.

Por um momento, o pânico quase tomou conta de mim, mas eu sabia que estava sendo tola. Seria inevitável conhecer essa mulher, e poderia muito bem ser agora. Preparei meu melhor sorriso e deixei Phillip me guiar em sua direção.

Quando nos aproximamos, seus olhos se iluminaram e ela se levantou.

— Srta. Thatcher — disse ela calorosamente, estendendo a mão. — Estou tão feliz em conhecê-la finalmente. Eu sou Lydia Delaney. Já ouvi muitas coisas boas a seu respeito.

Ela era tão sincera, tão aberta e amigável, que eu respondi imediatamente.

— Obrigada — eu disse. — É um prazer conhecer a mãe de Phillip.
— Estava sendo sincera. Ela me olhou apreciativamente.

— Não admira que Phillip queira ficar depois das aulas.

Eu sorri. Phillip ainda segurava minha mão e sorriu para mim. Coloquei meu braço em volta de seus ombros e dei-lhe um aperto. Tenho certeza de que ela pôde ver como eu me sentia em relação a Phillip. Falei então com a Sra. Delaney mais velha; ela me cumprimentou.

— Sinto muito — disse Lydia — por ainda não tê-la convidado, mas as coisas estão conturbadas em nossa casa. Passamos a maioria dos fins de semana em Calgary e, bem, esperamos que as coisas mudem em breve para que possamos voltar à vida normal.

Chamada por um dos meus alunos, tive que pedir licença. Afastei-me com a sensação do calor dos olhos castanhos de Lydia Delaney sobre mim.

A noite progrediu bem. Fiquei ocupada circulando entre os alunos e ajudando-os da maneira que pude com suas barracas. De vez em quando, sussurravam quantos centavos haviam arrecadado em determinada brincadeira. Os alunos estavam empolgados com suas

realizações.

As atividades nas barracas começaram a diminuir à medida que as pessoas começaram a pensar nas cestas. Abrimos mais espaço para cadeiras e bancos, deixando de lado as brincadeiras e retirando algumas das divisórias amarradas com fios. Então o Sr. Dickerson tomou seu lugar à frente.

Anna Peterson e a Sra. Blake não foram as únicas mulheres a fazerem cestas para bocas extras. Muitas cestas eram enormes. Quando o leilão começou, ficou evidente que a Sra. Blake não era a única mulher que havia informado ao esposo o que procurar. Sem exceção, marido e esposa se reuniram e espalharam suas guloseimas para si e para os filhos.

Assisti com interesse e diversão quando o Sr. Delaney levou Phillip no leilão da cesta de sua mãe. Phillip sentiu-se muito adulto ao gritar sua oferta e, quando finalmente teve sucesso em sua compra, Delaney contou o dinheiro para ele mesmo pagar ao leiloeiro.

As meninas mais velhas tinham suas próprias cestas, e os meninos mais velhos, com moedas de dez e vinte e cinco centavos, rostos vermelhos e muita provocação, alinhavam-se para dar seus lances.

Minha cesta foi a última a ser leiloada. Repreendi-me por minhas bochechas coradas e desejei de todo o meu coração que eu tivesse implorado para não participar. Aparentemente, era de conhecimento geral de quem era a cesta sendo leiloada, pois os jovens entraram e o leilão iniciou vigorosamente. A cada lance, meu rosto ruborescia mais. Procurava manter meus olhos distantes e fingia estar muito ocupada servindo café. As provocações e brincadeiras não me escaparam; mas levei alguns instantes até perceber que o Sr. Delaney estava entre os licitantes. Isso me perturbou, de modo que não consegui parar de tremer a mão enquanto servia o café.

Por que ele faria isso? Por quê? Ali estavam sua esposa e sua mãe – bem diante de seus olhos, e aqui estava ele... Engasguei, sentindo-me humilhada diante de todos. Um novo pensamento me ocorreu: *Talvez sua mãe tivesse preparado uma cesta e ele supunha que fosse aquela.* Olhei ao redor da sala e pude ver que não era o caso, pois estavam as duas Sras. Delaney e Phillip conversando com os Blakes enquanto comiam. Lydia Delaney conversava alegremente com a Sra. Blake, parando ocasionalmente para sorrir das palhaçadas dos licitantes.

Como ela consegue? Perguntei-me. *Como? Ela deve estar morrendo de humilhação. Como suporta isso com tanta calma? Será que está acostumada com esse comportamento? Não a incomoda ser humilhada publicamente pelo marido?*

Ela parecia imperturbável com tudo aquilo. De fato, alguém poderia

achar que ela estava se divertindo. Foi apenas um encobrimento? Minha raiva fervia ainda mais a cada lance do Sr. Delaney.

Houve muitas risadas, comentários, gritos e disputas enquanto os lances subiam. Finalmente, apenas Bill Laverly e Delaney sobraram como licitantes. Jamais me imaginei defendendo o sorridente Bill Laverly, mas agora estava esperando com todo o meu coração que ele superasse o outro homem. A pedido do Sr. Delaney, Bill caiu de joelhos e começou a esvaziar todos os bolsos, espalhando suas notas e moedas, até oferecendo ao leiloeiro fumo e um canivete. Houve muita batida no joelho, piadas e palmas pela multidão que se divertia. Era óbvio que Bill não poderia cobrir os lances. Ele implorou a alguns de seus amigos por um empréstimo, e o leilão continuou. Mas foi o Sr. Delaney quem finalmente levou a cesta enquanto pagava ao leiloeiro.

Fiquei furiosa, não apenas por mim – mas também por ela.

Sabia que era esperado que eu abrisse mão de cuidar do café e fosse comer com o homem que havia comprado minha cesta, mas eu não podia – e não o faria.

Virei-me e disse em voz alta, embora um pouco trêmula, esperando que o sorriso que eu estava tentando produzir realmente aparecesse no meu rosto:

— Sr. Delaney acaba de comprar uma pechincha maior do que imagina. Como meus deveres vão me manter ocupada, ele também poderá comer sozinho.

Risos seguiram o meu anúncio, juntamente com vaias dos jovens que perderam no leilão. Voltei-me para a cafeteira, não ousando olhar para o Sr. Delaney novamente. *E eu espero que ele se engasgue*, pensei com raiva. Três mulheres se ofereceram para assumir o meu trabalho, para que eu pudesse me sentar e desfrutar da minha cesta. Afastei todas elas com firmeza e continuei a servir com cortesia. Mais tarde, notei o Sr. Delaney compartilhando do seu almoço em uma conversa bem-humorada com Andy Pastachuck.

Quando a noite chegou ao fim, o dinheiro foi recolhido e contado. Colocamos tudo em uma grande lata e o Sr. Laverly, nosso presidente do conselho escolar, a apresentou aos Pastachucks. Eles o receberam com um inglês mal falado e olhos cheios de lágrimas. Eles planejavam partir em breve para Calgary para ver um médico, e mandariam notícias assim que tivessem um resultado. Teresa ficaria com os Blakes durante a ausência deles, e os Thebeaus se ofereceram para cuidar de sua fazenda.

Não parecia muito apropriado simplesmente entregar o dinheiro para eles e mandá-los embora, então, hesitante, dei um passo à frente. Primeiro, agradei a todos que vieram e participaram de todo o

coração. O total arrecadado, incluindo doações de vizinhos, chegou a US\$195,64. A alegria aumentou quando a quantia foi anunciada.

— Todos nós aprendemos a amar Andy — continuei. — Nossos pensamentos e orações estarão com ele e seus pais, e como símbolo de nossas orações e preocupações, gostaria de pedir ao Sr. Dickerson, nosso leiloeiro da noite, que nos conduza em oração em favor de Andy.

Um silêncio recaiu sobre a sala. Olhos cheios de lágrimas, cabeças inclinadas e mãos calejadas tiravam seus chapéus.

O Sr. Dickerson foi até o centro da sala e pigarreou. Sua oração simples e sincera foi seguida por muitos sussurrados “*améns*”.

Nossa noite juntos terminou. As pessoas se aglomeravam ao meu redor, apertavam minha mão e diziam palavras gentis, agradecendo pelos meus esforços para o sucesso da noite. Sentia-me muito à vontade com essas pessoas gentis e calorosas.

Os Pastachucks foram os últimos a partir. O Sr. Pastachuck estendeu sua mão e apertou a minha com firmeza. Sua esposa só sorria entre as lágrimas, incapaz de falar. Mas Andy olhou para mim com seus olhos brilhantes, como se para anunciar meu triunfo pessoal.

— Foi divertido — ele falou com seu entusiasmo. — Você foi bem, professora, você foi muito bem!

Abaixei-me e puxei-o para perto, segurando-o por um longo tempo; seus pequenos braços finos estavam bem presos ao meu pescoço. Quando o soltei, estava chorando. Andy estendeu a mão e, sem dizer uma palavra, limpou as lágrimas em minha bochecha. Então virou-se e saiu rumo à noite.

Capítulo 26

Andy

No meio da semana, a notícia chegou de Calgary. Como temíamos, a condição de Andy era grave. A lesão havia aumentado. Um tumor havia se formado, causando pressão no cérebro. O médico suspeitava que os fragmentos ósseos foram os responsáveis e decidiu que uma cirurgia seria imprescindível o mais rápido possível.

Toda a turma escreveu cartas para Andy e enviaram com a Sra. Blake e Teresa para o hospital. O resultado da cirurgia pendente era suficientemente duvidoso para que Teresa fosse levada à Calgary para ver seu irmão antes da cirurgia.

Também escrevi uma carta. Era curta e simples, para que Andy não tivesse problemas para entender quando a lessem para ele. Eu disse que estávamos todos muito ocupados na escola; que pensamos nele e oramos por ele diariamente em nossa oração de abertura; que sentíamos sua falta e ficaríamos muito felizes quando ele estivesse bem e pudesse se reunir a nós.

Mas Andy não voltou. Ele morreu durante a cirurgia no hospital de Calgary. Fomos informados que até mesmo as enfermeiras que o atenderam choraram quando o menino perdeu sua batalha pela vida.

Era uma tarde de quarta-feira quando nos reunimos na escola para o funeral do pequeno Andy. O Sr. Dickerson leu as Escrituras e um pastor visitante fez os últimos ritos. Depois, partimos para o pequeno cemitério na colina.

Muitos dos meus alunos choravam quando saímos da sala na escola. Else Peterson e Mindy Blake agarraram-se às minhas mãos. Meus olhos transbordavam, mas consegui impedir que os soluços me sacudissem.

Percorremos a curta distância até o cemitério, uma pequena procissão seguia o caixão de pinheiros à sua frente, levantando pequenos redemoinhos de poeira. O dia estava claro, o sol de outono brilhava em um céu tranquilo. Algumas nuvens deslizavam através do azul. As folhas ainda agarradas às árvores estavam completamente vestidas, mas muitas outras estavam espalhadas pelo chão, farfalhando a cada agitação da brisa.

Else quebrou o nosso silêncio:

— Andy teria gostado deste dia... — ela sussurrou, olhando para a luminosidade; e sabia que ela estava certa. Eu podia imaginar o menino gentil com seus olhos brilhantes aplaudindo este dia.

— Você foi bem — ele exclamaria para a linda manhã. — Você foi muito bem.

Eu então chorei, soluços sacudiam todo meu corpo. Lembrei-me da última vez que chorei e de como o garotinho em meu abraço se levantou desajeitadamente, com ternura, para enxugar minhas lágrimas. “*Você foi bem, professora*”, ele sussurrou. E agora aquele garotinho havia partido – tão jovem para seguir sozinho. Mas então lembrei que ele não havia partido sozinho – nem um passo sequer, pois assim que as mãos amorosas o soltaram aqui, outra Mão se estendeu para segurá-lo com cuidado.

Tentei visualizá-lo entrando na Nova Terra, com a empolgação e a ansiedade brilhando em seu rosto, gritando estridentemente. Não haveria dor torcendo seu rosto agora, não haveria necessidade de segurar sua cabeça, balançando-a para frente e para trás. Alegria e felicidade o cercariam. Eu quase podia ouvir suas palavras enquanto ele olhava as glórias do céu e aplaudia ao Pai com alegria: “*Você foi bem, Deus; Você foi muito bem!*”

Capítulo 27

Férias Escolares

Decidimos fechar a escola pelo resto da semana. Todos os alunos foram profundamente comovidos pela perda de Andy, e o Sr. Laverly achou que seria bom para nós tirar alguns dias de descanso. Eu concordei. De repente, me senti muito cansada. Eu iria visitar Jon e sua família.

Naquela tarde, arrumei algumas coisas em uma pequena mala e pedi uma carona para a cidade. O Sr. Mattoch, que tinha uma pequena charrete com assentos de mola, foi meu motorista. A viagem foi muito mais confortável e levou muito menos tempo do que as viagens de carroças anteriores.

O trem não partiria para Calgary até a manhã seguinte, então peguei um quarto no hotel, onde passei uma noite triste e solitária. Na manhã seguinte, passei algum tempo fazendo compras até o trem chegar. Não vi nada que me atraísse, mas talvez fosse o meu humor, e não a falta de mercadoria.

Finalmente embarquei para Calgary; mas o trem não parecia tão ansioso para chegar quanto eu. A primeira coisa que fiz ao chegar foi telefonar para a casa de Jon. Mary atendeu, e sua excitação ao ouvir minha voz foi uma longa saudação. Jon chegou à estação para me buscar antes que eu estivesse pronta. Ele acabara de comprar um novo Buick e estava ansioso para exibi-lo. Ainda não havia muitos automóveis nas ruas de Calgary, e quem tinha os novos meios de transporte parecia considerar um desafio diário tentar superar os outros, tanto em modelo quanto em velocidade.

Quando paramos em frente à casa de Jon, toda a família estava esperando para me receber. Até o pequeno William deu um grande abraço na tia. Tive medo de me agarrar às crianças por mais tempo do que deveria, a lembrança de Andy ainda estava muito recente em minha mente e coração.

Não se podia ficar triste por muito tempo na casa de Jonathan. Os gritos emocionados das crianças me davam pouco tempo para pensar na perda de Andy. Eles prontamente me mostraram tudo o que haviam realizado ou ganhado desde que eu havia partido. William me mostrou seu novo arco e flecha, e Sarah leu para mim sua primeira cartilha; mas Kathleen nem sequer saía do meu lado por tempo suficiente para fazer um novo vestido para sua boneca.

Todos compartilharam comigo o desenvolvimento de Elizabeth e

suas últimas proezas. Ela sorria, arrulhava, e uma vez ela até soltou uma pequena gargalhada. Aquele pedacinho de gente me reconquistou imediatamente e me permitiu abraçá-la.

Não precisava voltar à Pine Springs até o dia seguinte. O trem seguia para o Norte nas segundas, quartas e sextas; e para o Sul às terças, quintas e sábados; portanto, os dias que o Sr. Laverly reservou para esse recesso escolar foram planejados pensando nisso. O longo fim de semana diante de mim parecia bastante adequado para minha visita, mas eu sabia que os dias passariam muito rapidamente.

No sábado, Kathleen veio saltitante ao meu quarto antes de eu abrir meus olhos.

— Dee está vindo! Dee está vindo! — Ela chorou de alegria.

Eu sorri sonolenta para ela, pensando: *Quem é Dee?* Lembrei-me de sua declaração há muito tempo de “Quando eu crescer, vou me casar com Dee”. Eu bocejei e rolei para olhá-la. Meus pensamentos mudaram então para: *“Devo conhecer o maravilhoso Dee de Kathleen, o solteiro de trinta anos que é querido – e determinado a permanecer solteiro”*.

Ele parecia inofensivo o suficiente para mim.

— Quando Dee vem? — eu perguntei, enquanto Kathleen rodopiava no meu quarto.

— Hoje à noite, para jantar. Você já o conheceu?

— Não, ainda não — respondi casualmente.

— Você sabia que vou me casar com ele quando crescer? — ela perguntou, nem um pouco desanimada com a minha indiferença.

— Eu me lembro, você me contou — respondi.

Ela logo se foi novamente, para compartilhar suas boas novas com sua irmãzinha – que ficaria ainda menos impressionada do que eu.

À medida que o dia passava, a expectativa pelo jantar aumentava. Era óbvio que toda a família tinha Dee em alta conta e estava muito satisfeita com sua visita.

Eu me vesti caprichosamente para o jantar naquela noite, não por causa do desconhecido Dee, mas simplesmente porque me senti bem em tomar um banho quente e depois gastar um pouco mais de tempo e esforço do que geralmente fazia. Parecia ter passado tanto tempo desde a nossa festa beneficente, e eu tinha motivos para me vestir.

Kathleen apareceu para dar sugestões e me convenceu a usar o vestido de veludo verde. Ainda estava pendurado no armário do quarto de hóspedes, uma decisão de última hora quando fui para Pine Springs. *“Eu nunca vou precisar de algo refinado assim em uma escola do interior”*, declarei impulsivamente. *“Mary, você se importa se eu deixá-lo*

pendurado aqui?”. Mary concordara, então eu o desembrulhei de seus lenços e o deixei pendurado no quarto de hóspedes. Agora seu brilho e luminosidade chamaram a atenção de Kathleen. Eu cedi à súplica dela. Ela me ajudou com meus botões, e eu amarrei sua fita de cabelo para que pudéssemos dizer que havíamos nos ajudado a nos arrumar para o jantar.

Ela saiu enquanto eu dava os retoques finais no meu cabelo, mas logo voltou.

— Dee está aqui! — ela exclamou animadamente. — Rápido, rápido!

— Estou indo, querida. — Eu ri. Ela pegou minha mão, ansiosa para me arrastar ao encontro de seu amigo. Eu esperava que ele não fosse outro Sr. Higgins, mas rapidamente descartei essa ideia. Dei a Kathleen crédito por um julgamento melhor que o meu.

— Nanna também está aqui — ela me informou enquanto me guiava pelo corredor e descia as escadas.

— Nanna?

— Sim, Nanna. Vovó da mamãe. Nanna Smith.

— Oh — eu disse, surpresa. — Eu não sabia que Nanna viria.

— Mamãe também não sabia. — Kathleen riu. — Mamãe nunca sabe. Nanna vem, ela gosta de surpresas.

— Oh, entendo, como sua tia Beth fez, eu acho. Ela apenas aparece. — Kathleen riu alegremente com isso.

— Você não podia nos contar — disse ela, tendo ouvido a explicação que dei a Mary —, mas Nanna podia. Ela mora perto do rio. Ela poderia ter telefonado ou algo assim – mas não. Ela apenas vem. Ela gosta de surpresas. Nós também gostamos. É divertido.

Alguns minutos depois, eu estava sendo apresentada à Nanna, uma mulher mais velha com um brilho nos olhos. Eu poderia facilmente imaginar que ela realmente gostava de surpresas. Eu sempre gostei de surpresas – até que chegou nos minutos seguintes.

Kathleen me deixou com Nanna e correu ao encontro de Dee para que eu pudesse ter o prazer de conhecê-lo. Fiquei conversando, de costas para a porta, até Kathleen gritar alegremente:

— Esse é Dee, tia Beth.

Virei-me lentamente e dei de cara com o Sr. Wynn Delaney.

Devo ter empalidecido.

Perdi a voz. Só conseguia olhar. Minha mente procurava uma resposta; como poderia ter ocorrido essa terrível confusão? Por um momento, pensei ter visto preocupação nos olhos dele, e me perguntei se ele temia que eu pudesse divulgar algo que ele preferiria ter

deixado em segredo.

A cor parecia estar voltando para o meu rosto – temi que fosse em excesso; mas senti que podia voltar a me mexer.

Vi o Sr. Delaney dar um passo e colocar um braço em volta do ombro de Kathleen. A preocupação deixou seus olhos, e um sorriso provocador o substituiu.

— Sua tia Beth e eu já nos conhecemos, Moppet.

Fiquei confusa.

— Você é...?

— Dee — ele completou. — Era como William pronunciava “Delaney” aos dois anos! Todas as crianças me chamam assim.

— Entendo...

Eu realmente não entendia. As peças desse estranho quebra-cabeça não se encaixavam. Algo estava errado.

— Sr. De-Delaney — gaguejei sabendo, enquanto falava, que o que estava perguntando era realmente tolo —, você tem um irmão gêmeo?

Ele pareceu rir, e então percebeu que minha pergunta tinha sido honesta. Ele balançou a cabeça e depois olhou para mim com uma nova preocupação. Meus olhos perplexos e rosto vermelho devem ter lhe sugerido que havia algo comigo, pois ele gentilmente pegou meu braço e me levou a uma cadeira próxima.

— Você está bem? — perguntou em voz baixa. Assegurei-lhe trêmula que estava bem.

Foi puramente sua cortesia que o levou a virar-se para falar com Nanna, a quem ele parecia conhecer muito bem.

Sentei-me entorpecida, ouvindo o zumbido de vozes ao meu redor. O Sr. Delaney e Nanna conversavam como velhos amigos. De repente, Kathleen, que achava estar muito tempo fora da conversa, anunciou:

— Você sabia que vou me casar com Dee, Nanna?

A conversa parou. Dee pegou Kathleen e a sentou ao lado dele no sofá onde estava sentado.

— O que é isso, Moppet?

— Eu vou me casar com você — disse ela, apontando um dedo para o peito largo dele. — Eu vou me casar com você quando crescer. Certo?

— Acho que não — ele falou muito devagar, com cuidado. — Veja bem, só porque uma pessoa gosta muito da outra, nem sempre significa que eles vão se casar. Elas ainda podem ser muito especiais umas para as outras – as melhores amigas do mundo inteiro – e não se casarem. — O rosto de Kathleen começou a ficar triste. Delaney

apressou-se: — Você ama muito o seu pai – mas não precisa se casar com ele para compartilhar esse amor, não é?

Kathleen balançou a cabeça lentamente.

— E você ama sua mãe, Nanna, Baby Elizabeth e sua tia Beth, e seu ursinho Teddy[9] – mas você também não vai se casar com eles, vai?

Os olhos de Kathleen brilharam com a piscadela de Delaney, vendo que ele estava se divertindo.

Ele continuou:

— Bem, com a gente é a mesma coisa. Somos muito especiais um para o outro, mas não precisamos nos casar para permanecermos especiais.

Kathleen assentiu. Dee foi bastante convincente.

Mary a chamou e Kathleen saltou do sofá, seus olhos recentemente perturbados agora brilhando novamente, e saiu correndo da sala.

— Você poderia tê-la iludido um pouco — repreendeu Nanna.

— Por quê?

— Bem, você poderia ter dito: “Um dia, com certeza, um dia”.

— Mas não haverá “um dia”.

— Sim, nós sabemos disso – e Kathleen também saberia, à medida que crescesse.

— Mas, se ela não soubesse?

— Ela é apenas uma criança.

— Uma criança que vai crescer. No entanto, ela ainda será uma criança por muitos anos. O que aconteceria, Nanna, se eu encontrasse outra pessoa para casar antes que ela descobrisse a verdade?

— Você... casar? — Nanna riu.

O Sr. Delaney sorriu lentamente, como se estivesse gostando de sua própria piada.

— Ou, e se ela não descobrisse a verdade por conta própria e se tornasse mulher esperando esse velho se casar com ela?

Nanna deu de ombros e disse provocativamente:

— Talvez chegue o dia em que você ficará feliz em aceitar a proposta dela.

Delaney ficou sério.

— Se alguém merece a verdade, Nanna — ele disse —, é uma criança. Elas podem aceitar até mesmo algo ofensivo, se forem tratadas com honestidade e amor. Espero nunca ser culpado de contar uma mentira a uma criança que confiou em mim.

Suas palavras me atingiram e me deixaram com raiva. Como ele

poderia dizer essas coisas? Logo ele, que estava vivendo uma mentira horrível. Pedi licença e fui para o meu quarto. Achei que ia ficar enjoada.

Mary me alcançou alguns minutos depois.

— Dee ficou preocupado com você, Beth. Há algo errado?

Tudo está errado, eu queria gritar – *tudo*. Em vez disso, disse:

— Mary, você não me disse que Wynn Delaney – Dee – quem quer que seja, é solteiro?

— Sim.

— E você não disse que ele – ele queria continuar assim?

Ela assentiu.

— Bem, talvez — eu disse, empalidecendo de novo —, talvez a razão pela qual ele não tenha tomado uma esposa em Calgary é que ele já tem uma.

— Wynn? — Mary usou seu nome próprio.

— Sim, Wynn.

— Isso é impossível. Conhecemos Wynn...

— Bem, aparentemente você não o conhece muito bem.

— Elizabeth, nós sabemos...

— Ele tem uma esposa e um filho. Eu os conheci.

— Você o que?

— O filho dele, Phillip, é meu aluno.

— Phillip?

— Sim, Phillip, e eu...

— Elizabeth, Phillip é filho de Lydia e Phillip.

— De quem?

— Lydia e –

— Ela é divorciada?

— Lydia? — A voz de Mary era incrédula.

— Ela mora com Wynn — insisti.

— Wynn é o irmão mais velho de Phillip.

— E onde está esse outro Phillip?

— Aqui – no hospital. É por isso que Wynn está em Calgary com tanta frequência. Lydia e Phillip Jr. também estão aqui agora, ficando com os pais.

Meus joelhos estavam fracos. Procurei a cama atrás de mim e me sentei.

— Beth, você está bem? — Mary perguntou ansiosamente.

Sinceramente, não sabia. Minha cabeça estava girando e meu estômago estava com um nó. Depois de um longo silêncio, sussurrei:

— Mary, você tem certeza?

— Tenho certeza, muita certeza.

As peças do quebra-cabeça maluco começaram a se encaixar. Lydia – sua simpatia – sua afirmação de que “ele ficou tão chateado” – sua capacidade de rir e apreciar o espetáculo da batalha pela minha caixa social.

— Oh, Mary — eu gemi, mas não pude dizer mais nada. Enterrei meu rosto nas mãos e pensei nos momentos em que fui rude – indesculpável, agora estava descobrindo – com Wynn Delaney. Como eu poderia fazê-lo entender? Como eu poderia acertar as coisas?

— Eles têm boas notícias — continuou Mary brilhantemente. — Phillip pode ir para casa na segunda-feira. Conversei com Lydia hoje e ela está muito emocionada.

— Tenho – tenho certeza – tenho certeza que ela está — gaguejei.

— Tenho que ir, Beth. Tem certeza de que está bem?

Consegui dar um sorriso fraco.

— Claro, eu estou bem, muito bem. Apenas me dê um ou dois minutos e eu vou descer. Eu acho que isso tudo foi muita surpresa. Não se preocupe. Estou bem.

Mary foi embora e tentei me recompor. Meu coração batia tão forte que quase podia ouvi-lo.

Wynn Delaney não era um homem casado. Ele não era o marido de Lydia. Ele não era o marido de ninguém. E tantas vezes, ao fazer um pequeno gesto de bondade, eu o rejeitei com frieza. Como eu explicaria minha tolice? O que ele deve pensar de mim? Agora eu *sabia* que ficaria enjoada.

Capítulo 28

Dee

Voltei para o jantar. Eu ainda devia estar pálida e senti que meu sorriso parecia um pouco fraco; mas no meio da conversa e risadas ao redor da mesa, esperava que não notassem. Fiquei quieta durante a refeição, e mesmo sem conversar muito, respondi quando falaram comigo.

Kathleen havia pedido para sentar entre Dee e tia Beth e, nessa ocasião, sua mãe não viu mal em fazer graça; afinal, ela acabara de ser “abandonada” pelo homem com quem planejava se casar. Dee se preocupou com ela e se esforçou para mostrar que ainda se importava, mesmo que o casamento estivesse “cancelado”. Kathleen não agiu como uma abandonada e esquecida. Sua pequena língua continuava matraqueando, dizendo a Dee sobre sua nova boneca – *“te mostro, logo após o jantar, seu novo vestido verde – quase da cor do vestido da tia Beth”*; o que ela fez enquanto Sarah estava na escola, que ajudou mamãe; e quanto a bebê Elizabeth gostava dela.

Ocasionalmente, Kathleen dizia: *“Não é verdade, tia Beth?”*. E eu era obrigada a entrar na conversa deles.

Fiquei feliz com o arranjo de assentos. Pelo menos não tive que me sentar ao lado de Wynn Delaney – o Dee de Kathleen –, onde teria que encará-lo de vez em quando durante a refeição. Aqueles olhos sensíveis poderiam olhar através de mim e ver minhas emoções abatidas.

Quando Jonathan decidiu que já havia conversas infantis suficientes, ele tirou as crianças da mesa e as mandou aos seus quartos para brincar um pouco antes de dormir.

Os adultos então tiveram uma conversa mais calma, apreciando uma segunda xícara de café. Eu preferia o barulho das crianças, pois, sem a atenção delas, repentinamente se concentraram desconfortavelmente em mim. Jon e Mary me perguntaram sobre minha escola, meus alunos, meus vizinhos e minha pequena casa. Por amar tanto a todos, imagino que o afeto tenha transparecido em meus olhos e voz, apesar das minhas emoções.

— Elizabeth deve estar muito cansada — interrompeu Wynn depois de um tempo, e eu olhei para ele, surpresa. Por um lado, eu nunca o ouvi me chamar de “Elizabeth” antes. — Ela está trabalhando duro com seus alunos e ainda assumiu a carga extra de organizar um serviço social para arrecadar dinheiro para uma família local

necessitada.

Eu já havia contado a Jon e Mary a respeito de Andy, e os olhos de todos à mesa se sensibilizaram com nosso esforço na arrecadação de fundos.

Engoli a seco. Descobri que meu coração ainda doía ao mencionar o pequeno companheiro.

— O esforço não foi suficiente — corri para explicar. — Se as coisas tivessem saído diferentes...

Wynn assentou-se na cadeira vazia que nos separava e apertou minha mão com simpatia. Chocada, olhei para cima rapidamente, para ver a expressão nos olhos ao redor da mesa. Mas ninguém pareceu surpreso. Eu presumi que eles entenderam seu gesto melhor do que eu — e eles também o conheciam melhor que eu. Mary rapidamente se encarregou da situação. Acho que ela estava com um pouco de medo de que falar de Andy me fizesse chorar de novo.

— Eu tenho quatro filhos para cuidar — ela anunciou com um sorriso. — Jon, querido, por que você não leva nossos convidados para um ambiente mais confortável? Eu me junto a você em alguns minutos.

— É hora de ir, minha querida — disse Nanna, levantando-se. — Foi muito agradável, e sempre gosto muito de jantar com você e seus filhos. É muito melhor do que sentar sozinha em uma mesa. — Ela simulou um tremor. Mary parou para beijá-la na bochecha.

— Adoramos ter você. Venha sempre que quiser.

— Oh, eu sei — eu sei — disse ela com um brilho.

Jon levou Nanna para casa. Despedimo-nos apropriadamente, e então Mary correu para o andar de cima, para colocar as crianças na cama.

O momento que eu temia chegou. Eu sabia que Wynn merecia uma explicação sobre minha grosseria nos últimos dias, mas não sabia muito bem como abordar o assunto.

Wynn e eu fomos para a sala da frente e cada um recebeu outra xícara de café — o que eu não queria nem precisava, mas pelo menos a xícara ocupava minhas mãos nervosas. Sabia que Jon logo voltaria para se juntar a nós, então decidi que não ousaria preencher o tempo com conversa fiada.

— Receio que lhe deva uma explicação — comecei com uma voz bastante vacilante assim que sentamos diante da lareira.

Ele olhava as chamas, mas virou-se para olhar para mim. Não sabia se foram minhas palavras ou minha voz que revelaram o fato de que o que eu tinha a dizer era importante.

Seus olhos tinham uma pergunta, mas ele não falou, então eu continuei.

— Veja bem, eu pensei – isto é, eu entendi – que você era o pai de Phillip.

Seu queixo caiu com espanto.

— Você pensou que eu... que eu... que a esposa do meu irmão estava criando meu filho?

— Eu não sabia que você tinha um irmão.

— Você pensou o quê?

— Eu pensei que Lydia fosse sua esposa.

— Mas como...? — Ele balançou a cabeça em descrença, depois levantou a mão, como se para me impedir de prosseguir rápido demais. Finalmente ele falou de novo. — Lydia é uma mulher doce e adorável – mas meu irmão, Phillip, é o sortudo.

— Eu sei disso agora. Mary me contou.

Ele se levantou e deu alguns passos, depois ficou olhando para a lareira. Quando se virou para me encarar, seu rosto ainda estava cheio de perplexidade.

— Você pensou que eu era casado?

— Sim.

Ele balançou a cabeça novamente, depois ficou pensativo olhando para a lareira. Finalmente virou-se para mim.

— De onde você tirou essa ideia? — Seu tom não era acusador, apenas confuso. Mas eu agora estava na defensiva. Certamente não foi de tudo estupidez da minha parte. As lágrimas ardiam nas minhas pálpebras. Fiquei de pé.

— Eu tive *a ideia* — disse, com ênfase deliberada — porque *você* estava morando na mesma casa que Lydia, *você* veio à escola falar sobre o pequeno Phillip, *você* me pediu o trabalho de casa dele e disse “a mãe dele e eu”, e *você* tem o mesmo sobrenome que ele – e ninguém nunca mencionou existir um Phillip pai.

Ergui muito a minha voz quando terminei meu discurso. O olhar atônito foi deixando seu rosto enquanto seguia meu raciocínio, e a frustração tomou o seu lugar.

— Entendo... — ele disse um pouco confuso quando terminei, e voltou para as chamas novamente.

Eu me sentei outra vez. Minhas mãos estavam tremendo. Com cuidado, coloquei minha xícara e pires na mesinha ao lado da minha cadeira.

— Entendo — ele disse novamente, e voltou-se para mim. — Então,

figurativamente falando, você jogou sua cesta de volta na minha cara?

Mais uma vez, sua transparência e honestidade abrandaram as palavras.

Eu não conseguia falar. Eu não conseguia nem olhar para cima. Eu apenas fiquei ali, girando meu lenço lentamente em torno de um dedo e sentindo meu rosto corar. De repente, ouvi uma risada suave. Eu olhei rapidamente então, me perguntando o motivo de sua repentina mudança de humor.

— É bem engraçado, não é? — Seus olhos mantinham o bom humor habitual e ele riu novamente. — Gasto dez dólares e sessenta e cinco centavos para poder comer com a bonita professora; e, em vez disso, como sozinho porque ela acha...

— Você pagou dez dólares e sessenta e cinco centavos? Para uma cesta? — Ele riu enquanto assentia timidamente, como um estudante. — Mas isso é ridículo! Todas as cestas estavam saindo por um ou dois...

— Não aquela.

Agora meu rosto estava quente de vergonha. Naquela noite, nem prestei atenção ao valor que deram na minha cesta.

— Foi uma boa causa — ele me garantiu seriamente —, para eu não me arrepender pelos dez e sessenta e cinco.

Lembrei-me do pequeno Andy novamente. Foi uma boa causa...

— E — disse ele, desta vez em falso lamento — poderia ter sido uma boa compra também.

— Me desculpe. Na verdade, eu... eu...

— Eu também, Srta. Thatcher. — Seus olhos se fixaram nos meus por um instante, depois voltaram-se para a lareira.

Os poucos segundos do silêncio constrangedor que se seguiram pareciam muito mais longos.

— Na verdade — ele se aventurou —, talvez tenha sido melhor assim.

Ele se afastou da lareira e sentou-se na minha frente, largando a xícara agora vazia.

— Melhor? — questionei, não entendendo.

— Receio estar começando a pensar como um fazendeiro.

— E há algo errado em pensar como um fazendeiro?

Ele sorriu.

— Não para um fazendeiro.

— E você não é fazendeiro?

— EU?

Eu assenti.

— Não, eu não.

— Mas você...

— Recebi uma licença especial para poder dar uma mão a Phillip – para ajudar na colheita dele. Fui criado na fazenda, pelo menos sei o que fazer e quando fazê-lo. Eu até gostei – para variar. Uma ou duas vezes, eu até desejei ter ficado na fazenda. Afinal, um fazendeiro é seu próprio chefe – na medida em que os elementos o permitirem... — Ele parou e deu de ombros. — Mas Phillip logo voltará a cuidar de *sua* fazenda – de *seu* filho – de *sua* esposa.

Ele estava brincando, e mais uma vez senti meu rosto corar.

Eu queria perguntar o que ele faria agora, para onde o trabalho dele o levaria, mas não o fiz. Em vez disso, fui até a janela e olhei para a noite tranquila. Bem a tempo de ver Jon retornando após ter levado Nanna.

— Acho que vou dar boa noite às crianças — eu disse e peguei as xícaras de café para levá-las à cozinha.

Eu senti seus olhos sobre mim quando saí da sala. Foi falta de educação da minha parte deixá-lo sozinho, mas Jon logo chegaria para fazer-lhe companhia.

Capítulo 29

Volta às Aulas

Vi Wynn, Lydia e Phillip Jr. na igreja na manhã seguinte, mas tivemos poucas oportunidades de conversar. Fiquei feliz com isso. Eu ainda tinha algumas coisas a fazer.

Naquela tarde, Mary e eu tivemos algum tempo a sós; ela levou a conversa para Wynn.

— Então — disse ela diretamente — o que você acha do nosso Dee, agora que devolveu a ele seu status de solteiro? — Ela riu quando disse isso, e eu tentei rir com ela, mas também fiquei vermelha.

— Ele é um homem muito legal. — As palavras pareciam bobas, mas não conseguia pensar em mais nada que considerasse apropriado dizer.

— Ele é mais do que gentil — disse Mary com entusiasmo. — Ele é muito especial. Até me atrevi a esperar... — Ela se conteve e olhou para mim rapidamente, como se quisesse refletir no que estava prestes a dizer. Mudando de ideia, ela disse: — Só gostaria que ele não fosse tão teimoso.

— Teimoso?

— Bem, não sobre tudo, mas ele tem essa noção louca de que casamento e trabalho não combinam.

— Oh? — Eu esperava que ela entendesse isso como uma pergunta.

— Ele está determinado, absolutamente determinado, a jamais pedir uma mulher que compartilhe sua vida com ele. Ele diz que outros homens podem conduzir suas vidas nesta ordem: Deus, esposa, trabalho; mas a dele tem que ser Deus, trabalho, esposa, e ele não pedirá a uma mulher que tome uma posição menor.

— Meu Deus — eu disse, tentando parecer casual e até um pouco sarcástica. — Ele deve ser um homem muito especial.

— Não, não. Ele não acha que é especial. Ele apenas acha que seu trabalho é. Ele é totalmente dedicado a ele — mas, é claro, leva-o a algumas condições bastante primitivas. Dee já passou algum tempo no Norte, e tenho certeza de que logo ele voltará para lá. E ele diz que não pedirá mulher nenhuma que compartilhe com ele. Eu acho que é bastante difícil.

— Mas se uma mulher realmente ama um homem — interrompi —, certamente ela não se importaria... Ele não sabe que existe amor — amor verdadeiro — e se uma mulher...

— Betinha — Mary disse, com os olhos brilhando —, talvez você precise mostrar isso a ele.

— Agora espere um minuto... — comecei, corando até minhas raízes. Mary riu completamente.

— Realmente não acho que ele seria um aluno tão difícil; e ouvi dizer que você é uma ótima professora. — Ela brincou.

Embora corando e com a língua presa, ainda me recusei a ser fisgada.

— Então — eu comecei, tentando ganhar o controle da conversa — e de mim mesma — que trabalho é esse tão especial, tão importante e impossível de se viver?

Mary ficou séria.

— Você não sabe o que Wynn faz?

— Não. Por que deveria saber?

— Ele é um Montado.

— O que?

— Ele é da Polícia Montada do Noroeste.

— Eu sei o que é um Montado. Estou apenas surpresa. Eu nunca pensei...

Então, como se eu finalmente tivesse encontrado a alavanca para liberar a tensão nervosa das vinte e quatro horas anteriores, caí na gargalhada. “*Julie desmaiaria*”, ofeguei.

— O que?

— Oh, nada. — Eu estava começando a me recuperar da gargalhada.

A bebê Elizabeth chorou e Mary correu para cuidar dela. Fiquei sozinha com meus pensamentos e emoções agitados.

Lembrei das palavras “*Eu estava começando a pensar como um fazendeiro*”, e pensei que agora entendia o que Wynn queria dizer — pelo menos um pouco. Um agricultor certamente não precisava se preocupar com seu trabalho conflitante ao se casar.

Na segunda-feira de manhã, eu queria passar algum tempo na biblioteca local para procurar algumas informações necessárias para minhas aulas. Perguntei a Jon se ele me levaria para o centro bem antes do horário do trem. Então ele me deixou na estação, onde compramos minha passagem, e deixou minha mala com o funcionário. Dei adeus a Jon, tentando explicar o quanto o fim de semana significou para mim. Agora me sentia pronta para retornar à minha sala de aula.

Andei a curta distância até a biblioteca e comecei a passear pelos títulos. Era uma pequena biblioteca, então eu não me incomodei em pedir ajuda, e fui procurar sozinha. Meus olhos pegaram um título bastante incomum, *A Origem e o Significado dos Nomes*. Puxei-o da prateleira e folheei as páginas. Eu encontrei “Elizabeth”. Era hebraico, dizia o livro, e significava “consagrada a Deus”. O significado me agradou. Era bom pertencer a Ele.

Eu olhei para ver se havia alguém por perto e busquei rapidamente a letra W. Eu não esperava encontrar Wynn, mas encontrei. “Velho galês”, dizia: “justo”. Fechei o livro depressa e o guardei, tomando nota. Eu concordei com o livro. Eu então pensei nas provocações de Mary – que deveria tentar mudar a ideia de Wynn sobre casamento. Contra a minha vontade, a ideia surgiu em minha mente; eu, de verdade, gostaria. Com um sorriso, pensei que deveria ter aprendido lições sobre a feminilidade com Julie. Eu não sabia como mudar a mente de um homem, especialmente em relação ao casamento. Sacudi meu devaneio e comecei a procurar as informações que precisava para ensinar.

Embarcando no trem com bastante tempo, selecionei meu assento. Parecia que o vagão não estaria muito cheio. Acomodei-me para uma longa e tediosa jornada quando nos afastamos da estação. Desta vez eu estava preparada – trouxera um livro para ler. Talvez parar, descarregar, recarregar e o embarque dos passageiros não me incomodasse tanto se mantivesse minha mente ocupada.

Não consegui me concentrar no meu livro. Eu me vi olhando pela janela, observando a paisagem que passava lentamente e a agitação das atividades nas pequenas cidades onde paramos para trocar passageiros e carga. Quando saímos de Red Deer, decidi dar uma volta pelo trem e esticar as pernas.

Quando me levantei e olhei para o vagão, descobri que estava compartilhando o trem com os Delaneys. Tentei sentar-me em silêncio antes de ser vista, mas Lydia me notou. Ela acenou e eu devolvi sua saudação, e então ela me chamou para ir me juntar a eles. Não vi como recusar educadamente. Wynn levantou-se quando me aproximei deles, e ele fez um gesto para eu sentar ao lado de Phillip Jr., em frente à Lydia e Phillip, o pai. Eu ainda não tinha conhecido o Phillip mais velho. Teria sido fácil dizer que ele e Wynn eram irmãos, mesmo que Phillip estivesse pálido depois de sua estadia no hospital e fosse mais baixo e mais magro que Wynn. Lydia estava fora de si de alegria; era evidente que ela sentira terrivelmente a falta do marido, e imaginei a tensão que ela deveria ter passado. Não é de admirar que houvesse tantas viagens de fim de semana à Calgary. Pareceu-me estranho que Phillip nunca tivesse mencionado seu pai, mas talvez

fosse assim que o menino decidira lidar com sua ansiedade. Na verdade, também nunca o ouvi se referir ao tio Wynn, embora ele certamente pensasse muito nele.

— Mamãe está esperando em casa — Lydia confidenciou. — Ela mal pode esperar Phil chegar em casa para engordá-lo! Posso imaginar que ela esteja cozinhando há dois dias seguidos.

— Estou disposto — disse o marido. — Estou tão cansado da comida do hospital que ficarei feliz em ver a mãe ocupada por um tempo. Vejo que ela conseguiu fazer Wynn ganhar peso, embora tenha certeza de que não sejam tantos quilos quanto ela gostaria.

— Essa foi uma tarefa difícil — brincou Lydia. — Wynn é mais rápido para comer do que ela para cozinhar.

O jovem Phillip decidiu levar seu novo livro de animais do mundo para o outro lado do corredor. Então fui para outro banco, para que Wynn pudesse se sentar novamente.

Embora Phil parecesse ter o mesmo senso de humor que seu irmão, ele não possuía a mesma autoconfiança. *Talvez seja porque Phillip esteja doente*, pensei. Mas, além disso, havia algo em Wynn que o diferenciava. *Talvez ser membro da Polícia Montada tenha lhe dado segurança*, eu disse a mim mesma – mas essa também não parecia ser a resposta completa. Eu finalmente decidi que ele era apenas “Wynn”. Por isso, levava o trabalho tão a sério e foi capaz de tanta dedicação à difícil profissão. Eu estava convencida de que ele deveria ser um membro muito eficiente da Força.

Disse que estava muito feliz por Phil poder agora se juntar à sua família.

— Tenho certeza de que Wynn também está feliz por finalmente me ver assim — disse Phil. — Acho que ele pode estar um pouco cansado de montar e ordenhar.

— Um pouco! — foi a tréplica de Wynn.

— Agora ele vai me dizer que ficará feliz em voltar para um trabalho de verdade — previu Phil.

— Certo — brincou Wynn —, eu estava ficando...

— Não diga isso. — Phil levantou a mão. — Pouco ou não, não poderíamos ter conseguido sem você.

— Você precisará de alguns meses para recuperar suas forças, mas acho que se recuperará durante o inverno. Ainda faltam cinco meses até que você precise colocar a mão no arado.

— Receio que será uma tarefa difícil segurá-lo — disse Lydia.

— O jovem Thebeau é bom com o gado. Ele não tem desculpa para não repousar — garantiu Wynn.

Os Delaneys continuaram discutindo planos futuros, e percebi que Wynn não pensava em ficar na fazenda depois que Phil tivesse voltado para casa. Questionava-me para onde ele seria enviado e se o veria novamente. Mas tinha medo de perguntar.

Notei Lydia segurando a mão de Phil com força. Ela parecia ter medo de soltá-lo, para que ele não a deixasse novamente. Eu podia imaginar o quanto eles tinham que conversar. Levantei-me.

— Preciso voltar para o meu lugar — disse. — Preciso reunir minhas coisas.

Wynn se levantou e se afastou para que eu pudesse passar por ele. O trem deu uma guinada repentina e eu quase perdi o equilíbrio. Seu braço foi rápido para me firmar. Eu rapidamente me endireitei, agarrando o encosto de uma cadeira, e me afastei dele. Esse contato, mesmo que curto e não planejado, me deixou nervosa.

Reuni meus poucos pertences em um curto tempo e soube pela paisagem que ainda tínhamos alguns minutos antes da chegada. Peguei meu livro e olhei para as páginas, mas não li. Ouvi uma agitação e olhei para cima a tempo de ver Wynn se sentar no banco à minha frente.

— Posso?

— Certamente.

— Perguntei-me se você tinha arranjado uma carona para casa.

— Na verdade, não. Acho que quando saí não pensei nisso.

— Bem. Então você pode ir conosco.

— Eu agradeço.

— Você não se importa?

— Não, claro que não. Ou seja, *se você não se importar*.

— Então está resolvido.

Ele estava prestes a ir, mas eu o detive.

— Sr. Delaney — falei. Eu nunca o chamei pelo primeiro nome, apesar de pensar nele como “Wynn”. — Eu sei que tentei explicar sobre a Festa Beneficente, mas não disse como... sinto muito por te envergonhar publicamente.

— Me envergonhar?

— Sim. Mesmo que eu pensasse que você era casado, seus vizinhos – eles sabiam que você não era, e eles não tinham ideia de que eu pensava – o que eu fazia – e...

— Teria feito diferença? — Seu tom era direto. — Você teria encontrado tempo para compartilhar seu almoço se soubesse a verdade?

— Claro.

Ele considerou isso por um momento. Comecei:

— Por que mais eu...

— Srta. Thatcher — disse ele e sorriu para mim — aquele sorriso lento e provocador —, não sou tão convencido para acreditar que uma jovem como você, culta e refinada, aproveitaria a chance de compartilhar um almoço com pessoas como eu — indomáveis e rudes — em qualquer hipótese. Você tinha todo o direito de me recusar, por qualquer motivo, sem fazer perguntas.

Suspirei.

— Mas, mas eu não teria...

— E se Bill Laverly tivesse sido o licitante sortudo, como ele queria ser, você teria jantado com ele?

Eu estava encurralada, mas tinha que ser honesta. Eu lutei por palavras. Não parecia haver nenhuma verdadeiramente adequada, apenas a verdadeira.

— Sim. Sim, claro. Essa foi a ideia toda.

Ele levantou o chapéu para mim com o mesmo sorriso brilhando em seus olhos.

— Você é uma boa adversária, Elizabeth — disse ele. — Vejo você em Lacombe.

Ele recolocou o chapéu e se foi.

Um automóvel alugado nos esperava em Lacombe. Tinha sido arranjado para Phil, para que a viagem não fosse muito cansativa. Como a família ainda estava unida, compartilhei o banco da frente com Wynn, que estava dirigindo. Tenho certeza de que ele notou meu silêncio, mas não disse nada a respeito. Em vez disso, me deu uma breve aula de biologia sobre a flora e fauna de Alberta. Achei tudo muito interessante; de fato, ele estava fornecendo algumas das informações pelas quais eu havia procurado sem sucesso na biblioteca de Calgary.

— Você poderia — você se importaria de ir à escola e contar um pouco disso para os alunos? — Eu soltei sem pensar. — É exatamente o que eu queria ensinar para eles, mas sei muito pouco — e não consegui encontrar nenhum livro.

— Adoraria — ele disse, e tinha certeza de que estava sendo sincero —, mas vou embora amanhã. Estarei de volta ao meu trabalho na quarta-feira.

— Entendo.

Eu sentei em silêncio. Ele falou:

— Você pode seguir em frente e usar o pouco que eu lhe disse; e da próxima vez que eu te vir, darei uma aula adicional – o que acha?

Meu coração disparou – depois compensou a batida perdida em dobro.

Eu o veria novamente.

— Você vem para casa com frequência?

— Não – às vezes fico longe por meses ou mesmo anos. Depende para onde for designado.

— E onde será seu posto?

— Ainda não sei.

— Você não sabe? Você volta ao trabalho em dois dias e nem sabe onde?

— Saberei a tempo de chegar ao local para onde vão me enviar.

— Então pode não haver aula adicional — eu disse sem expressão. *Eu posso nunca mais o ver*, meu coração lamentou.

— Verdade — sua voz tão séria quanto a minha —, talvez não.

Dirigimos em silêncio por um tempo. De repente, ele se virou para mim, empolgado.

— Will Blake! — ele exclamou. — Ele é um lenhador de verdade. Se existe alguém que conhece sobre nossa região, é o Will. Ele ficaria feliz em falar com seus alunos. Quer que eu fale com ele?

A decepção tomou conta de mim. Será que ele não via que eu queria mais do que aula de biologia? Ainda assim, apreciei o fato de ele ter se dado ao trabalho de considerar as necessidades dos meus alunos. Forcei um sorriso.

— Tudo bem — eu disse. — Você estará muito ocupado. Eu mesma falo com ele. Obrigada.

Capítulo 30

O Programa de Natal

Meus alunos e eu voltamos às rotinas da escola. O ar estava mais frio agora, então todas as manhãs eu estremecia ao acender o meu próprio fogo; e então, justamente quando a casa dos professores estava começando a ficar confortável, tinha que deixar o calor e me apressar para a escola, para acender o fogo. Certamente ajudou a saber como lidar com o registro corretamente. Mesmo assim, em alguns dias parecia ter mais fumaça que chama.

Os alunos, na maior parte, estavam se empenhando e fazendo progressos constantes. Até os meninos mais velhos estavam começando a levar os estudos a sério. Ainda falavam de Andy com carinho. Sentíamos falta da nossa torcida.

Em meados de novembro, começamos a trabalhar seriamente em nosso programa de Natal. Os alunos estavam tão ansiosos com a apresentação que me convenceram a fazer ensaios diários. Imaginei que parte do entusiasmo deles era devido ao fato de que o ensaio os livrava de estudar ortografia e geografia, então vetei a ideia de passar muito tempo longe dos livros e os incentivei a decorar suas falas em casa.

Na medida em que a apresentação se aproximava, íamos sendo tomados pela emoção. Primeiro, haveria o programa. Todos os alunos foram envolvidos em apresentações. Depois que essa parte terminasse, o Papai Noel apareceria e distribuiria os tão esperados pacotes de doces. O Sr. Laverly tinha um comitê encarregado pelos doces – e de providenciar o Papai Noel, e fiquei feliz por estas não serem minhas responsabilidades. Eu tinha certeza de que tudo o que poderia fazer era organizar o programa e a escola. Após a chegada e a partida do alegre duende, almoçaríamos juntos. Parecia bastante simples, mas isso levava horas e horas de preparação.

Ouvia-se os sussurros entre as meninas sobre o que cada uma vestiria. Muitas delas falavam sobre os vestidos novos que suas mães fariam usando o “vestido velho de Jane” ou a “saia longa de Sally” e, em alguns casos, até de tecido novinho em folha, comprado apenas para este fim. Foi fácil perceber a emoção delas. Se alguma vez sentiram necessidade e direito a um vestido novo, esta era a hora.

Os meninos não falavam nada sobre o que vestiriam. Em vez disso, conversaram sobre os novos sinos para a charrete ou sobre o fato de o pai deles ter dito que poderiam dirigir. Parecia que o Natal era uma

época importante para os motoristas iniciantes.

Esperávamos que o tempo estivesse bom, que a neve no chão deixasse tudo bonito e que a temperatura não estivesse muito baixa para os animais. As pessoas podiam se amontoar, mas os pobres cavalos tinham que ficar no frio enquanto esperavam o fim da noite.

A noite finalmente chegou, nítida e fria, mas clara. O vento não estava soprando e fiquei agradecida por isso enquanto caminhava pela neve em minhas várias idas e vindas entre a casa e a escola. Cada passo rangia e triturava na neve seca.

Acendi o fogo cedo para que a sala ficasse confortavelmente quente e coloquei duas grandes chaleiras de água para aquecer. O cabo da bomba estava tão frio que, mesmo com minhas luvas de lã, minhas mãos reclamavam.

Carreguei os baldes de água com cuidado, sabendo que se a água espirrasse na minha saia ou sapatos, haveria gelo quando eu terminasse minha tarefa e tornaria a noite mais desconfortável.

Minha respiração ia à minha frente com a pequena fumaça prateada, enrolando em volta da minha cabeça enquanto eu avançava. No alto, as estrelas brilhavam tão intensamente que senti que só precisava estender a mão para sentir o calor delas. Enquanto caminhava em direção à escola, uma estrela cadente foi sacudida de sua cama celestial e riscou para a Terra, deixando atrás de si uma longa serpentina prateada.

Ao longe, ouvi o lamento de um coioote. Eles não estavam muito perto hoje à noite. Eu esperei pela resposta do uivo, mas ela não veio. Talvez o resto estivesse aconchegado em um esconderijo subterrâneo.

Quando ouvi o som dos sinos dos arreios e o chiado das lâminas dos trenós, a sala de aula estava confortavelmente quente e os preparativos finais estavam completos. Arrumei meu cabelo, alisei a saia do meu vestido de veludo verde que decidi trazer comigo de Calgary especificamente para essa festa, e me preparei para encontrar os primeiros a chegar.

As mulheres e crianças correram para a sala de aula, para se livrarem de seus muitos envoltórios, enquanto os homens ficaram do lado de fora por um momento para cuidar dos cavalos. Cobertores usados para cobrir as crianças foram jogados sobre animais, e o feno colocado ao alcance das parelhas. Não havia espaço suficiente em nosso pequeno celeiro; muitos dos cavalos estavam amarrados a postes ao redor do pátio da escola.

Enfim, o programa de Natal correu muito bem. Apesar de pequenos

acidentes: Mindy Blake esqueceu suas falas e fugiu do palco improvisado em lágrimas; Tim Mattoch, com seu problema de vista, tropeçou na plataforma, mas saltou de volta e levou as pessoas às gargalhadas; Maudie Clark errou parte de sua fala e confundiu Olga Peterson e Ruthie Clark – logo, todo o grupo estava reprovando, então tive que parar a coisa toda e fazê-los recomeçar. A segunda tentativa foi quase perfeita. Sally Clark fez um trabalho maravilhoso recitando “A Véspera do Natal”, e a pequena Else cantou “Lá na Manjedoura” com uma voz tão doce e clara que trouxe lágrimas aos olhos de muitos. Nosso jogral também correu bem, e o público foi mais receptivo. Tenho certeza de que, com o desempenho da noite, cada um dos alunos se sentiu como uma estrela, e não havia pais lá que ousassem discordar.

Quando o programa terminou, cada um dos alunos encontrou um lugar. Era a hora do Papai Noel aparecer. Esperávamos com os ouvidos atentos, e então ouvimos o toque da minha campainha da escola e um “*Ho-ho-ho*”. Todas as crianças aplaudiram – e acho que até alguns adultos se juntaram a elas.

Papai Noel entrou – casaco vermelho, barba e tudo – soltando seu *ho-ho-ho* alegremente. Sussurrou algumas palavras às crianças, perguntando se elas haviam sido boas, ao que responderam em coro: “*Sim!*”. Ele então começou a chamar seus nomes e distribuiu os pacotes de doces. Ao som de cada nome, uma criança saltava para a frente com seus olhos brilhando e estendendo as mãos ansiosamente. Quando a última criança voltou ao seu lugar, sinalizei ao Sr. Laverly – ele deveria agradecer ao nosso desconhecido Papai Noel. Mas, para minha surpresa, o Papai Noel tirou outro pacote, este dentro do casaco. Ele chamou em voz alta: “Srta. Elizabeth Thatcher”.

Fiquei muda.

Meus alunos aplaudiram efusivamente.

— Elizabeth Thatcher — Papai Noel chamou novamente.

— Vamos, professora! Vamos! — persuadiram os alunos.

Eu podia sentir meu rosto corar, mas finalmente me levantei e comecei a me mover em direção ao Papai Noel.

— Vamos agora, Srta. Thatcher — o Papai Noel ecoou as crianças com uma voz calorosa e disfarçada. — Suba aqui no palco. Não seja tímida.

Com uma pequena ajuda, subi no palco. Estendi a mão timidamente para o pacote marrom na mão do Papai Noel, mas ele o puxou de volta com outro *ho-ho-ho*.

— Não tão rápido, Srta. Thatcher. Você foi uma boa garota? — As crianças uivaram e eu corei.

— Eu – eu tentei ser — respondi.

— Ela foi, crianças? — Papai Noel perguntou ao meu pequeno grupo. Uma grande alegria irrompeu, junto de alguns assobios estridentes. Papai Noel soltou seu ho-ho-ho novamente.

— Bem, então eu acho que você pode ganhar. Mas primeiro dê um beijinho no Papai Noel. — Ele bateu na bochecha com a mão enluvada.

Não tenho certeza se meu rosto estava vermelho ou branco naquele momento.

— Vamos, agora — disse ele —, dê um beijinho no Papai Noel! — Ele continuou a apontar para sua bochecha. Gritos e uivos encheram a sala.

Olhei para a bochecha de barba, encolhi os ombros levemente e, na ponta dos pés, dei um beijo no querido e velho Papai Noel em meio a gritos, aplausos, assobios e palmas.

Com meu rosto ainda vermelho, deixei o palco levando o pequeno pacote marrom. Quando recuperei minha compostura e meu lugar junto ao bule de café, os *ho-ho-hos* do Papai Noel desapareciam ao longe.

Passamos a servir o jantar. Eu servi café e chocolate quente. Após distribuir a todos, decidi tomar uma xícara de chocolate quente. Lydia Delaney me apontou a família dela. Foi bom ver Phil com mais cor nas bochechas e alguns quilos que ganhara desde que o vira pela última vez. Eles abriram espaço para mim entre as duas Sras. Delaney. Estavam ansiosos para saber sobre meus planos de Natal, e eu disse que pretendia passar o recesso com a família de Jon em Calgary.

Eu queria perguntar sobre Wynn – para onde ele havia sido designado e se esperavam que ele permanecesse na cidade, mas não confiei que minha voz fosse casual o suficiente, então segurei minha língua.

Uma pequena agitação chamou nossa atenção para o outro lado da sala e notei Phil olhando com interesse. Henry Laverly parecia estar circulando entre os jovens, levando-os a pôr a mão com desgosto nos bolsos. Phil levantou-se e caminhou na direção deles, cumprimentando e conversando com os vizinhos enquanto atravessava a sala.

Foi só depois que quase toda a multidão se juntou e se dirigiu para casa, os sinos tocando e os arreios estalando, que eu fiquei sabendo. Parece que alguns rapazes da comunidade haviam apostado sobre quem seria o primeiro a receber um beijo da nova professora da escola; e o tímido e reservado Henry Laverly, com sua performance sorrateira de Papai Noel, acabara de ganhar a aposta.

Capítulo 31

A Véspera de Natal

Não percebi o quanto estava ansiosa para o recesso de Natal, até embarcar no trem em Lacombe e finalmente ir para Calgary. Uma onda quase esmagadora de saudade da minha família no Leste me atravessou, e por um momento pensei em comprar uma passagem para Toronto e voltar para casa. Meu senso de razão e meu amor por meus alunos me mantiveram firme; então comecei a planejar os dias que passaria com Jon e sua família.

A viagem de trem foi, como sempre, longa e lenta; e quando chegamos à Calgary, o curto dia de inverno estava quase terminando e a escuridão se arrastava sobre nós.

Jon me encontrou na estação. Ele trouxe os três filhos mais velhos, e se revezaram tentando tirar meu chapéu com seus abraços de urso selvagens. Meu entusiasmo pode ter sido mais controlado, mas mesmo assim foi sincero.

A família estava se preparando para o Natal. Decorações festivas nos receberam na porta da frente e cheiros deliciosos chegaram a nós quando entramos. Foi como voltar para casa, e a saudade começou a me deixar.

Os primeiros dias passei nas compras e me diverti com as crianças. Sarah teve que me atualizar sobre suas habilidades de leitura e William demonstrou sua destreza no violino, enquanto Kathleen, falando sem parar, me seguia.

Haveria um culto especial na véspera de Natal na igreja e as crianças falavam sobre isso constantemente, provavelmente mais pela oportunidade de “ficarem acordadas até tarde” que qualquer outra coisa. Quando chegou o dia, a emoção deles havia me contagiado.

Percorremos a curta distância de trenó, pois o tempo frio tornava imprevisível o funcionamento dos automóveis deixados do lado de fora. Além disso, Mary afirmava que o trenó era muito mais parecido com o Natal. Nós concordamos. Escondemo-nos debaixo de peles de búfalo e apreciamos o brilho das estrelas no céu claro e o som da neve debaixo das lâminas do trenó.

A parelha, um par de baios magníficos, bufava e sacudia a cabeça, emitindo pequenas fumaças com seu hálito gelado. Tive a sensação de que os dois estavam prontos para uma boa corrida, então fiquei feliz por Jon ser capaz de lidar com eles.

Jon nos fez sentar bem à frente na igreja. Fiquei entre Sarah, à minha esquerda, e Kathleen, à direita. A sala estava brilhando à luz de velas; sombras dançavam nos rostos das crianças que faziam o papel de Maria e José, olhando para o menino Jesus deitado da manjedoura. As grinaldas verdes feitas de abeto não apenas pareciam natalinas, mas também traziam um cheiro agradável ao santuário.

O culto foi delicioso. Sentimos novamente a admiração do primeiro Natal, quando Deus enviou ao mundo Seu presente mais precioso, Seu Filho Jesus, para nascer de uma mulher, para que um dia, como sacrifício, pudesse trazer salvação para toda a humanidade.

As canções de Natal, tão familiares, nunca significaram tanto para mim quanto naquela noite. Enquanto recitava as palavras, imaginei a jovem Maria, ao chegar sua hora, sem ninguém para cuidar dela – sem cama quente, sem quarto privativo, sem parteira habilidosa –, apenas palha, um estábulo e um marido ansioso por perto. Ela mesma cuidou do recém-nascido Filho de Deus, o menino Jesus.

Pensei em meu Senhor, o Criador do Céu e da Terra, agora reduzido a uma criança desamparada, incapaz de expressar Suas necessidades e desejos, e muito menos exigir a honra que Lhe é devida; e pensei no Pai, que deve ter observado ansiosamente do Seu trono o novo bebê aparecer no mundo que havia formado. O próprio Deus estava se aconchegando no peito de uma jovem camponesa em um estábulo pouco iluminado em Belém. Como Deus deve ter amado a humanidade, para permitir que Ele viesse!

Saí do culto naquela noite com o coração cheio e os olhos transbordando. Limpei as lágrimas com meu lenço enquanto sorria para Kathleen e Sarah.

— A bebê Liz’beth não nasceu com as vacas — Kathleen sussurrou.

Eu balancei a cabeça e apertei-a para que ela soubesse que eu sabia como ela se sentia.

— Estou feliz — insistiu. Ela pensou em silêncio por alguns minutos e continuou: — Se ela tivesse nascido, teria sido um Jesus?

Eu sorri.

— Não, querida, ela ainda seria Elizabeth. E Jesus ainda teria sido Jesus, o Filho de Deus, se tivesse nascido em um quarto de hospital ou em uma câmara do rei. Onde alguém nasce não muda sua identidade. Mas Deus sabia onde Jesus nasceria, então Ele nos disse por meio de Seu profeta, muitos anos antes que isso realmente acontecesse.

— Deus é muito esperto, hein?

— Sim, Kathleen. Deus sabe de tudo.

Seguimos os outros pelo corredor. As chamas das velas tremeluziam

e vacilavam, emitindo luz e sombras que brincavam em rostos sorridentes, enquanto os amigos se cumprimentavam ao se moverem em direção à porta.

— Olá, Elizabeth.

Ao som da voz familiar, virei-me rapidamente e me vi olhando para o rosto de Wynn. Foi a primeira vez que eu o vi de uniforme. Se antes eu achava difícil imaginá-lo como um Montado, agora não poderia imaginá-lo de qualquer outra forma. Sua força era mais do que física. Havia uma força de caráter e propósito nele que fazia o casaco vermelho parecer merecedor do homem.

Perdi a respiração e demorou um momento para que eu pudesse responder.

— Eu não esperava vê-lo — disse timidamente, e seu sorriso largo trouxe um rubor às minhas bochechas.

A essa altura, Kathleen já havia percebido quem estava ao nosso lado e chamado sua atenção. Puxando a manga, ela exigia:

— Você vem à nossa casa, Dee? Você vem ver a nossa árvore?

— Ei — ele disse. — Vá devagar, Moppet. De fato, sua mãe me convidou para sua casa, e eu acho — ele brincou levemente —, acho que *talvez eu vá*.

Ela ignorou as provocações dele e bateu palmas.

— Ele vem, tia Beth! Isso não é bom?

Eu estava ocupada tentando entender a estranha batida do meu coração. Era a aura do casaco vermelho ou o fato de ele ter falado meu nome? Esperava que Kathleen pudesse segurar sua atenção até eu que conseguisse me controlar.

Mary chamou por Kathleen e a menina foi se juntar à família. Fiquei com o coração batendo forte, de pé no corredor lotado, perto do homem incrível de casaco vermelho.

— Jon sugeriu... — ele começou, e então seus olhos brilharam. — Não, isso não é verdade. Jon concordou com minha sugestão de que, como vou passar a noite em sua casa, você poderia ir comigo para que eu pudesse ficar por dentro das notícias de Pine Springs. — Então ele riu — uma risada suave e pura. — Talvez isso também não seja totalmente verdade, mas quero uma chance de conversar um pouco, porque assim que chegarmos à casa de Jon e estivermos na companhia de seus filhos tagarelas, haverá poucas chances para perguntar como você está.

Eu sorri, sabendo que ele estava certo.

— Elizabeth?

Meu sorriso pareceu tremer um pouco.

— Eu aceito.

Ele pegou meu braço e me guiou pela multidão até a sua parelha, que lhe esperava. Quando os cascos batiam na neve impacientemente, os sinos nos arreios tocavam claramente no ar noturno e ecoavam repetidamente dos prédios próximos.

Wynn me ajudou a subir no trenó e me cobriu com as mantas de peles. Assim que partimos, ele puxou conversa.

— Então como está meu irmão mais velho?

— Ele está bem. Eu o vi com sua família há algumas noites no programa de Natal. Ele parece estar muito melhor – ganhou peso e um pouco de cor – e parece absolutamente feliz.

— Bom — foi tudo o que ele respondeu, mas falou a única palavra com grande entusiasmo.

Ficamos em silêncio por alguns momentos. Segurei tanto minha língua e minha respiração que temi que fosse explodir. Desisti. Eu tinha que saber:

— E você? Vai ficar aqui em Calgary?

— Por enquanto, mas não tenho certeza por quanto tempo. Espero que outra designação chegue em breve, embora eu não saiba pra onde. Estou gostando de Calgary. A cidade está crescendo tão rápido e sempre acontece alguma coisa, mas estou ansioso para voltar.

— Voltar para onde?

— Passei seis anos em vários postos no Norte. Eu gosto de lá.

— O que você fazia? Eu não achei que havia muitos colonos no Norte.

— Colonos, não – não muitos. Caçadores principalmente. Mas o Norte está cheio de gente. Somos muito mais do que policiais para as pessoas de lá; Montados são os únicos dentistas, médicos, legistas, juízes, consultores e clérigos para muitos deles. Eles dependem de nós, Elizabeth, não apenas para trazer justiça, mas também para trazer esperança e ajuda.

Pensei nas palavras dele e na Julie. Perguntei-me se a impressão dela sobre o Montado revestido de escarlate era tão precisa, afinal. Em vez de aventura e emoção, o trabalho deles parecia um grande esforço e responsabilidade para mim. E parecia nobre, embora não achasse que Wynn Delaney se importasse com essa palavra, então guardei para mim.

— Há muitas mulheres lá? — As palavras saíram antes que pudesse detê-las.

— Mulheres brancas? Não. Poucas. Oh, alguns da Polícia Montada do Noroeste se casaram de forma imprudente.

— Imprudente?

— É uma vida muito difícil. Sem casas modernas, sem lojas, sem entretenimento. Muitas vezes não há amigos brancos, a menos que seja a esposa de um caçador. Não é o lugar para uma dama.

— Mas eles não precisam de escolas?

— Existem algumas escolas missionárias, onde homens são professores. Mas, na maioria das vezes, não – eles não acham que as escolas sejam necessárias. Os homens sabem caçar, pescar e armar armadilhas, e as mulheres sabem curtir o couro, secar a carne, transportar a madeira, carregar a água. O que mais precisam saber? Isso é o suficiente para sobreviverem naquelas terras.

Pude perceber na voz dele que sorria ao dizer aquelas palavras, mas sabia que ele estava falando do que conhecia; ele havia trabalhado entre os povos do Norte. Eu não tentei discutir.

De repente, ele se virou para mim.

— Estamos quase chegando à casa de Jon, e você deveria ter me dado todas as notícias de Pine Springs. É melhor você me informar rapidamente — ele solicitou.

Eu ri e, no menor número de palavras possível, contei a ele alguns dos acontecimentos da comunidade.

Paramos na porta da frente e ele parou os animais e me ajudou a descer do trenó. Aceitei seu braço estendido para me colocar no chão cheio de neve, quando meu pé se enroscou na manta. Caí para frente, buscando freneticamente algo firme. Suas reações foram mais rápidas que as minhas e, antes que eu pudesse me endireitar, fui segurada com firmeza por seus braços fortes.

— Você está bem? — ele perguntou com meu cabelo no seu rosto. Eu me recompos e gentilmente me afastei dele.

— Apenas desajeitada — disse, envergonhada. Soltei minhas mangas do casaco e recuei. Fiquei agradecida por ele não poder ver meu rosto claramente.

— O chão está escorregadio — ele alertou.

— Vou ter cuidado. — Até consegui uma leve risada.

— Assim que eu cuidar dos animais, entrarei.

Subi as escadas silenciosamente para o meu quarto. Na frente de um espelho, tirei meu chapéu, que estava torto. Endireitando meu cabelo com uma mão trêmula, me permiti alguns momentos para recuperar minha compostura. Quando desci para me juntar à família, Wynn já estava lá. Nossos olhos se encontraram brevemente, mas nenhum de nós fez nenhum comentário.

Mary estava servindo cacau e pipoca, e as crianças estavam

disputando uma posição perto da lareira. Assim que terminaram de comer, Mary os levou para a cama.

Passamos o resto da noite conversando e jogando dominó. Eram quase dez horas quando Mary trouxe café e um bolo de Natal. Jon jogou mais lenha no fogo e chegamos perto das chamas crepitantes confortavelmente. Por fim, Mary perguntou a Wynn:

— Você vai ao casamento?

Ele assentiu.

— Você não parece muito entusiasmado — ela brincou. Ele ainda não disse nada. — Então, por que não? — Mary persistiu.

— Não é da minha conta, suponho — disse Wynn lentamente —, mas acho que é um erro.

— De quem é o erro? — Jon perguntou.

— Withers.

— Withers é o jovem Montado?

Wynn assentiu.

— Erro... como? — Mary perguntou, intrigada.

— Você é uma praga — brincou Wynn. Ele se levantou e se aproximou da lareira. — Ok, eu já disse isso antes; vou dizer de novo. Withers está em Peace River – sua noiva é de Montreal. Ela está acostumada a peças de teatro, shows e jantares. Ela está trocando isso por nevascas e doenças, animais selvagens e solidão. Você acha que ela vai gostar da troca? Vamos, Mary, nem o amor suporta uma prova dessas.

— Algumas mulheres já fizeram isso, você sabe. Wynn, você pode estar subestimando muito o amor.

Ele voltou-se para a lareira.

— Sim — ele disse lentamente —, algumas. Mas jamais pediria isso à mulher que eu amasse.

Poderia dizer que ele foi sincero nas palavras, e algo dentro de mim lamentou. Mas Mary não deixou Wynn ter a última palavra.

— Então você também estaria menosprezando o amor dessa mulher — ela disse suavemente —, se ela realmente te ama.

Wynn balançou a cabeça levemente, sem tirar os olhos da lareira.

Capítulo 32

O Dia de Natal

A manhã de Natal amanheceu clara e reluzente. Durante a noite houve uma nova queda de neve, e o mundo totalmente limpo brilhava com os raios do sol de inverno.

O dia começou com os gritos alegres das crianças quando descobriram os presentes que estavam nas meias e debaixo da árvore. Nós aproveitamos uma manhã de lazer, com brincadeiras, nozes e conversas. O almoço deveria ser servido à uma hora. Wynn se juntou a nós para almoçar e trouxe para cada uma das crianças um presente. Jon, Mary e eu ganhamos luvas de pele feitas pelos seus amigos índios do Norte. Não via a hora de usá-las.

À tarde, as crianças pediram para estrear seus novos trenós de Natal. Então, seguindo a sugestão de Mary, Wynn e eu acompanhamos Jon quando ele os levou para a colina. Agasalhamo-nos – fiquei feliz pela oportunidade de usar minhas novas luvas – até que mal conseguimos andar, e fomos rindo e empurrando os trenós para a colina.

Lá em cima, todos montamos nos trenós. Eu ficava exausta depois das descidas; perdia o fôlego na longa subida de volta ao topo. Decidi me sentar em um tronco caído no meio da colina e descansar, enquanto os outros desfrutavam de outra descida.

Eu podia ouvir os gritos e gargalhadas enquanto desciam, Jon e Sarah em um trenó, Wynn e Kathleen em outro, e William por conta própria.

Alguns pássaros brincavam em uma árvore próxima e dois esquilos brigavam pela comida de inverno. Recostei-me em uma árvore e apreciei o frescor cintilante do ar do inverno.

Podia ouvir as conversas das crianças ao pé da colina, quando Wynn apareceu de repente.

— Jon disse que eu deveria levá-la ao topo da cordilheira para dar uma olhada nas montanhas.

— Oh — exclamei, pulando ansiosamente. — Dá pra vê-las daqui?

— Lá de cima — ele respondeu, apontando.

— Então me mostre – eu adoraria vê-las.

A neve solta dificultava a escalada. Wynn parava com frequência para que eu recuperasse o fôlego, e algumas vezes estendia a mão para me ajudar a saltar uma árvore caída ou passar em um local

particularmente íngreme.

No topo, descobri que a subida tinha valido cada passo. Exuberantes diante de nós, seus picos nevados brilhando ao sol do inverno, estavam as magníficas Montanhas Rochosas. Prendi a respiração em reverência.

— Algum dia — disse baixinho — vou visitar essas montanhas e fazer um piquenique ali mesmo entre as árvores.

Wynn riu.

— É uma grande caminhada até aquelas árvores, Elizabeth — alertou.

— Bem, eu não ligo. Vai valer a pena.

— Que tal se preparar para um piquenique ao lado de um riacho da montanha – ou na base de Bow Falls, ou talvez entre as rochas do Johnson Canyon?

— Você já esteve lá – em todos esses lugares?

— Várias vezes.

— É tão bonito quanto eu imagino?

— A menos que você tenha uma imaginação muito excepcional, é ainda mais bonita.

— Ah, como eu adoraria ver!

— Você precisa ver! Eu gostaria de poder prometer levá-la, mas...

Relutantemente, me afastei da vista das montanhas para voltar pela encosta até Jon e as crianças. Meus pensamentos estavam mais na frase inacabada de Wynn do que em onde eu estava colocando meus pés. Ele era tão determinado, tão seguro. Não deixou espaço para sentimentos, para carinho. De alguma forma, senti que deveria haver algo que eu pudesse dizer ou fazer para fazê-lo ao menos repensar sua posição, mas não conseguia pensar no que poderia ser – pelo menos não enquanto subia uma encosta íngreme atrás de um homem que estava acostumado com aquele tipo de terreno.

De repente, meu pé escorregou em um tronco coberto de neve e torci o tornozelo. Sentei-me para recuperar o fôlego e avaliar a lesão. Para meu alívio, não estava tão ruim. Sabia que nada estava quebrado e tinha certeza de que não foi nada sério – apenas uma torção. Levantei-me para me apressar atrás de Wynn, quando ele olhou para trás para verificar meu progresso.

— Qual é o problema? — Ele quis saber, sua voz preocupada.

Tentei responder levemente:

— Estou bem, apenas torci um pouco o tornozelo.

Dei um passo, mas ele me parou.

— Fique onde está, Elizabeth, até eu verificar o tornozelo.

— Mas está tudo bem.

— Vamos nos certificar.

Ele estava correndo de volta, subindo a colina em minha direção, quando uma ideia estranha entrou na minha cabeça. Talvez essa fosse uma maneira de atrasá-lo por alguns momentos, até que eu tivesse considerado completamente o que poderia dizer. Sentei-me no tronco de árvore e olhei para o meu pé.

Wynn estava apenas alguns passos à minha frente, abrindo caminho, então de repente estava de joelhos diante de mim.

— Qual? — ele perguntou, e aponte para o tornozelo esquerdo.

Ele o levantou com gentileza e removeu minha bota. Com cuidado, começou a sentir o tornozelo machucado, com dedos sensíveis e gentis.

— Nada quebrado. — Ele apertou. — Dói?

Sim, doía um pouco – embora não o suficiente para me fazer estremecer aquele tanto. Eu não disse nada – apenas balancei a cabeça afirmativamente. Afinal, ele não perguntou *o quanto* doía.

Wynn examinou a trilha à frente.

— São apenas mais alguns passos até chegarmos ao plano. Você consegue?

Eu sabia que conseguiria, mas não disse. Em vez disso, murmurei:

— Se você puder me ajudar um pouco...

Ele recolocou minha bota, deixando os cadarços soltos.

— Está muito apertado? — ele perguntou.

— Não, não, tudo bem.

— Que bom. Também não queremos correr o risco de congelar. Você está pronta?

Imaginei mancar pela trilha apoiada no braço de Wynn. *Certamente*, pensei, *nessas condições deveria ser fácil pensar na coisa certa a dizer a esse homem*. Mas, em vez de oferecer sua assistência, Wynn me pegou em seus braços em um movimento rápido e gentil. A surpresa me assustou e joguei meus braços em volta do pescoço dele.

— Está tudo bem — ele me tranquilizou. — Faltam apenas alguns passos para chegarmos no terreno plano.

— Mas eu...

— Eu poderia jogá-la por cima do meu ombro e carregá-la no estilo homem morto — ele brincou.

— Eu acho que preferiria... — diria “caminhar”, mas isso não era

verdade, então parei.

— Eu também, Elizabeth — disse ele com um sorriso lento e olhou profundamente nos meus olhos.

Foi quando eu deveria ter feito meu pequeno discurso, mas meu cérebro estava cansado e meus lábios dormentes. Só conseguia pensar naquele momento – nada mais – e descansei minha bochecha contra o casaco dele, e me permiti essa felicidade que no futuro seria uma linda lembrança.

Logo estávamos na encosta onde Jon e as crianças ainda andavam de trenó. Wynn me colocou no chão, cauteloso para que não colocasse meu peso sobre o pé esquerdo. Ainda confusa, não consegui me lembrar qual pé deveria estar machucado, e tive que olhar para minha bota para ver qual tinha os cadarços desamarrados.

Ficamos sem conversar por vários minutos. Quando ele me fez sentar em um tronco, sua bochecha roçou levemente a minha, e eu temia que ele certamente ouvisse o palpitar do meu coração.

— Como está? — ele perguntou. — Espero não ter piorado.

— Ah, não. Você foi muito cuidadoso. Não sei como você pode ser tão... — Eu não conseguia terminar.

— Vamos levá-la para casa o mais rápido possível — prometeu e acenou para William, que subiu a encosta com o trenó.

Wynn insistiu que eu voltasse para casa no trenó e não pude recusar. Insistir em andar teria revelado o meu estratagema, então fui no trenó, me sentindo tola e enganosa.

Quando chegamos em casa, Wynn me carregou e me deitou no sofá. Ele sugeriu que bolsas de gelo poderiam deixar meu tornozelo mais confortável. Logo ele teria que ir trabalhar, então não podia ficar para a noite. Depois de prometer voltar para ver como eu estava assim que tivesse uma oportunidade, ele foi embora.

Eu fingia mancar sempre que me movia pelo resto do dia. Era difícil impedir Jon e Mary de chamar um médico. Eu morreria de vergonha se alguém tivesse sido convocado no dia de Natal para ver minha “lesão”. Quando a hora de dormir finalmente chegou, fiquei aliviada por levar meu tornozelo perfeitamente fino e minha consciência culpada para a privacidade do meu próprio quarto.

Fui dormir atribulada. Pude sentir novamente a aspereza do casaco de lã de Wynn contra minha bochecha e a força de seus braços me apoiando quando me carregou. Percebi que, sem querer, havia me apaixonado pelo homem; e eu poderia ter perdido minha única oportunidade de defender meu caso. Ainda assim, se um homem estava determinado a não cuidar de uma mulher, o que ela poderia dizer para fazê-lo mudar de opinião? Eu não tinha ideia, nunca tendo

estado em tal posição até agora. Por um momento desejei ter aprendido algumas das manobras femininas que Julie usava com tanta segurança, e depois me repreendi. Já tinha usado mais truques do que me sentia confortável. O que estaria me levando a parecer tão falsa? Fiquei vermelha de vergonha. Nunca mais recorreria a essas táticas desonestas.

Capítulo 33

A Confissão

Na manhã seguinte, desviei suavemente as perguntas sobre o tornozelo e garanti a todos que estava tudo bem. Fiquei envergonhada por todo o caso e não estava ansiosa para discuti-lo. Mary insistia que eu repousasse; para acalmá-la e fugir da simpatia de todos, fui para a biblioteca de Jon, onde me enterrei em um bom livro.

Por volta do meio-dia, Jon entrou com um William relutante a reboque. Uma olhada e pude ver que seria uma discussão séria. Levantei-me para sair, mas Jon me parou.

— Sente-se, Beth. Vamos demorar apenas uns minutos. Não há necessidade de incomodar seu tornozelo.

Lá estava novamente – meu pobre tornozelo. Corei e fiquei feliz que o livro escondesse meu rosto. Minha culpa certamente deve ter aparecido.

Jon sentou-se e puxou William para si.

— Agora, filho, que explicação você tem? Você percebe que o que fez é errado?

— Sim.

— Você percebe que o que fez é pecado?

— Não é tão errado.

— Sim, é. Deus disse: “Não”, mas você fez. Isso não faz com que seja pecado?

— Bem, não foi um pecado muito grande — argumentou William.

— Não há pecados grandes ou pequenos, filho. Deus não os dividiu dessa maneira. Pecado é pecado. Você sabe o que Deus sente a respeito do pecado?

William assentiu afirmativamente, mas o olhar teimoso permaneceu em seus olhos.

— Ele não gosta.

— Certo – Ele não gosta. Você sabe por que Ele odeia tanto?

— Porque Ele é Deus? — William perguntou.

— Sim, Ele é Deus, e Ele é justo, puro e bom. Não há nada falso, errado ou enganoso no caráter de Deus. Mas acho que há uma razão ainda maior por que Deus odeia tanto o pecado.

Os olhos de William estavam arregalados enquanto estudavam o

rosto de seu pai.

— É porque o pecado lhe custou a vida de Seu Filho, Jesus. Deus decretou que a recompensa do pecado é a morte. O homem pecou – mas Deus ainda assim o amou. Deus não queria que o homem morresse no pecado, então providenciou um substituto. Se o homem aceitasse o fato de que outro havia morrido em seu lugar e sentisse pesar por seu pecado, Ele não teria que morrer.

— Eu sei disso — disse William, com os lábios tremendo. O braço de Jon passou pela cintura do filho.

— Muitas vezes — continuou Jon — as pessoas pensam que foram apenas os grandes pecados, como assassinatos e idolatria, que fizeram a morte de Jesus ser necessária. Mas não, filho. Foi e é todo e qualquer pecado. Se houvesse outra maneira, se nosso Deus Santo pudesse ter ignorado o pecado, piscado, virado a cabeça, ou fingido que aquilo não tivesse acontecido ou não tivesse importância, então Ele nunca, jamais enviaria Jesus para morrer! Deus amava Seu Filho – mas a morte de Seu Filho foi a única maneira de Ele nos poupar da sentença de morte que merecemos. Ele nos ama! É por isso que Deus odeia o pecado – todo pecado, porque significou a morte de Seu Filho. E se ainda nos apegarmos ao pecado, quer dizer que não valorizamos o que Jesus fez por nós.

— Mas eu valorizo — protestou William. — Eu não quis ferir Jesus – honestamente. — Uma lágrima escorreu por seu rosto. Jon puxou o garoto para perto.

— Eu sei que não, filho. Costumamos ferir a Deus sem querer. Agora eu quero que você diga para Deus que você não quis fazer isso e que sente muito, e que com a ajuda Dele você não fará isso de novo. Depois disso, vamos conversar com Stacy.

— Eu tenho que conversar? — William implorou. — Eu tenho mesmo que ir falar com Stacy? Vou falar com Deus, pai, você não pode falar com a Stacy?

— Não, filho. Parte de ser perdoado é consertar as coisas. Deus sempre pede isso de nós. Isso se chama “restituição”. Se Jesus se dispôs a pagar a sentença de morte por nós para deixar as coisas certas entre nós e Deus, então não é demais que Deus peça que deixemos as coisas certas entre nós e quem quer que tenhamos prejudicado.

Eles se ajoelharam junto à poltrona de Jon, e William, choroso, pediu perdão a Deus. Depois, de mãos dadas, saíram da sala para falar com Stacy, a auxiliar de cozinha.

Eu não descobri o que William fez de errado. Isso não parecia importante – o que atormentava minha consciência era minha desonestidade do dia anterior. Eu olhei para o meu tornozelo sentindo

um ódio pelo membro ofensor; então me lembrei de que não era o tornozelo que estava com defeito.

Fui chamada para almoçar. William apareceu à mesa sem vestígios de lágrimas. Na verdade, ele parecia mais feliz do que o normal, e quando Stacy serviu a sobremesa, notei que William recebeu uma porção maior que o habitual. William percebeu e sorriu para Stacy. Ela piscou – sempre tão rápida e dissimuladamente. Arrependimento, confissão e restituição. William sabia tudo sobre os benefícios, enquanto eu ainda, miseravelmente, me contorcia na cadeira.

Depois do almoço, fui para o meu quarto. Minha batalha durou quase a tarde toda. Eu era como William. Não me importava em contar meu mal a Deus, mas e quanto a falar com Wynn? Só esse pensamento fazia minhas bochechas queimarem. No entanto, por mais que implorasse o perdão de Deus, não sentia paz no coração. Confissão – confissão – continuava ecoando em minha mente. Finalmente joguei-me na minha cama em desespero.

— Deus, foi uma coisinha tão tola — implorei. *“Foi errado”*, minha consciência respondeu.

“Sim, foi errado.”

“Foi pecado. Você escolheu fazer alguém acreditar em uma mentira.”

“Mas essa inverdade não vai ferir ninguém.”

“Como você pode falar de ferir? Custou a vida de Jesus.”

“Mas, por favor, não me faça falar com Wynn, não com Wynn. Você sabe o que ele vai pensar de mim?”

“Você se importa com o que Deus pensa de você?”

“Claro, mas...”

Chorei, implorei, argumentei, mas finalmente cedi.

“Ok, se é isso que deve ser, confessarei a Wynn na minha primeira oportunidade.”

A paz chegou, mas meu pavor do encontro com Wynn não foi embora.

Não precisei ficar triste por muito tempo, pois Wynn apareceu naquela noite para verificar meu tornozelo “ferido”. Ele disse que não ia ficar, estava apenas passando. Depois de trocar algumas palavras com Jon e Mary, ele pegou seu chapéu de inverno e se preparou para sair. Engoli em seco e me levantei. Meu rosto estava quente e minha garganta seca.

— Eu preciso vê-lo por um momento, por favor.

Houve apenas uma leve de surpresa – ou preocupação – em seu rosto.

— Claro.

Abri caminho para a biblioteca de Jon, certificando-me de que eu não favorecia meu tornozelo “machucado”. Uma vez lá dentro, fechei a porta e o encarei. Eu queria fugir, esconder meu rosto, mentir de novo – qualquer coisa, menos encarar aquele homem com a verdade. Antes que eu pudesse mudar de ideia e fazer qualquer uma dessas coisas, mergulhei.

— Tenho uma confissão – sobre meu tornozelo. Eu não o machuquei. Eu fingi. Está tudo bem... eu... — baixei o olhar. Já não podia olhar para aqueles honestos olhos azuis. Me afastei um pouco dele. — Eu não pensei que você me carregaria. Eu só queria – um pouco – um pouco mais de tempo... — Eu sabia que tinha que ser honesta, por mais que isso me humilhasse. — Agi como uma criança boba — eu disse, me forçando a olhar diretamente nos olhos dele. — Eu acho – eu acho – eu – eu queria sua atenção – e eu – eu não sabia mais como consegui-la. Eu sei que foi tolice – e me desculpe.

Wynn estava olhando diretamente para mim. Seus olhos não me desprezavam nem zombavam, nem ele parecia chocado ou enojado. Havia um entendimento – e, sim, uma suavidade que eu não esperava ver. Eu me afastei dele para não fazer algo muito tolo – como chorar ou me jogar em seus braços.

— Confessei minha desonestidade a Deus – e pedi o Seu perdão. Ele me concedeu graciosamente. Agora... — minha voz era quase um sussurro. — Agora, também gostaria de pedir seu perdão.

Senti as mãos de Wynn nos meus ombros e ele me virou gentilmente para encará-lo.

— Elizabeth — ele disse suavemente —, eu não posso te dizer o quanto respeito você pelo que acabou de fazer. Poucas pessoas... — Ele hesitou um momento. — Você pediu meu perdão. Eu dou – de bom grado, e agora eu devo pedir o seu.

Eu sei que a surpresa ficou evidente no meu rosto.

— Elizabeth, examinei seu tornozelo, lembra?

Eu assenti.

— Foi minha escolha carregá-la, certo?

Eu apenas olhei para ele, incapaz de seguir seu pensamento.

— Elizabeth, sou treinado em primeiros-socorros – para reconhecer fraturas, lesões e torções...

Então entendi.

— Você *sabia*?

Ele assentiu, seus olhos não deixando os meus. Eu me afastei dele, confusa. O que ele estava dizendo? Ele sabia que meu tornozelo não estava ferido quando examinou, e ainda me carregou e me segurou contra seu peito. Seria para me envergonhar? Para ver até onde eu deixaria a farsa ir?

— Por quê?

Enquanto eu falava, minhas costas ainda estavam em sua direção. Ele andou até a janela e ficou olhando a escuridão.

— Por quê? — ele ecoou. — Eu acho isso bastante óbvio.

Ele ficou parado por um momento e depois seu humor sombrio mudou. Voltou-se para mim, com o chapéu dos Montados na mão, pronto para colocar na cabeça. Eu sabia que ele estava indo embora. Um lampejo de humor voltou aos seus olhos e fez o canto de seus lábios tremer levemente.

— E, francamente, Elizabeth — disse com aquele sorriso controlado —, nunca desfrutei tanto de um momento.

E com um leve aceno de cabeça ele partiu, e a porta se fechou suavemente.

Capítulo 34

De volta a Pine Springs

Reencontramo-nos várias vezes naquela semana. Não mencionamos meu tornozelo nem ficamos sozinhos. Todo o nosso tempo juntos era compartilhado com Jon, Mary ou uma das crianças.

Mas aprendi muito à respeito dele; que amava pessoas, tanto jovens quanto velhas; que era respeitado por brancos e índios; que era culto: parecia saber um pouco sobre quase tudo; que lia muito e podia conversar sobre ciência tão facilmente quanto recitar poesia; que tinha uma fé profunda e sólida em Deus; e tinha como missão ajudar àqueles que muitos acreditavam ser cidadãos de segunda categoria. Quanto mais eu o conhecia, mais o admirava, e o que antes era uma paixão se transformava diariamente em um sentimento muito mais profundo e permanente.

Ele era gentil comigo, e até solícito. Ele até parecia gostar da minha companhia, mas nunca me deu motivos para acreditar que havia mudado de ideia quanto à convicção de que o casamento não era prudente para um Montado.

Eu não conseguia entender como um homem poderia ser tão teimoso.

Se não tivesse aprendido a amá-lo tanto, raivosa e dolorosamente o teria tirado de meus pensamentos.

Relutantemente, arrumei minhas malas e me preparei para minha viagem de volta à Pine Springs. O Sr. Laverly prometeu que alguém me recepcionaria em Lacombe.

Passei toda a longa jornada tentando entender melhor meus sentimentos por Wynn. Não foi nem um pouco difícil para mim entender por que uma mulher se apaixonaria por um homem como ele – mas por que ela deveria persistir contra uma parede de determinação e teimosia em permanecer solteiro estava além da minha compreensão. *Talvez, eu pensei, preferisse sua companhia educada e agradável à alternativa de não estar com ele.*

Bill Laverly estava na plataforma, seu sorriso de orelha a orelha, quando desci do trem. Ele era a última pessoa que queria ver, mas o que eu poderia fazer? Ele carregou minhas malas e me soterrou com uma manta de pele de urso, *demorando muito tempo no processo*, pensei.

Ele havia convencido o pai a comprar uma charrete leve e eu sabia, antes mesmo de sairmos da cidade, que aquela seria a carona da minha vida. Bill deu uma chicotada nos animais e nos afastamos, criando um redemoinho de neve, com sinos tocando e cavalos bufando. Meu único consolo era que, quanto maior a velocidade, mais cedo eu estaria em casa e longe da companhia daquele homem sorridente e louco por corrida.

Ele parecia olhar para mim continuamente e ajustar as peles de urso, mas quando se atreveu a colocar o braço por trás do meu assento, eu tracei uma linha. Afastando-me dele, informei-lhe que ficaria muito mais confortável se ele usasse as duas mãos para guiar a parelha.

Quando entramos na estrada que dava acesso à minha casa, notei fumaça saindo da chaminé. *Certamente Bill não acendeu o fogo antes de partir*, foi o meu primeiro pensamento. Bill pode ter um rosto bonito, mas inteligente não era.

Depois que parou os animais, levantando um turbilhão de neve, ele tirou minhas malas, entregou-as para mim e, em seguida, assobiando, direcionou sua parelha galopante para casa.

— Até mais! — gritou por cima do ombro, com um sorriso largo ainda espalhado em seu rosto.

Quando entrei em minha casinha, foi fácil dizer quem esteve ali. O fogo crepitava alegremente, os mantimentos estavam arrumados ordenadamente no armário, e minha mesa estava enfeitada com café fresco – a especialidade de Anna. Uma pequena panela de cozido fervia no fogão e a chaleira zumbia alegremente. Que bom ser recebida em casa, e quão fria e miserável seria uma casa sem ocupantes ou fogo por duas semanas.

Enquanto comia o cozido quente e o pão fresco, minha mente deu uma guinada completa. Estava ansiosa para voltar para meus alunos e para a sala de aula. Vislumbrei seus rostos brilhando à minha frente e pensei nas realizações e nas necessidades de cada um. Eu tinha orgulho dos meus alunos. Eles já haviam progredido muito no curto espaço de tempo que passamos juntos! Prometi que daria o meu melhor por eles nos próximos meses.

Capítulo 35

A Primavera

Os alunos pareciam compartilhar do meu entusiasmo. Os meses seguintes passaram muito rápido, com nossa total concentração no nosso ensino e aprendizado.

Em março, tivemos a visita do inspetor distrital. Não sei quem estava mais nervoso – se meus alunos ou eu.

O Sr. Matthews, um homem alto e magro com o rosto comprimido, olhos rápidos e escuros e uma voz aguda, falou alto, como se isso lhe desse autoridade adicional. Durante toda a aula naquele dia, pude notar seus olhos afiados em mim, desagradáveis, investigativos e até desafiadores. Na hora do almoço eu já estava exausta, mas ele puxou um banco para perto da minha mesa e começou a me entrevistar.

À tarde, ele voltou sua atenção para meus alunos, questionando-os e convidando-os a fazerem somas ou leituras. Observei aquelas pobres crianças assustadas se contorcerem e suarem, e desejei, tanto por elas quanto por mim, que o homem fosse embora. Eventualmente ele se foi, e todos nós suspiramos e depois rimos juntos em um esforço de aliviar nossa tensão. Eu liberei a classe mais cedo.

No dia seguinte, tive outra visita. Wynn veio ver Phil e Lydia, então parou na escola para entregar uma carta de Mary. Queria poder convidá-lo para a minha casa, para jantar ou pelo menos um chá, mas sabia que isso era proibido e talvez imprudente. Conversamos sobre diversos assuntos, e ele esperou enquanto eu escrevia uma nota rápida para que levasse de volta para Mary. Ele ainda não havia sido resignado. Assim como meu coração cantou com as notícias, ele parou a música, informando-me que em breve chegaria, embora não soubesse quando. Um dos outros companheiros havia acabado de partir para Lac La Biche, ele me informou, e outro Montado que estava em Calgary por três anos havia acabado de ser enviado para Grouard, no Lago Lesser Slave.

— Eles tinham famílias? — perguntei – não “esposas”, mas “famílias” – esperando que Wynn não adivinhasse meus pensamentos.

— McKenzie, sim – esposa e um filho.

— Eles se importam de ir?

— Ela não parecia se importar, mas já estive no Norte antes.

Um ponto para mim, pensei. Ele teve que admitir que havia pelo menos uma mulher que não se importava de ir para o Norte com o marido. Mas Wynn continuou.

— Aitcheson tinha uma namorada. Quando ele foi designado, ela cancelou o casamento.

Meu coração naufragou.

Eu queria dizer: *“Bem, algumas mulheres podem lidar com isso; outras, não”*. Mas não disse nada.

Quando Wynn saiu, ele me surpreendeu ao me elogiar, pelo menos pareceu um elogio para mim.

— Acho que a vida no campo combina com você, Elizabeth. A cada vez que te vejo, você está mais saudável e bonita.

Saudável e bonita! Não era exatamente como se ele tivesse me declarado linda, mas chegou perto – e vindo de Wynn, que não era de fazer elogios, decidi considerar aquilo especial.

Cantarolei feliz depois que ele saiu.

A chegada da Páscoa quase me pegou de surpresa em meio às minhas ocupações. Fiz as malas para visitar Jon e Mary, antecipando um momento maravilhoso na cidade. Gostei da mudança e do fato de estar com minha família, mas o fato de Wynn passar um tempo em Regina tirou muito do prazer de minhas férias.

Mary adorava deixar escapar menções a Wynn e sua óbvia consideração por mim. Não pude ver como Mary poderia chegar a essas conclusões e desejei que ela parasse de falar bobagens. Ela parecia ser da opinião de que, se eu mostrasse a Wynn que realmente me importava com ele, ele arquivaria todas as suas opiniões anteriores sobre casamento e declararia amor eterno. Eu não me jogaria sobre nenhum homem, nem mesmo Wynn Delaney; além do mais, estava convencida de que fazer isso não faria nada além de me fazer parecer uma boba.

Passei a semana fazendo compras, lendo, brincando com as crianças e embalando a bebê Elizabeth. No final da semana, estava ansiosa para voltar para a sala de aula. Eu não pedi uma carona para o Sr. Laverly da estação de Lacombe, nem o informei sobre o trem no qual eu chegaria. Meu plano era contratar o pai de Pearlíe para me levar de automóvel. Quando desci do trem, descobri que os Clarks estavam na cidade. Eles gentilmente me ofereceram uma carona, que aceitei de bom grado.

Ao chegar à minha casa, acendi minha própria fogueira, preparei uma ceia simples e depois fui para a escola. Eu queria começar cedo os preparativos das aulas para as últimas semanas do período escolar.

Wynn me enviou um livro – ou melhor, um manual – que imaginei

ser usado pela Polícia Montada do Noroeste. Continha muitos fatos sobre Alberta, incluindo sua vegetação, animais e seu comportamento, os povos e seu modo de vida e indústria. Eu o achei fascinante, especialmente porque tinha vindo de Wynn. Sua nota curta afirmava que ele achava que eu poderia considerar a informação interessante e útil. De fato, considerei. Usei grande parte do livro nas minhas aulas. Eu e os alunos aproveitamos o clima da primavera para fazer uma caminhada pela natureza e identificar o crescimento de acordo com o manual.

Abril se transformou em maio, e maio em junho. As rosas selvagens começaram a aparecer, primeiro como flores espalhadas, e depois como muros de flores ao lado da estrada. As crianças colheram morangos, que compartilhamos comigo, entregando-os com as palmas das mãos pegajosas e sujas. Era uma época agradável do ano, e eu celebrava cada novo dia ensolarado ouvindo, vendo e respirando o verão recém-chegado.

As famílias das crianças em idade escolar iniciaram outra rodada de jantares para a professora. Eu amava. Eu amava as pessoas. Adorava visitar suas casas. Adorava os passeios sob o sol agradável até suas fazendas. Amava conversar em família ao redor da mesa. Era muito melhor do que viver e comer sozinha.

Em uma noite de sexta-feira, eu fui convidada para visitar os Blakes. Apreciamos uma agradável refeição juntos. A Sra. Blake havia feito frango assado e as meninas haviam encontrado morangos suficientes para fazer um bolinho um tanto acanhado. Fiquei um pouco mais para uma xícara de café e, em seguida, relutantemente, fui para casa.

Depois de andar pela estrada por cerca quatrocentos metros, tomei um atalho através das árvores que as crianças Blake usavam para chegar à escola. Decidi que nada seria mais agradável do que um passeio pela floresta em uma noite quente e agradável, então deixei a estrada e segui o caminho. Ainda não tinha ido muito longe quando ouvi um barulho na trilha à minha frente. Cautelosamente dei mais alguns passos; diante de meus olhos havia um urso, rolando sobre um tronco caído. Eu sabia que era um urso – não havia dúvida disso –, embora o que ele estivesse fazendo naquela floresta eu jamais pudesse imaginar. Nunca ouvi falar de terem visto um urso aqui. Tentei lembrar o que o livro de Wynn falava sobre ursos e determinar que tipo de urso era aquele, mas minha mente não funcionava.

O urso me espiou no mesmo instante em que eu o vi. Estávamos a uma curta distância um do outro. Não tinha certeza de quem havia assustado quem. De repente, o urso deu um grunhido e se levantou

nas patas traseiras. Ele parecia gigantesco. Eu quis correr, mas minhas pernas tinham virado gelatina. Quis gritar, mas minha boca não se abriu e minha garganta se fechou.

O urso ficou ali, balançando a cabeça grande para frente e para trás, farejando e rosnando, com as patas dianteiras prontas para atacar. Então ele deu um passo em minha direção, bufando – e senti meu mundo escurecer. Caí na terra em total escuridão.

Quando acordei, senti que estava me movendo, sendo carregada em braços fortes. Por um minuto aterrorizante, pensei que poderia ser o urso me levando. Lutei para recuperar a consciência. Recuperei o foco lentamente. Era Wynn.

— Fique firme, Elizabeth. Está tudo bem. — Senti seus braços ao meu redor. Encostei meu rosto nele e comecei a chorar.

Ele me levou para a estrada e depois me colocou de pé, mas não me soltou. Puxou-me para perto e me deixou tremer e chorar, até que comecei a recuperar o sentido. Durante todo esse tempo, ele me segurou e acariciou meu cabelo ou deu um tapinha no meu ombro, dizendo:

— Está tudo bem agora, Elizabeth... Você está bem... Você está comigo... Já passou... já passou.

Finalmente retomei o controle suficiente para ficar em pé e falar:

— Um urso...

— Eu sei — ele disse. — Eu o vi.

— Eu estava indo para o atalho — murmurei.

— Eu vi você.

— De onde você veio?

— Eu estava dirigindo para sua casa quando vi você sair da estrada. Deixei o automóvel e corri atrás de você, para lhe dar uma carona até em casa. Assim que te encontrei, vi...

— O urso.

— Sim, o urso. Eu ia chamá-la, mas tinha medo de que você corresse – correr é a pior coisa que se pode fazer.

— Eu não podia correr, não conseguia... — e comecei a soluçar novamente. O mundo estava girando e meus joelhos ficando fracos. Agarrei-me a Wynn, meus pensamentos voltaram ao urso lentamente avançando em minha direção.

Os braços de Wynn se apertaram sobre mim e então eu estava sendo beijada – um beijo que afastou todo o pensamento do urso da minha mente. Lentamente, meu braço envolveu a nuca de Wynn. Flutuei em um mundo onde apenas Wynn e eu existíamos, um mundo que eu nunca quis que acabasse. Mas acabou. Wynn parou de me beijar, me

abraçou e me carregou ao automóvel que estava esperando na estrada.

— Sua mãe enviou um pacote para Jon e Mary — disse ele com naturalidade enquanto caminhava. — Ela incluiu algumas coisas para você, então, como eu tinha alguns dias de folga, Jon sugeriu que tomasse emprestado o veículo dele, visitasse meu irmão e lhe entregasse os pacotes.

— Entendo — murmurei encostada na camisa de Wynn, enquanto ele me colocava no banco do carro, depois dava a volta e subia ao meu lado – mas não vi. Eu ainda estava muito ocupada lembrando de seu beijo. Eu esperava que ele ligasse o automóvel, mas não o fez. Em vez disso, ele hesitou, e ousei esperar que pudesse me beijar novamente. Contrariamente, ele limpou a garganta para falar, pegando minha mão e segurando-a.

— Elizabeth, devo-lhe um pedido de desculpas. — Assustada, voltei à consciência plena. — Eu não tinha o direito de beijar você assim – eu sei disso. Não foi minha intenção... — Ele parou e olhou para mim. — Pude ver que você estava pensando novamente naquele urso – seu rosto estava branco e seus olhos pareciam aterrorizados, e pensei que você poderia desmaiar novamente. Eu tive que fazer você pensar em outra coisa para tirar sua mente do urso; e a única coisa que eu pensei em fazer, bem, eu, eu te beijei.

Lentamente, entendi suas palavras. A princípio não fizeram sentido, mas a dor delas começou a me alcançar apesar dos meus sentidos entorpecidos. Wynn me beijou apenas pelo benefício médico de me tirar do choque.

Mas não foi assim que eu o beijei. Certamente ele estava ciente da minha resposta, minha ansiedade. Ah, sim, ele estaria ciente, e agora estava se desculpendo por ter me beijado! Ele queria ter certeza de que eu sabia que ele não queria dizer nada pessoal com o beijo e salientar que a resposta da minha parte tinha sido ridícula e sem fundamento. Ele ainda era o Sr. Montado, casado com sua profissão, e uma mera e infeliz professora não era suficiente para lhe conquistar.

Com um movimento rápido, puxei minha mão para trás.

— Ninguém deve me beijar, por qualquer motivo que seja — respondi na defensiva. — Preferiria ter sido atacada por aquele urso a ser tão... tão grata a você, Sr. Delaney!

Pulei do automóvel e corri cegamente pela vala e pela trilha de onde acabara de ser resgatada.

Lembrei-me do urso, mas com tamanha raiva estava convencida de que ele não seria páreo para mim. Ouvi Wynn chamar meu nome, mas o som só me deixou com mais raiva, e minhas lágrimas caíram mais livremente. A coragem do homem de me fazer jogar meu amor a seus

pés e depois virar as costas para mim com um pedido de desculpas banal! Eu nunca, nunca, nunca olharia para ele novamente.

Phillip Jr. levou os presentes da minha mãe para a escola no dia seguinte. O pacote só ajudou a aumentar minha nova determinação de voltar para casa. O Leste era o meu lugar.

Capítulo 36

As aulas terminam

Minha determinação de tirar Wynn da minha mente não facilitou a realização do fato. Eu pensava nele constantemente. Eu o amava, odiava, perdoava, desprezava e ansiava por ele.

Quando a última semana de aula chegou, já havia me decidido completamente. Eu voltaria para casa – voltaria para Toronto. Talvez então meu coração partido tivesse uma chance de se consertar. À noite eu arrumava minhas malas; foram meus livros, minhas roupas, o bule de porcelana, as bugigangas e as obras-primas simples que as crianças me presentearam: “para a professora com amor”. Até empacotei o banquinho, mas por que eu o guardava não tinha certeza. Eu tinha convicção de que minha mãe não aceitaria a coisa em casa.

Cada item que empacotava trazia de volta memórias, e quando cheguei às luvas de peles, meu presente de Wynn, eu não aguentei mais. Joguei-me na minha cama e me permiti o luxo das lágrimas. Eu amava este país – seu céu brilhante sem nuvens, azul, azul; o cheiro de rosas no ar; o longo e prolongado crepúsculo; até o lamento dos covardes coiotes. Eu amava as pessoas – Anna, com as mãos que sempre ofereciam algum presente; Elsa, com sua tímida ansiedade; Sr. Dickerson, com seu desejo de que as pessoas da comunidade fossem conduzidas em adoração; Sr. Laverly, que lutou por uma escola, apesar de seus próprios filhos terem passado a idade escolar; os Clarks, os Mattochs, os Delaneys, os Pastachucks, os Thebeaus e os Blakes. Eles se tornaram meus vizinhos, meu povo. Então pensei no querido, amado Andy e seus sinceros elogios pelos esforços de seus companheiros: “Você foi muito bem!”. Os soluços sacudiram meu corpo inteiro.

Poderia ter sido tão feliz aqui, lamentei interiormente.

Então, por que fugir? Perguntou minha consciência.

Eu tenho que ir, foi minha única resposta.

Fui bem avaliada como professora na semana passada. Cada conquista dos alunos, cada ato de bondade trazia um outro nó na minha garganta.

No último dia, fizemos um piquenique. Todos da comunidade estavam lá. Encheram-me de amáveis e sinceros elogios. Se eu pudesse pensar com clareza, teriam subido à minha cabeça. Repetidas vezes,

ouvi a pergunta: “*Você voltará no próximo outono, Srta. Thatcher? Você será nossa professora de novo?*”. Estava tão atordoada que só podia responder: “*Não sei – ainda não tenho certeza*”.

Todos pareceram gostar do piquenique e, desde que eu me mantivesse ocupada, eu também. No meu subconsciente, as palavras continuaram martelando: meu último dia – meu último dia. Tive que me forçar a pensar em outras coisas para não sucumbir à tentação de chorar ali, na frente de todos.

Chegou a hora de todos partirem. Minha mão tremia tanto que ficou adormecida – *tão adormecida quanto meu coração*, pensei, e então percebi que meu coração não estava adormecido afinal, porque uma dor aguda o revirava.

Abracei meus alunos mais novos e as meninas mais velhas. Muitos deles choraram, e queria chorar com eles. Os meninos apertaram rigidamente as mãos de uma maneira envergonhada, e até isso me tocou. Por fim, a última carroça se afastou do pátio da escola, seus ocupantes ainda acenando em despedida, e voltei para a sala de aula. Realmente não havia muito o que fazer, mas eu queria deixar tudo em boas condições. Eu varri, espanei, arrumei, limpei os quadros e esfreguei o chão. Quando tudo estava o mais limpo possível, dei uma última olhada em volta e, com lágrimas nos olhos, saí, fechando a porta com firmeza atrás de mim.

Passei a noite reunindo e arrumando os últimos pertences e fazendo uma limpeza completa da casa. Ficava feliz com todo o trabalho que podia encontrar, pois mantinha minhas mãos ocupadas, menos meus pensamentos.

Pouco antes de me deitar, fui ao meu baú e desembulhei o bule de porcelana, as duas xícaras e os pires, embulhei-os cuidadosamente e coloquei-os em uma pequena caixa. Tirei o banquinho também. Eu olhei para ele longa e amorosamente, e depois coloquei ao lado da porta com a caixa.

Os coiotes começaram seu coro noturno. Seus uivos não me assustavam mais; em vez disso, eles me encheram de tanta solidão que chorei com eles. *Talvez eu nunca os ouça novamente*, pensei; e sabia que sentiria falta deles.

Na manhã seguinte, toda a família Peterson me levou à estação. Eu estava tão ocupada olhando para tudo pela última vez que não fui uma companhia muito boa. De fato, ficamos todos muito quietos naquela viagem à Lacombe.

Quando chegamos à estação, Lars e o Sr. Peterson verificaram meus baús enquanto eu comprava minha passagem. Conversamos de

maneira bastante vazia por alguns minutos, e então estava na hora de eu ir embora.

Abracei Anna calorosamente.

— Eu nunca poderei lhe dizer o quanto sua amizade e consideração significaram para mim, e deixei algo na sala da casa que eu quero que você guarde. Você me deu muito e eu nunca dei nada em troca. — Anna protestou, mas continuei: — Quero que você fique com meu bule de chá e gostaria que Else e Olga ficassem com as xícaras e os pires para se lembrarem de mim. E para Lars, por transportar madeira e água, e sendo de uma ajuda tão boa para uma garota imatura da cidade, deixei meu banquinho — e para cada uma das crianças, um dos meus livros. Lars sempre se sentava no banquinho quando lia meus livros; portanto, quando ler novamente, talvez ele possa usá-lo para se lembrar do quanto esta professora pensava nele.

Então todos nos abraçamos um pouco mais e o apito do trem anunciou que em breve sairia. Eu tive que ir. O trem se afastou da estação com todos nós ainda acenando uns para os outros.

Não chorei por *tudo* o caminho até Calgary. A viagem era muito longa para isso, mas ensopei vários lenços de renda com minhas lágrimas.

Meu dia passado na casa de Jon e Mary não foi melhor. Eles tentaram me convencer a ficar, mas eu os lembrei de que meus baús provavelmente já estavam a caminho de Toronto. Eu estava com medo de que, se não tivesse tomado a ação de enviá-los para Toronto em Lacombe, eu poderia ter decidido ficar. Não poderia. Simplesmente não conseguiria ficar.

Quando Jon, Mary e as crianças me levaram à estação no dia seguinte, estávamos todos com os olhos vermelhos. Kathleen agarrou-se à minha mão.

— Eu queria que você fosse minha tia Beth para sempre — declarou ela com tristeza.

— Mas eu sou sua tia Beth para sempre.

— Mas eu queria que você fosse minha tia Beth *aqui*.

Olhei para a colina onde havíamos brincado de trenó. Do alto da encosta, era possível avistar as Montanhas Rochosas. Eu ainda não tinha feito minha viagem prometida aos riachos da montanha ou às suas encostas íngremes.

Voltarei um dia, prometi silenciosamente. Vou cumprir essa promessa, se for possível.

Mais uma vez houve despedidas chorosas. Eu abracei cada um da família: o irmão mais velho que eu aprendi a amar e respeitar; Mary, minha nova irmã de cabelos brilhantes; William, o garoto que logo se tornaria homem; Sarah, com seus modos tímidos e conquistadores; Kathleen, a amável tagarela cheia de energia; e a Bebê Elizabeth, um pacotinho de carinho e amor que levava meu nome.

— Vou sentir muita falta de todos vocês — eu disse em lágrimas.

Kathleen precisava de um último abraço.

— Volte, tia Beth, por favor, volte logo.

Prometi tentar, e então fui para a plataforma de embarque, lutando com minhas lágrimas.

— Elizabeth!

Senti uma mão no meu ombro e, através dos olhos enevoados, vi um peito revestido de vermelho e olhei para o rosto de Wynn Delaney. Seus olhos pareciam preocupados enquanto olhavam profundamente nos meus.

— Elizabeth, eu preciso falar com você.

— Mas meu trem...

— Prometo não demorar. Você ainda tem alguns minutos.

Seus olhos pareciam implorar e eu não aguentava mais olhar para ele. Baixei o olhar e assenti. Ele segurou meu braço e me levou pela multidão de volta à estação, enquanto um carregador confuso seguia com a minha bagagem.

— Dick — disse Wynn a um homem uniformizado —, preciso do seu escritório por um minuto.

O homem assentiu. Fui conduzida a um escritório e a porta se fechou atrás de mim. Wynn me virou para encará-lo.

— Elizabeth — disse ele lentamente —, eu não poderia deixar você ir assim. Estou me sentindo um miserável.

— Olha, Wynn — eu cortei apressadamente —, nós dois estávamos errados. Não deveria ter acontecido assim – mas aconteceu. Você não precisa se desculpar.

Fui me afastar dele e correr para o trem, mas ele me segurou com firmeza.

— Elizabeth, olhe para mim.

Relutantemente, levantei os olhos. Minhas lágrimas derramaram e correram pelas minhas bochechas.

— Elizabeth, devo confessar que te beijei porque quis – não apenas para poupá-la de desmaiar novamente. Mas não vim aqui apenas para me desculpar.

Meus olhos perguntaram.

— Eu vim aqui para pedir seu perdão, sim – mas eu também vim para que você não vá. Sei que parece egoísta e que não tenho nenhum direito, mas devo pelo menos lhe contar, antes que você vá – antes de decidir –, que eu te amo, Elizabeth. Quero que você fique. Quero que você considere ser a minha esposa. Sei que não tenho nada a oferecer, que eu...

Não sei que outra bobagem Wynn poderia ter declarado se eu não o tivesse impedido. Eu ainda estava refletindo nas palavras: *“Eu te amo, quero que você considere ser a minha esposa.”*. E com um gritinho alegre, me joguei em seus braços.

— Oh, Wynn! — Eu chorei, e minhas lágrimas se derramaram livremente em seu casaco vermelho até que ele levantou meu rosto e começou a me beijar.

Quando ele parou e olhou para mim, eu estava sem fôlego e corada de felicidade.

— Ainda não sei para onde serei designado.

— Não importa! Você não vê? Isso realmente não importa.

— Eu acredito em você. De alguma forma, eu acredito em você. — E ele me beijou novamente.

Sua próxima pergunta fez meus olhos brilharem ainda mais.

— Que tal uma lua de mel naquelas Montanhas Rochosas – ao lado de um riacho?

— Oh, Wynn, eu adoraria. Eu adoraria! Podemos?

Então ouvi o apito agudo do trem e percebi que estava ficando mais longe.

— Oh, querido... — disse, olhando para Wynn consternada.

— O que foi?

— Acredito que meu trem acabou de partir sem mim.

Wynn sorriu seu sorriso lento e deliberado.

— Não é “vergonha”? — disse ele com alarme exagerado.

Então comecei a rir – uma risada suave e extremamente alegre.

—Você sabe — eu disse — que meus pobres e velhos baús se foram para o Leste sem mim?

Ele me puxou para perto e riu comigo, beijando minha testa.

— Espero que você tenha alguns pertences, Elizabeth.

— Apenas minhas duas malas.

— Vamos seguir em frente e pedir que enviem de volta seus baús, porque não vou deixar que você vá atrás deles. Com ou sem baús,

você fica aqui – onde é o seu lugar.

Não tive objeções.

FIM

A AUTORA

J

ANETTE OKE nasceu em Champion, Alberta. Seus pais eram fazendeiros canadenses, e ela cresceu nas pradarias em uma família numerosa, cheia de risos e amor. Graduou-se no Mountain View Bible College em Alberta, onde conheceu seu marido, Edward; eles se casaram em maio de 1957. Após pastorear igrejas em Indiana e no Canadá, os Okes passaram alguns anos em Calgary, onde Edward trabalhou em universidades em várias funções, enquanto Janette continuava a escrever. Ela escreveu quarenta e oito romances adultos e outros dezesseis infantis, e seus livros somam aproximadamente trinta milhões de cópias vendidas.

Os Okes têm três filhos e uma filha, todos casados, e estão curtindo seus quinze netos. Edward e Janette são ativos em sua igreja local e moram perto de Didsbury, Alberta.

[1] *O menor dos três territórios federais do Canadá.*

[2] *Pássaro de peito vermelho.*

[3] *Os ventos Chinook são os ventos föhn no interior do oeste da América do Norte, onde as pradarias canadenses e as Grandes Planícies encontram várias cordilheiras.*

[4] *Marca de chapéu fundada em 1865 por John B. Stetsons.*

[5] *Arco e Cotovelo.*

[6] *Corvo Vermelho.*

[7] *Pé Preto.*

[8] *Escritores de poesia romântica.*

[9] *Uma fábrica de brinquedos chamou de Teddy Bear sua produção de ursos de pelúcia, em homenagem ao então presidente Theodore Roosevelt, que em uma caçada em sua honra em 1902, recusou-se a matar um urso encurralado.*

Table of Contents

PREFÁCIO

CAPÍTULO UM ELIZABETH

CAPÍTULO DOIS O PRIMEIRO PASSO

CAPÍTULO TRÊS A CAMINHO

CAPÍTULO QUATRO CALGARY

CAPÍTULO CINCO FAMÍLIA

CAPÍTULO SEIS APRESENTAÇÕES

CAPÍTULO SETE O PLANO DO SR . HIGGINS

CAPÍTULO OITO A NOVA ESCOLA

CAPÍTULO NOVE O DESERTO

CAPÍTULO ONZE OS PETERSONS

CAPÍTULO DOZE INDO À CIDADE

CAPÍTULO TREZE SÁBADO

CAPÍTULO CATORZE DOMINGO

CAPÍTULO QUINZE AS AULAS COMEÇAM

CAPÍTULO DEZESSETE CULTO DE DOMINGO

CAPÍTULO DEZOITO CARTAS

CAPÍTULO DEZENOVE A CAÇADORA DE RATOS

CAPÍTULO VINTE UM VISITANTE

CAPÍTULO VINTE E UM ALUNOS

CAPÍTULO VINTE E DOIS O FOGÃO DA ESCOLA

CAPÍTULO VINTE E TRÊS PLANOS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO NAPOLEÃO

CAPÍTULO VINTE E CINCO A FESTA BENEFICENTE

CAPÍTULO VINTE E SEIS ANDY

CAPÍTULO VINTE E SETE FÉRIAS ESCOLARES

CAPÍTULO VINTE E OITO DEE

CAPÍTULO VINTE E NOVE VOLTA ÀS AULAS

CAPÍTULO TRINTA O PROGRAMA DE NATAL

CAPÍTULO TRINTA E UM A VÉSPERA DE NATAL

CAPÍTULO TRINTA E DOIS O DIA DE NATAL

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS A CONFISSÃO

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO DE VOLTA À PINE SPRINGS

CAPÍTULO TRINTA E CINCO A PRIMAVERA

CAPÍTULO TRINTA E SEIS AS AULAS TERMINAM

FIM

A ESCRITORA